

O Saque ao Funchal em 1566 e as suas Repercussões no Reinado de D. Sebastião¹

The Plundering of Funchal in 1566 and its Repercussions in the Reign of King Sebastian

António Brehm²

Cristina Trindade³

Resumo

Em 1566 um evento terrível ocorreu na Madeira, com uma incursão por um bando de piratas capitaneados pelo francês Peyrot de Monluc. É talvez o único evento significativo relacionado com pirataria no arquipélago, o qual era, de resto, sobejamente conhecido por alguns dos mais famosos piratas e corsários, berberescos ou europeus. Apesar de Monluc ter morrido na investida, os seus companheiros realizaram um saque generalizado no Funchal, tendo depois zarpado incólumes. A investida à Madeira teve o apoio de pilotos portugueses, os quais viriam anos mais tarde a ser capturados e justicados. Na sequência deste evento, é enviada uma frota para ir no encalço dos piratas que, ao chegar ao Funchal, acabou por realizar um saque quase tão grave quanto o perpetrado pelos piratas. A corte portuguesa haveria nos anos seguintes de pedir reparações a França pelo sucedido, sem nunca ter sido ressarcida. D. Sebastião, pouco desejoso de contrair matrimónio com Margarida de Valois, irmã do rei de França, haveria de usar o saque do Funchal e a falta de reparações por parte de França para declinar qualquer conversação relativa ao projetado matrimónio.

¹ Os autores estão agradecidos ao Doutor Rui Carita pela discussão e revisão do manuscrito.

² Professor catedrático na Universidade da Madeira. Os seus inúmeros trabalhos sempre foram orientados para a genética molecular, com vista à caracterização dos portugueses. Através do estudo do património genético das populações, é possível inferir uma significativa componente história relacionada com os movimentos migratórios, de povos com uma origem muito diversa. O seu recente livro, *Chronica de El Rey D. Sebastião*, foi a sua primeira incursão na transcrição e análise de códices históricos. É investigador do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – Universidade de Lisboa, pólo da Universidade da Madeira). Contacto: brehm@uma.pt.

³ Professora do ensino secundário com mestrado e doutoramento em História Moderna. Especialista em História Religiosa, tem produzido trabalhos nessa área. É investigadora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – Universidade de Lisboa), coordenadora executiva do *Dicionário Enciclopédico da Madeira* e colaboradora em diversos outros projetos desenvolvidos por aquele centro de estudos. Contacto: trindadeanacristina@gmail.com.

Palavras-chave: Madeira; Piratas; Peyrot de Monluc; D. Sebastião.

Abstract

In 1566 a terrible event occurred in Madeira, with a raid by a band of pirates captained by the French Peyrot de Monluc. It is perhaps the only significant event related to piracy in the archipelago which was, moreover, well known by some of the most famous pirates and corsairs, Berbers or Europeans. Although Monluc died in the onslaught, his companions made a general plunder in Funchal, and then set sail unscathed. The onslaught on Madeira had the aid of Portuguese pilots, who would later be captured and hanged years later. Following this event, the court sent a fleet to go after the pirates, but upon arriving in Funchal, ended up looting almost as severe as the one perpetrated by the pirates. In the following years, the Portuguese court would seek reparations from France for what had happened, without ever having been compensated. King Sebastian, unwilling to marry with Margarida de Valois, sister of the King of France, would use the sack of Funchal and the lack of reparations on the part of France to decline any conversation regarding the projected marriage.

Keywords: Madeira; Pirates; Peyrot de Monluc; King Sebastian.

Curso e a Pirataria. Breve Enquadramento da Questão

Em 1932, Philip Gosse, historiador inglês e autor de uma *História da Pirataria*, abre o texto dessa obra com esta afirmação liminar: «A pirataria, como o assassinato, é uma das mais antigas atividades humanas»; e com ela remete a origem daquelas práticas depredatórias para o momento em que, na História, surgem o comércio e as viagens marítimas para o realizar⁴. Pirataria e curso são iniciativas semelhantes nos efeitos, mas diferentes no enquadramento jurídico. O curso é uma depredação autorizada pelo Estado, que a sanciona mediante um imposto, enquanto a pirataria permanece no domínio da iniciativa privada e ilegal, e ambas se exercem nos diversos mares do mundo⁵.

No caso que aqui interessa, e que diz respeito a Portugal e ao seu enquadramento geográfico e económico, é sabido que os ataques de piratas berberes às costas do país eram muito frequentes durante a primeira dinastia, o que vem justificar que D. Dinis (1261-1325) diligencie a construção de uma marinha de guerra nacional, entregue ao almirante Pessanha, e que aluda a «vassalos corsairos», homens seus mandatados para perseguir embarcações consideradas inimigas⁶.

⁴ GOSSE, 1947, *Los Corsarios Berberiscos. Los Piratas del Norte (Historia de la Pirateria)*, traduzido para o espanhol nessa mesma data.

⁵ A própria etimologia das palavras pirata e corsário, *peiratés* no grego, *cursus* no latim, remete para a mesma figura: a do homem que persegue a fortuna no mar. Cf. DUARTE, 1985, «Crimes do mar e justiças da terra», p. 44.

⁶ PELÚCIA, 2016, «Curso e Pirataria», p. 309.

A cada vez mais forte afirmação de Portugal como um país de vocação marítima acabará por acarretar um alargamento da área em que se praticava a pirataria, a qual passou a abranger o chamado Mar das Éguas, que banha o sul de Portugal e o noroeste de Marrocos, o Estreito de Gibraltar e até a zona ocidental do Mediterrâneo. É, de resto, a pressão que a pirataria berbere exerce sobre o comércio naval português que configura uma das razões para a tomada de Ceuta, em 1415, episódio que, como é bem sabido, está na génese do império português. A constituição desse império irá, por seu turno, ampliar enormemente a problemática da pirataria e do corso, desdobradas nas suas duas faces: aquela em que Portugal é agressor e a outra em que é vítima. A ligação da coroa portuguesa a atividades corsárias está bem documentada, como se constata, por exemplo, pelo facto de dois filhos de D. João I, os infantes D. Pedro e D. Henrique, terem tido cartas de corso.

A partilha do mundo entre portugueses e castelhanos ratificada pelo Tratado de Tordesilhas (1494) será outro dos fatores responsáveis pelo incremento de atividades piratas em mares progressivamente mais amplos, uma vez que, quer a riqueza transportada nas naus ibéricas, quer a não aceitação por outros povos europeus dos termos do Tratado, serão fatores de promoção de uma cada vez mais intensa atividade de corso e pirataria. Quando Francisco I, rei de França, afirma em 1540 desconhecer o ponto do testamento de Adão que sanciona aquela divisão do mundo, ou quando Hugo Grócio publica, em 1609, o seu *Mare Liberum*, que advoga a liberdade de navegação por oposição ao *Mare Clausum* ibérico, estão no fundo a reivindicar para os seus povos o mesmo direito a sulcar os mares, e se o não pudessem fazer por meios lícitos, não se inibiriam de proceder por caminhos mais ínvios⁷. A Inglaterra, que também não se encontrava nos lugares da frente da epopeia dos descobrimentos, seguiria o exemplo de franceses e holandeses; nos inícios do século XVI, já se encontram embarcações de todos estes países a atacar as cobiçadas naus e até praças ibéricas. A este conjunto de fatores que explicam o crescente movimento de pilhagem nos mares vem, ainda, juntar-se um outro, de ordem religiosa, pois o facto de a Inglaterra e a Holanda se terem tornado protestantes, e a França também se encontrar dividida entre católicos e huguenotes, surge como elemento a acrescentar às motivações habituais do corso e da pirataria, perpetrados agora contra países que se mantiveram fiéis a Roma.

⁷ Outra demonstração do sentir dos franceses em relação àquela divisão do mundo que lhes repugnava pode encontrar-se nas *Memoires* de Blaise de Montluc, pai do líder do saque ao Funchal, de 1566, quando afirmava que «à voir et ouyr ces gents [os portugueses os castelhanos] on droit que la mer est a eux». Blaise de Montluc citado por NASCIMENTO, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», p. 7.

1. O Corso e a Pirataria com D. Sebastião. A Relação com França

Por todas as razões acima apontadas, no século XVI a pirataria e o corso estão no auge e constituem uma boa parte da economia paralela, escondida, mesmo subterrânea, de países como a França que tinham o acesso aos territórios ricos de além-mar muito dificultado por portugueses e espanhóis. Tratava-se de uma atividade parasitária que gerava milhões de lucros garantidos. Henri Lorin coloca o problema admiravelmente, falando da Gasconha de Seiscentos, a principal porta de entrada em França de produtos exóticos:

«Bordeaux pratiquait avec les pays d'outre-mer des échanges plus discrets et plus lucratifs; ce mouvement n'apparaît pas à la grande lumière; il faut, pour le deviner, s'enfoncer dans les ruelles des vieux quartiers, pénétrer dans la demi-obscurité des comptoirs laborieux et modestes: là, dès le XVI^e siècle, on gagnait beaucoup d'argent et la spéculation, luxe des enrichis, s'appelait alors la piraterie; les minutes jaunies des archives notariales révèlent la solidité, la continuité de ces fortunes de négociants.»⁸

É dos aventureiros, que nos breves períodos de paz se lançavam pelo mar fora em busca de aventuras e de dinheiro fácil, que provém a reputação legendária dos “Cadets de Gascogne”, esse corpo expedicionário de jovens intempestivos saídos das mais finas famílias da Gasconha e um dos mais conhecidos regimentos de Luís XIII. São os comerciantes que, em regra, alimentam este tráfico marítimo ilegal de mercadorias, que não conhece pavilhão nem distingue países amigos de inimigos. Pirataria e corso, como vimos, não são sinónimos. O primeiro equivale a banditismo e não é chancelado por qualquer governo.

Não era só gente anónima que se dedicava à pirataria, pois até algumas instituições, mesmo de carácter religioso e de boa reputação, o faziam. É assim, por exemplo, com a Ordem de Malta, que tanto combatia navios de infieis como de cristãos, que eram igualmente apetecíveis, ao ponto de La Valeta se tornar, a partir de 1566, numa das principais cidades dedicadas a esta atividade, a par com Nápoles, Palermo, Maiorca, Valência, Trípoli, Argel, Tunes, Tetuão ou Larache. A linha que divide a pirataria do corso é extremamente ténue e podemos dizer que este último é uma atividade de pirataria, mas com o acordo do estado. O corso é assim uma guerra lícita, legalizada por instruções, patentes e cartas, tem regras. Trata-se de uma aventura que não tem pátria, nem religião. Como diz Braudel, é ofício, meio de vida⁹. É a forma das coroas, sem despender um soldo, mas antes lucrando com ela, manterem os vizinhos sob pressão. No caso da França, é a

⁸ LORIN, 1904, *Note sur les relations coloniales de Bordeaux à l'époque de Charles IX*, pp. 729-742.

⁹ BRAUDEL, 1984, *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na época de Filipe II*, vol. II, pp. 231 e seguintes.

forma de desestabilizar a costa africana e ainda arrecadar alguma percentagem sobre os bens apresados e transacionados no seu território. No século XVI, os espanhóis falam de pirataria francesa, holandesa e mesmo inglesa no Atlântico, mas em relação ao Norte de África preferem apelidá-la de corso berberesco. Nas palavras de Braudel, o corso é uma pirataria antiga, envelhecida no local, com os seus usos, os seus compromissos, as suas negociações¹⁰. Esta complementaridade entre ladrões e roubados faz que muitas vezes estes últimos acabem por comprar os produtos que acabam de lhes ser extorquidos¹¹.

Os apresamentos e pilhagens de navios no Atlântico, sobretudo envolvendo franceses, são tão antigos que chegam a ser anteriores aos primórdios das nossas explorações marítimas. Já em 1407, o rei de França pedia a Portugal que nomeasse um comissário para poder resolver um diferendo com piratas de La Rochelle que teriam apresado dois navios, um de catalães e outro de portugueses, fazendo crer que se tratavam de barcos ingleses. A nomeação de comissários para resolver estas disputas continuaria ao longo do século XV¹². No século XVI foram constantes os desentendimentos entre Espanha e França por causa do corso que uns faziam sobre os outros. Na correspondência oficial vemos muitas vezes queixas de Carlos IX para o Rei Católico pedindo a restituição de mercadorias e navios com destino a França e que eram confiscados quando passavam perto da costa de Espanha. Se bem que a maioria dos corsários fosse, sem dúvida, constituída por súbditos franceses, Catarina de Médicis protesta junto do embaixador castelhano, D. Francés de Alava, contra os apresamentos e depredações a que os seus súbditos estavam sujeitos¹³. O contrário também acontecia,

¹⁰ BRAUDEL, 1984, *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na época de Filipe II*, vol. II, pp. 231 e seguintes.

¹¹ Um bom exemplo disto mesmo é deixado por Gaspar Frutuoso que, no episódio em que descreve o saque de 1566, a que adiante nos referiremos, dá conta de que os piratas, nas vésperas da retirada do Funchal, «mandaram lançar bando que toda a pessoa que quisesse comprar trigo e vinho e porcos e bestas asnaís, e resgatar seus cavalos, pudessem ir ou mandar comprar o trigo a real de prata o alqueire, e a pipa de vinho a mil reis [...]; e quem isto quisesse podia ir de paz seguro, sem armas, com dinheiro na mão; e não querendo lhes faziam saber que haviam de matar todas as alimárias e derramar vinho e queimar o trigo». Cf. FRUTUOSO, 2007, *Saudades da Terra, História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 270.

¹² TUETEY, 1885, *Journal de Nicolas de Baye*, Tome 1, pp. 242 e 263.

¹³ Na realidade é quase um despudor queixar-se a Castela quando são os franceses a fazerem as maiores depredações no Atlântico. «Monsieur l'Ambassadeur, il me desplaist grandement de ce qu'il se fait tant de déprédations que m'escripvez sur les subjects de vostre maistre par les nostres dont vous ne pouvez avoir plus d'ennuy que nous ny plus désirer qu'il s'en face une bonne punition, pour lequel effect vous ne pouvez dire que jusques icy il vous ayt esté desnyé ung seul remedde de justice, dont vous nous ayez requis et que, au mesme instant que la plainte a esté faite, nous n'ayons mandé et commandé aux juges des lieux d'en informer et d'en faire faire telle punition des pirates et déprédateurs comme requiert l'amityé qui est entre le roy vostre maistre et nous. Il y a tant de longueurs et subterfuges es procès et mesmement de telles choses que, si faulte il y a, elle vient plus du costé des juges que non pas de nos commandemens, et vous sçavez vous memes comme en Espagne en pareilles choses ils nesont pas plus diligens que les nostres. Touttefoys, afin que vous congnoissiez combien telles façons desplaissent au Roy monsieur mon fils et à moy, nous envoyons présentement ce porteur jusques sur

mas os franceses, em ações de banditismo ou no corso, exerciam normalmente a sua ação predatória em paragens mais desprotegidas como a costa africana e as Antilhas. Portugal sofria e muito com estas ações de banditismo, mas também tinha a sua quota-parte de piratas e corsários¹⁴. Em tempos de D. João III, provavelmente em 1549-1550, mandava El-rei duas caravelas bem concertadas, e com perto de cem homens, para vigiarem as ilhas do Cabo Verde e patrulharem a costa da Guiné:

«Pollos avisos que os capitães dos lugares de Africa mandarão a el Rey dos navios de remo, que aquelle anno se fizeram de novo, e se aperceberão nos portos de Larache, Belez, e Argel, lhe pareceo que se devia prover na guarda da costa do Algarve com mais grossa armada do que ordinariamente solia andar nella, pollo que mandou fazer prestes cinco caravellas, em que se ajuntassem os coatro bargantis [...] para que todos estes navios num corpo pudessem não somente defender a costa, mas ofender os inimigos, e buscallos, se ovvesse novas deles [...]. No mesmo tempo partio Lisuarte Perez d'Andrade [...] com uma armada para guarda da costa de Portugal de três caravellas e hum galeão, e outros dous navios a que chamão zabras [...]. Andou Lisuarte perez em guarda da costa quasi o verão todo, em que tomou alguns navios de cossayros, que achou com presas, e fazenda conhecida de Portugueses, e os trouxe ao porto de Lisboa»¹⁵.

É deste Lisuarte que fala a provisão de D. João III na qual, a pedido do rei de França, faz a mercê de libertar o capitão e o contramestre das embarcações apresadas pelo capitão-mor. O Rei português deixa claro que ir traficar às costas de África é «defeso e prohibido por minhas ordenações»¹⁶. Não deixa D. João III de dizer que perdoa livremente aos ditos franceses, «por esta vez, toda a culpa que tiveram por se dizer que foram a Larache terra de mouros tratar em tempo que tem guerra com os christãos contra formas de ordenações destes meus reynos que o defendem.»¹⁷

les lieux vériffier ce qui en est de la plaincte que vous nous faites, et leur rendre et restituer ces marchandises et punir, s'il est possible de les appréhender, oeulx qui auront fait ladicte prinse, auquel il a donné charge par mesme moyen d'aller à Bordeaux devers Monsieur de Candalle, affin que, si ce que vous distes est véritable, défaire rendre et restituer les marchandises aux subjects du roy vostre maistre. Regardez doncq si vous voulez envoyer quelcun avecques luy, qui ait quelque cognoissance de ce fait pour en instruire les officiers; priant Dieu, Monsieur l'Ambassadeur, qu'il vous ait en sa sainte et digne garde. De la Fère, le xxxe jour d'aoust 1567» (LA FERRIERE-PERCY, 1887, *Lettres de Catherine de Médicis*, Tome 3, 1567-1570, pp. 53-54).

¹⁴ A participação da coroa portuguesa em atividades de corso encontra-se assinalada por Alexandra Pelúcia e por Maria do Carmo Seren, que dão conta de empresas dos Infantes D. Henrique e D. Pedro que patrocinavam o corso, ficando, inclusivamente, livres do pagamento do montante habitual de um quinto devido ao erário régio. Cf. PELÚCIA, Alexandra, 2016, «Corso e Pirataria», p. 310 e SERÉN, s.d., «Corsários e Piratas: um vector da expansão marítima de quatrocentos», pp. 2-3.

¹⁵ ANDRADA, 1796, *Chronica do muyto alto e muyto poderoso Rey destes Reynos de Portugal, Dom João III deste nome*, Parte III, Cap. LXVIII, pp. 261-263.

¹⁶ REGO, 1974, *As Gavetas da Torre do Tombo*, X, p. 624 (documento 5566 XX, 7-20, Provisão de D. João III, sem data mas seguramente de 1549).

¹⁷ REGO, 1974, *As Gavetas da Torre do Tombo*, X, p. 624 (documento 5566 XX, 7-20, Provisão de D. João III, sem data mas seguramente de 1549).

Muitos piratas tornaram-se famosos, alguns dos quais ao serviço da coroa francesa, como Jacques de Soria (ou Sores) ou François de Clerc. O primeiro é tristemente famoso por ter incendiado Havana em 1555 e também por ter protagonizado um acto de inusitada barbaridade em relação a portugueses em 1570. Nessa data ia Luís de Vasconcelos ao comando de uma frota de sete navios suceder a Mendo de Sá, governador da Baía, e com ele seguiam 60 jesuítas missionários liderados por Inácio de Azevedo que voltava ao Brasil como provincial da ordem. Enquanto esperavam na Ilha da Madeira por ventos favoráveis para prosseguir viagem para o Brasil, o navio *Santiago* obteve permissão para ir até La Palma, nas Canárias, fazer comércio. Nessa embarcação iam 39 dos jesuítas. No dia 15 de julho, em frente a La Palma, Soria, que era um calvinista a soldo da Rainha de Navarra Joana d'Albret¹⁸, apresou o *Santiago* e matou todos os jesuítas, lançando os corpos ao mar. O mesmo haveria de fazer depois à nau do governador, que seria morto com toda a família.

Soria era apenas um exemplo, dos muitos huguenotes, que, tendo estabelecido a sua base de operações em La Rochelle, atacavam tudo o que era contra a religião reformista. Várias queixas existem contra os rochelianos, sobretudo de venezianos e outros italianos, por causa da ação predatória que era exercida sobre os seus navios. Piratas e corsários havia-os de todas as nacionalidades, mas os franceses de La Rochelle e de Bordéus eram os mais famosos. A pirataria exercida por este porto era bem conhecida porque o dinheiro apresado era usado para manter a luta dos huguenotes contra a coroa, o que fazia dela uma atividade institucional. François de Clerc é também famoso porque foi corsário de Henrique II, que o chegou a habilitar. Tendo uma perna de pau, era conhecido dos espanhóis como o *Pata de Palo*, e esta sua característica tornou-se tão icónica que, ainda hoje, se lhe associa a figura do pirata. Em 1553 pilhou e incendiou a vila de Santa Cruz na Ilha de La Palma no Arquipélago das Canárias. No ano seguinte saqueou Santiago de Cuba e depois voltou às Canárias para continuar os saques. No fim de uma vida de pilhagens, mesmo contra os franceses, acabou por morrer nos Açores, em 1563, onde se preparava para atacar uns galeões espanhóis carregados de ouro. É interessante mencionar, contudo, que quer Jacques de Soria, quer François de Clerc, tinham fama de aguar na Calheta e Ponta do Sol, duas vilas da Ilha da Madeira¹⁹.

¹⁸ Jeanne d'Albret (1528-1572) era a chefe do partido protestante nestes anos de guerras civis em França por causa da religião. O seu filho Henrique haveria de se casar com Margarida de Valois, filha de Catarina de Médicis, e tomara o trono de França sob o nome de Henrique IV inaugurando o ramo dos Bourbon da dinastia capetiana.

¹⁹ CARITA, 1998, *A Arquitetura Militar na Madeira nos Séculos XV a XVII*, pp. 111 e seguintes.

O corso com origem na Europa era, nestes tempos, constante e muito praticado por franceses, sobretudo protestantes²⁰. A razão de tanto corso e pirataria era também consequência da falta de autoridade do rei de França sobre os seus súbditos²¹. O embaixador Fourquevaux diz ao seu rei que uns corsários apresaram

²⁰ Evidentemente que corso havia noutras partes e com outros atores. O corso do Mediterrâneo é impressionante nestes anos, com intervenção dos berberes e dos turcos. Estes últimos exerciam autênticas rapinagens nas franjas do império [português]. Em 1560 pilharam barcos portugueses no mar Vermelho, levando para o Cairo 200 homens prisioneiros e 20 000 quintais de pimenta. Estas especiarias assim colocadas em mercados europeus (Veneza, Marselha, etc.) arruinavam o monopólio português. Para além destes intervenientes no processo do corso e da pirataria, cumpre ainda relevar que os ingleses e holandeses também assolavam os mares, atacando sobretudo as águas do Índico e do Pacífico e as costas orientais da América, o que não invalida que, mesmo muito mais perto, os ingleses fossem igualmente predadores de embarcações portuguesas, entre outras. Veja-se, a título de exemplo, o que aconteceu em 1471, quando naus inglesas atacaram 12 barcos nacionais no canal da Flandres. Cf. SILVA, 1989, «Portugal e o corso no Atlântico Norte na segunda metade do século XV. Alguns aspetos», p. 543. O próprio arquipélago da Madeira foi, também, atingido por pirataria inglesa, sobretudo nos séculos XVI e XVII, como bem demonstra Eduardo C. N. Pereira, que na sua obra *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes* (1975, 4.ª edição) dedica a esse assunto específico um capítulo inteiro. Cf. PEREIRA, 1975, *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes*, pp. 61-68.

²¹ Isto mesmo é dito numa carta do embaixador João Pereira Dantas a D. Sebastião (Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 106, n.º 45, datada de 10 de janeiro de 1563, a propósito do recrutamento para a coroa de Portugal dos serviços de um capitão alemão que estava em trâmites para negociar com o rei de França, mas dada a pouca autoridade desse rei, o nosso embaixador acha que facilmente se pode recrutar antes para Portugal: «Também depois da partida de baltazar roguado socedeo acabar de concluir cõ hũ capitão alemão q sue chama nicullao de lemborch, q quisesse servir V.A. em lhe descobrir e mostrar hũ meo q diz q sabe par^o hũ príncipe, poder aver e tirar em seu Reyno dentro em três ou quatro meses out^o tanto dr^o (pelo menos) quanto poderá montar acorentena de todo o dr^o amoedado q em seus Reynos, Estados e Senhorios ouver, isto cõ tanta comodidade e satisfação de todos seus vassallos nobres e popullares como se nũca o ouvesse tirado ou avido o ql alvitere não queria dar a out^o Príncipe algun, senão a El-Rey de França por ter já recebidas e avidas delle Sr^{as} patentes de recompensa q seihe poristo avia ou a dedar (das quais cõ esta envio as copias a V.A.) Mas en porellas mesmas o persuady a querer servir Vossalteza nisto, mostrando-lhe q pois ElRey lhe referia o efeito deste negoçio p[ara] out^o tempo, o menos mal q elle devia cuidar ou sospeitar, hera q durante estes tão terbullentos tempos ElRey não poderia V faz deste meio, por q como estava desobedeçido de tanta p^{te} da gente do Reyno de todas as callidades e estados, o que fizesse funderia aguora muito pouco ou nada, pella oppressão q huns padeçem e desobediência q out^{os} usão, e q devia ter por muy certo q pois nestas estremas neçessidades em q ElRey ao presente está, senão aproveita deste alvitere p[ara] ynvenção, já o não faria senão depois das guerras acabadas e todo o Reyno paçifico; cousa q parecia não levar caminho para poder ser daqui a longos tempos, e q em tanto elle corria rrisco de outro poder dar a ditta sua invenção a algun príncipe, e aver a remuneração q elle aguora poderia pretender e aver». Esta mesma falta de autoridade do rei de França foi, de resto, também salientada por Eduardo C. N. Pereira, que para explicar a revolta política e económica que assolava a França em tempos de Carlos IX refere a nomeação do Príncipe António de Bourbon: «poderoso chefe dos hereges para chefe do exército francês [...] e a circunstância de aquele e seu irmão, o Príncipe Luís de Condé se haverem conjurado «fazendo causa comum com os huguenotes» para lhes entregar o trono de Carlos IX, tão grande era a força da política e heresia luterana». Se a isto se acrescentar que, em 1566, Carlos IX publicava a *Confessio Gallicana*, na qual o monarca defendia a «execução dos hereges como um dever de autoridade», mais facilmente se percebe que a guerra civil, com origens políticas e religiosas, enfraqueciam «o poder real de França» e retiravam ao rei «a força e a autoridade para fazer os corsários respeitar as relações de boa amizade entre o seu país e Portugal». PEREIRA, 1975, *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes* pp. 132-133.

uma caravela espanhola que vinha das Índias Espanholas com 80 000 pesos de ouro (um valor de 120 000 escudos. Uma frota com seis ou sete milhões em ouro e que devia aportar a Sevilha acabou num dos portos franceses²²! Os portugueses não estavam quietos e também praticavam o corso. E tinham fama de terem um comportamento cruel. Num depoimento feito a um marinheiro, prisioneiro de um soldado espanhol, que havia pertencido a uma frota de 42 navios e duas caravelas que vinham da Nova Espanha, lê-se: «Les Portugois estoient à lad. deffaicte autantou plus que les Espaignols. Et se feurent lesd. Portugois qui feirent plus de meurtres et de cruaultez que lesd. Espaignolz. Led. Fort fut bruslé lendemain et tous les vivres qui y estoient»²³.

Em 1569, o rei D. Sebastião sabe que os huguenotes, na sequência da morte do Príncipe de Condé, se agrupam na costa para zarpar para terras d'além-mar, supostamente para se estabelecerem em locais seguros, o que o obriga a enviar para defesa dos Açores e da costa portuguesa uma armada de 20 velas capitaneada por Jorge de Lima²⁴.

Portugal exercia um poder musculado sobre os seus negócios da Mina. Durante o século XV, a coroa portuguesa havia exercido um controlo apertado sobre o comércio de ouro e peles a partir do entreposto de Arguim estabelecido por volta de 1445. Mais tarde, a Mina haveria de ter um papel fulcral na exploração da rota transariana do ouro sudanês. Os velhos éditos de D. Manuel que atribuíam o monopólio do trato deste metal à coroa, e que se haviam relaxado nos anos seguintes, voltaram em pleno na época da regência do Cardeal-infante D. Henrique. É natural que muitos servidores da coroa se tenham achado mal pagos ou mal recompensados pelo trabalho naquela carreira marítima e tenham enveredado por fazerem o trato às escondidas e à revelia da coroa, muitas vezes contra ela própria. O corso existia, portanto, por parte dos portugueses e estes, sempre que podiam, apresavam navios estrangeiros, sobretudo franceses, sob os mais variados pretextos. É também verdade que os portugueses foram muitas vezes protagonistas de comportamentos condenáveis em relação a outros mercadores. O rei de França, em março de 1567, pede ao seu embaixador Fourquevaux para saber o

²² Carta de Fourquevaux ao Rei Carlos IX, datada de 21 de julho de 1566 e transcrita em DOUAI, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, p. 100.

²³ Déposition de Jehan Memyn, marinier, datada de 16 de outubro de 1566, transcrita em DOUAI, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, p. 131.

²⁴ Decisão tomada no Conselho Régio de 13 de abril de 1569. Veríssimo Serrão (1987, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião*, p. 101) diz que da esquadra de 20 velas, seis iam para os Açores para proteger o regresso da armada da Índia de corsários ingleses. A fonte primária é uma crónica de D. Sebastião, anónima, publicada por RIBEIRO, 1960, *Colectânea de documentos acerca de D. Sebastião*, p. 161.

que se terá passado com navios franceses apresados pelos portugueses sob o pretexto de irem com armas para os mouros²⁵.

Em agosto de 1559 chega a Lisboa Jean Nicot²⁶, um embaixador de que voltaremos a falar mais adiante, pois vinha com um propósito muito particular, mas que nos dois anos que passou em Lisboa produziu um surpreendente número de documentos que ilustram bem a situação de contencioso que havia entre portugueses e franceses. Nicot não era embaixador de carreira, mas aos 29 anos tinha a total confiança de Henrique II, que o chamava «aimé et féel Conseiller et Maistres des Requestes de son Hotel». O jovem embaixador surge numa altura muito penosa para os franceses que, apanhados no tráfico da Mina, eram relegados para prisões, esquecidos ou condenados a sevícias ou mesmo à morte. Desde que chegou, Nicot procurou inteirar-se das condições em que viviam os seus concidadãos em Portugal, e teve um papel fundamental para reabilitar a imagem dos seus conterrâneos e proporcionar-lhes um estatuto de que até aí nunca tinham auferido. É também ele que tenta pôr ordem na navegação francesa com destino a portos portugueses. A obrigatoriedade de cada embarcação possuir documentos com o nome do capitão, tripulação e rol das mercadorias transportadas a ele se deve. É Nicot quem põe cobro às actividades do pirata inglês Stanguich que amiúde castigava os barcos portugueses. Todas estas ações tornaram o jovem embaixador muito bem visto na corte e entre a população. Falgairolle é quem melhor nos descreve o tratamento dispensado aos franceses, mesmo após as intervenções de Nicot junto de D. Catarina ou do Cardeal-infante para que a situação fosse alterada:

«Malgré ses observations et ses plaintes, les prisonniers français détenus dans les prisons de Lisbonne ou du Royaume, sont toujours maltraités comme les années précédentes. Les magistrats et les officiers royaux se montrent sévères et parfois injustes ou cruels envers eux. Dona Catharina paraît animée de bonnes intentions, elle promet constamment de faire cesser de tels abus, mais ses désirs sont, le plus souvent, repoussés par le Cardinal ou par ses Conseillers. [...] Les dépradations commises à l'égard des marchands français, laissaient indifférents ceux qui avaient mission de les protéger. Leur Ambassadeur ne reste pas inactif, il se plaint, récrimine, invoque journellement le droit des gens, les règles de la fraternité des peuples et de l'humanité entre nations. Il fait appel à l'amitié du Portugal, et ses doléances ne trouvent aucun écho»²⁷.

Um incidente que deixou os franceses revoltados, e Nicot muito sensibilizado, ocorreu no dia 20 de maio de 1561. Era Bastien de Lyard capitão de um navio mercante em rota para Lisboa quando, ao largo de Cascais, seguia os procedimentos aduaneiros

²⁵ Carta de Carlos IX para Fourquevaux datada de 1 de março de 1567 transcrita por DOUAIS, 1897, *Lettres de Charles IX à M. de Fourquevaux, Ambassadeur en Espagne*, pp. 86-87.

²⁶ Nicot haveria de ficar em Lisboa até 10 de outubro de 1561.

²⁷ FALGAIROLLE, 1897, *Jean Nicot, Ambassadeur de France en Portugal au XVIe siècle*, p. LXXI.

para trocar a sua mercadoria por peles do Perú compradas em Sevilha. O seu navio foi atingido por um tiro de artilharia lançado por Diogo Nunes que era capitão de uma zabra portuguesa. Este homem fez descarregar as mercadorias do navio francês e confiscou-lhe o barco com o pretexto de serem ordens da Rainha, alegando que os barcos eram necessários em Gibraltar para um ataque aos mouros. Como os franceses tentassem obter explicações sobre a atitude do capitão Nunes, este, em cólera, não só arrancou a vela do navio, como cortou as amarras e fez sair à bastonada todos os tripulantes. Lyard não resistiu aos ferimentos e Nunes acabou por fazer saltar toda a tripulação para o mar. Atos de selvajaria como este não eram raros e, neste caso em particular, foi usando de toda a sua persuasão que Nicot arrancou de D. Catarina uma pensão para a viúva e filhos do malgrado piloto francês. Outro episódio relevante foi a tomada do forte de Villegagnon no Rio de Janeiro por Mem de Sá em 1561. Terminava assim o sonho da França Antártica, o posto além atlântico da França, tão sonhado pelo almirante Coligny, e Portugal retomava a sua plena soberania no Brasil. Mas a demolição do forte deixou os portugueses muito mal vistos pelos franceses. Um correio despachado por Carlos IX para a Regente pedia uma compensação pelo ataque no valor de 200 000 escudos que, naturalmente, nunca teve resposta. É neste contexto de guerra surda que irá ter lugar um dos mais emblemáticos episódios perpetrados por franceses contra os portugueses.

2. Pierre-Bertrand de Monluc, o Protagonista

No dia 3 de outubro do ano de 1566, teve lugar a única investida de relevo de piratas e corsários à Ilha da Madeira²⁸. A investida foi levada a cabo por Pierre-Bertrand de Monluc, um capitão francês ao serviço da corte francesa e o segundo dos quatro filhos do Marechal Blaise de Monluc, o célebre autor dos *Commentaires*. Pierre-Bertrand era mais conhecido por Capitão Peyrot (um diminutivo comum na Gasconha que lhe

²⁸ Há várias descrições deste episódio de que iremos dando conta ao longo deste trabalho. Quanto mais perto do acontecimento mais credível é a descrição, por isso a do Provedor da Real Fazenda da Madeira feita logo na sequência do evento deve, sem dúvida alguma, ser tida como o mais exato relato do que realmente aconteceu. O cônego da Sé do Funchal, Jerónimo Dias Leite, escreveu também uma descrição sucinta dos acontecimentos, mas *a posteriori*. Gaspar Frutuoso, nas suas *Saudades da Terra*, faz uma descrição circunstanciada dos eventos. Em ambos os casos, a descrição é posterior aos acontecimentos se bem que baseada em testemunhos oculares. É de todo o interesse uma carta de um Dr. Perez de Grado de Gran Canária, enviada ao Dr. Velasco, membro do Conselho Real e da Câmara de Filipe II, a qual tem data de 5 de janeiro de 1567, portanto praticamente em cima dos acontecimentos. Esta carta damo-la por reproduzida integralmente no Anexo 5.

tinha sido dado pelo pai que não gostava de Bertrand²⁹) e, ao contrário de dois dos seus outros irmãos que morreram em campanhas nacionais, morreria durante o saque à Ilha da Madeira. Nascido provavelmente em 1539, aos 17 anos foi feito capitão pelo rei Henrique II³⁰. Desde os 12 ou 13 anos teve como tutor militar o Capitão Charry, e com ele fez a sua carreira militar envolvido nas guerras da religião. Tal era a proximidade entre os dois que Blaise diz nos *Commentaires*:

«Il avoict nourry le cappitaine Monluc tousjours auprès de soy depuis l'aage de douze ou treze ans, el partout où il alloict, ce june garçon luy estoict toujours pendu aux fesses: je n'eusse sçeu luy donner ung meilleur précepteur que celui-là pour luy apprendre qu'est-ce que la guerre; aussi en avoict-il retenu beaucoup, pouvant dire sans honte, encore que ce feust mon filz, que, s'il eust vescu, c'eust été ung grand homme de guerre, prudent et saige; mais Dieu en a aultrement disposé»³¹.

Em março de 1561 Peyrot é enviado a Paris com instruções para expor à Rainha e a Francisco II a forma como Blaise de Monluc propunha pôr cobro à situação dos heréticos na sua Guiana natal. Para o Marechal, a solução é simples e consiste em exterminar os aderentes da nova religião, uma vez que não são mais do que a décima parte da população católica. Uma solução idêntica haveria de ser adotada anos mais tarde na noite de São Bartolomeu. Peyrot serviu com o pai durante 1562-1563, período em que durou a primeira guerra religiosa em França. Nesta altura era já conhecido pelos poucos escrúpulos de consciência que mostrava nas suas ações em contexto de guerra. É assim que, em setembro de 1562, em plena campanha da primeira guerra, Peyrot encarrega-se de massacrar todos os habitantes da vila de Terraube, assediada pelo seu pai. Este foi, sem dúvida, um grave incidente com Blaise de Monluc como ordenante e Peyrot como executor. A chacina foi deliberada e parece até que Blaise a apresenta com certo orgulho:

«Et comme je veys cecy pour la seconde fois, j'envoyay de dernier la muraille leur dire que puisqu'ilz faisoient si bon marché de leur foy et promesse, que j'en ferois autant de la mienne; et manday monsieur de Verduzan, mon enseigne, qu'estoit ung des depputés, et ma companye avec une companye de gens de pied à Terraube, pour faire thuer et massacrer tous ceulx qu'estoient là, et luy baillay le bourreau pour faire pendre les chefz; ce qu'il feist, et de bon cueur, attendu la meschanceté que ceulx de Lectore avoit fait en son en droit. Et après qu'ilz feurent mortz, les jectarent tous dans le puy de la ville, qu'estoit fort profond, et s'en remplit tout, que l'on les pouvoit toucher avecque la main. Ce feust une très belle despêche de très mauvais garçons³²».

²⁹ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 3, p. 501.

³⁰ TAMIZEY DE LARROQUE, 1868, *Notes et documents inédits pour servir à la biographie de Jean de Monluc, évêque de Valence*, p. 50.

³¹ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 3, p. 387.

³² RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 3, p. 23.

Foi também Peyrot quem, enviado por seu pai a Paris, se encontrou com Catarina de Médicis e Francisco II para lhes dar conta da solução que Blaise tinha para exterminar os heréticos na sua província natal da Guiana. As instruções têm data de 25 de março de 1561. Para Blaise a solução é simples e consiste em exterminar o décimo da população que abraçou a nova religião:

«Premièrement, que la noblesse de la Guyenne porte à ladite dame et audit sieur roy telle et si grande affection que tous les gentilshommes emploieront leurs biens et leurs vyes pour leur faire très humbles services, pourveu qu'ils ne soient contraints changer de religion; et ce, à cause des insolences, scandalles et contemnemens que les païsans dudit païs leur ont fait depuis ung an en çà; qui leur sont si odieux, que plus tot ils voudraient mourir que de plus longuement endurer telles injures. Davantage que laditte religion, quoiqu'on en dye, est inférieure de nombre d'hommes, au dit païs de Guyenne, à celle de l'église roumaine, de plus de la dixiesme partye; tellement que, si on la voulait exterminer, on le pourroit encores maintenant aisément faire: et le moien seroit de bailler audict sieur de Monluc quatre cents arquebuziers à pied, outre ceulx qu'il a à présent; en la faveur desquels, avec les autres forces qu'il a, il pourroit tenir en subjection tout ledit païs de Guyenne, et desquels il voudroit donner la charge au cappitaine Charry. La despense n'en sauroit durer que deux ou troys moys, qui sera peu de chose au roy»³³.

Sempre que havia sedições protestantes de vilas francesas, como Périgueux, Lectoure, etc., Peyrot era enviado para tentar resolver os problemas. Em Targon, a 12 de julho de 1562, sob as ordens do seu pai, derrotou as forças protestantes apesar de serem em maior número:

«Cependant le cappitaine Monluc donne de cul et de teste au milieu de tous leurs gens de cheval: j'avois l'oeil sur luy; et moy je donnys en mesme instant ung peu à main gauche à travers de leurs gens de pied, et les mismes tous en route et en fuite, non sansavoir de pied ferme attendu nostre choq et soustenusur le hault.»³⁴

De seguida marcharam para Montségur para melhor poderem assaltar Bordéus que estava à fome.

No final da primeira guerra da religião, o que acontece com os éditos de Amboise em 19 de março de 1563, Peyrot está na sua juventude e casa nesse mesmo ano (6 de julho) com Margarida de Caupène, uma rica herdeira de um dos capitães de seu pai. Após Amboise, o armistício entre as fações católica e protestante deixou inativos os membros de um grande grupo de combatentes que agora procuravam outras formas de ação. Essa é aliás a explicação que Blaise de Monluc dá nos seus *Commentaires*. Sentindo-se um inútil em tempo de paz, Peyrot havia decidido montar uma expedição destinada a ir até Madagáscar e aí fundar novos entrepostos para a França. Antes havia

³³ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 4, pp. 114 e seguintes.

³⁴ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 2, pp. 437 e seguintes.

pedido e obtido de Catarina de Médicis que a sua companhia de 100 cavaleiros ligeiros fosse convertida numa companhia de 50 homens de infantaria, pagos a expensas do Estado, bem como o cargo de governador de Bordéus³⁵. Blaise explica a situação claramente a Catarina de Médicis e fica claro por esta carta que ele próprio tinha acabado por apoiar a iniciativa do filho:

«Or, Madame les dictes occasions sont que mes enfans ne sont si lasches de cueur qu'ils veullent demeurer simples cadets de Gascoigne et se contenter de manger la soupe grasse auprès de leur père, ains veullent prospérer tant en biens que honneurs; et pour y parvenir, veullent libéralement hazarder leurs personnes et vies, comme j'ay fait; autrement je ne les estimerois mes enfans ni mes frères leurs neveux. Et quand il ne plaira au roy et à vous leur faire cest honneur de les commander, les employer et recognoistre leurs services, ils sont bien délibérés d'allerchercher leur adventure, servir plus tost le Turc que de demeurer inutilles en ce royaume. De quoy, quant à moy, je les loue grandement, aimant beaucoup mieux qu'ils cherchent leur fortune en estrange pays que de se consommer en l'attendant en celuy de leur naissance, et finalement se trouver vieulx et despourvus de biens et d'honneurs, qui est, Madame, le principal but de leur intention et de la mienne, ce qu'il vous plaira recevoir en aussi bonne part qu'il soit du coeur de ceulx qui les ont en si bon lieu et qui désirent faire toutes leurs vies très humble service à leurs Majestés.»³⁶.

É, portanto, numa altura em que nada de empolgante acontece em França, que os jovens guerreiros procuram aventuras, e dinheiro, ao serviço de outras coroas. Para Peyrot, as notícias da existência de novas terras longínquas podiam aguçar o seu apetite, apelando a uma ação sobretudo por via marítima, onde facilmente podia exercer até o curso. De acordo com De Thou, Peyrot conseguiu três grandes barcos e 1200 soldados. O seu objetivo era ir à Guiné, e contactar os reinos de Manicongo (equivalente à costa do Congo e parte de Angola), Moçambique, Quíloa (na atual Tanzânia) e Melinde (no Quénia)³⁷. Loirette encontrou um documento num notário de Bordéus que menciona um empréstimo realizado por Peyrot a um tal Martin de Malus, no valor de 4000 libras. Este texto é pouco conhecido mas bastante interessante porque menciona a Guiné e a Mina como destinos da expedição: «cappitaines et associes estans soubz sa charge [de Peyrot] et faisans avec luy le voyage au Benin, coste de Mine et aultres lieux qu'il cognaistra estre le plus profitable, suivant le congé qu'il a du Roy»³⁸. Aparentemente

³⁵ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 4, p. 254.

³⁶ Carta de Blaise de Monluc à Rainha Catarina de Médicis, datada de 5 de junho de 1566, transcrita em RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 5, p. 56. A 8 de julho de 1566 Blaise volta a mencionar à Rainha o perigo de ter as guarnições inativas após o tratado de paz (carta 154, p. 60).

³⁷ DE THOU, 1659, *Histoire de Monsieur de Thou des choses arrivées de son temp*, Tome III, Livre XLIV, p. 182.

³⁸ LOIRETTE, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, p. 53.

queria igualmente contactar com o rei da Mauritânia para «par la force ou par des promesses» estabelecer um entreposto que conferisse proteção à navegação francesa na costa de África, fugindo assim ao controlo apertado de Portugal. Blaise conta que na ida para sul do Atlântico, o filho foi obrigado a fazer uma aguada na Madeira e que teriam sido os Portugueses os culpados de toda a tragédia subsequente³⁹. As notícias de além-mar chegavam a França sob a forma de riquezas várias vindas das possessões nas costas de África, nas Índias, nas Índias do Ocidente, onde fortuna fácil podia ser feita. O Capitão Peyrot deve ter pensado que o seu futuro passava por essas minas de ouro e escravos longe de França, ou por simplesmente exercer o corso (ou pirataria).

A Ilha da Madeira ainda era nesta altura um razoável produtor de açúcar de cana, um dos novos e muito caros produtos exóticos que chegavam à Europa e sobretudo ao porto de Bordéus, a porta de entrada de especiarias em França. O açúcar da Madeira era um produto caro que não se encontrava em qualquer mesa, e apesar das tentativas de introdução da cana-de-açúcar em França, todas se revelaram inúteis. Ou, como nos descreve Jerónimo Dias Leite, «Estando a cidade do Funchal no mais alto e próspero estado, que podia ser mui rica de muitos açúcares e vinhos, e os moradores prósperos, com muitas alfaias e ricos enxovais, muito pacífica e abastada»⁴⁰. É, portanto, uma explicação, para o facto de que um dos motivos principais para Monluc fazer uma incursão pela costa africana fosse o saque ao açúcar, mesmo que isso significasse atacar uma possessão de um país com relações estáveis com França⁴¹. O problema,

³⁹ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 3, pp. 74 e seguintes. Para uma mais fácil compreensão transcrevemos no Anexo 2 toda a parte dos *Commentaires* de Blaise de Monluc sobre este assunto. A questão das motivações da viagem de Bertrand de Montluc têm dado azo a várias tentativas de explicação, algumas das quais sintetizadas por João Cabral de Nascimento em artigo já citado. Segundo este autor madeirense, as razões para tal feito poderiam radicar na vontade do próprio Bertrand que, segundo o pai, tinha desenhado uma «entreprise sur mer, pour tirer en Afrique, & conquerir quelque chose» que poderia passar por «batir une place forte dans les royaumes de Mozambique, de Melinde ou de Manicongo». De acordo com outra versão, apresentada no *Dicionário Larousse*, afirma-se que ele «abordat l'Île de Madère, resolut de l'enlever aux Portugais». As versões portuguesas do evento apresentam, por sua vez, uma outra perspectiva dos acontecimentos que Barbosa Machado, nas suas *Memórias...*, que compreendem o governo de El-rei D. Sebastião, ilustra com a vontade de vingança de um português, Gaspar Caldeira que, descontente com o reino, se cruzara com os franceses e se disponibilizara para os guiar numa ação predatória. Cf. NASCIMENTO, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», pp. 7-8.

⁴⁰ Jerónimo Dias Leite foi um clérigo madeirense que, em 1572, sabemos que era nomeado cónego da Sé do Funchal. Foi uma ajuda preciosíssima para Gaspar Frutuoso, que lhe encomendou a escrita de boa parte da história da Madeira, a qual foi, de resto, muito citada nas *Saudades da Terra*. Não foi uma testemunha ocular do saque ao Funchal, mas esteve na Ilha poucos anos após o desastre e portanto, podemos considerá-lo como uma descrição *quasi* coeva. A sua descrição da Ilha da Madeira foi recentemente reimpressa pela Imprensa Académica (2016, *Descobrimto da Ilha da Madeira*).

⁴¹ LORIN, 1904, *Note sur les relations coloniales de Bordeaux a l'époque de Charles IX*, pp. 729-742.

como bem o diz Gaffarel⁴², é que os mares tinham dono: portugueses e espanhóis com as suas poderosas armadas guardavam o seu bem mais precioso, o mar e as rotas comerciais com África e as Índias, de que não abririam mão facilmente. Ainda assim os franceses protestavam contra esta hegemonia e tentavam a sua sorte estabelecendo entrepostos ou nas costas de África ou nas Américas. No Brasil já haviam procurado no longínquo ano de 1555 tomar o Rio e estabelecer o que seria a França Antártica⁴³. O mesmo faziam agora na América Central e do Norte.

Não é certo se Peyrot alguma vez desenhou o tipo de expedição além-mar que projetaria os interesses da corte francesa, e sobretudo os seus, para além do permitido pelos portugueses e espanhóis. As memórias de Blaise de Monluc deixam antever que quer Catarina de Médicis, quer Carlos IX estavam ao par dos planos do filho⁴⁴. Numa carta datada de 5 de junho de 1566, Blaise dizia à Rainha que o filho preferiria fazer a viagem marítima projetada do que ir oferecer os seus serviços ao rei da Dinamarca⁴⁵:

«Et incontinent s'en est allé à Saint Jehan de Luz avancer deux de ses roberges à venir devant Bourdeaulx qu'il maine au voyage qu'il avoit premièrement entrepris, lequel nil est résolu de faire et non celuy de Danemark, ayant jà donné ordre à tous ce qui luy est nécessaire de vivres et aultre choses requises en son équipage pour estre prest à partir dans peu de temps»⁴⁶.

É nesta carta à Rainha que o pai Monluc dá o seu acordo à expedição projectada pelo filho porque, segundo ele, os rapazes não podem ser tão desleixados em tempo de paz que se resignem em ficar calmamente a comer sopa com os pais, conforme já referido anteriormente. Fica então claro que, em tempos de paz, seria preferível ir servir

⁴² GAFFAREL, 1879, «Le Capitaine Peyrot Monluc», p. 290.

⁴³ Foi o almirante francês Gaspard de Coligny quem enviou colonos para fundar o que enfaticamente se chamou na altura de França Antártica. Não tendo sido possível realizar esse intuito, o mesmo Coligny enviou em 1562 uma frota comandada por Jean Ribaut fundar uma colónia na Florida, tendo irritado profundamente os espanhóis. Em 1564 e 1565 voltaria a enviar novas expedições à Florida com funestos resultados.

⁴⁴ A hipótese de a coroa francesa estar a par das intenções de Bertrand de Montluc foi já sublinhada por João Cabral do Nascimento que, seguindo o depoimento de Edmond Falgairolle, advoga a impossibilidade de uma armada de vários navios, 350 gentis-homens e 900 marinheiros rapidamente conseguida não ser possível sem que Catarina de Médicis e Carlos IX estivessem a par do projeto. Cf. NASCIMENTO, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», p. 13. No mesmo sentido se pronuncia também o padre Eduardo C. N. Pereira, que transcreve mesmo as palavras de Falgairolle: «Uma expedição tão grande, preparada em tão curto espaço de tempo, devia ter favorecido do apoio da coroa». PEREIRA, 1975, *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes*, pp. 54-55.

⁴⁵ Frederico II, rei da Dinamarca e da Noruega, estava em guerra com Eric XIV, Rei da Suécia. Muitos mercenários eram contratados por um e outro monarca e Monluc havia oferecido os seus préstimos ao primeiro. Peyrot havia-se comprometido a encontrar-se com o embaixador da Dinamarca em Paris, mas foi esta reunião que não teve lugar e que fez com que o capitão mudasse de ideias e se decidisse pela expedição marítima.

⁴⁶ Carta de Blaise de Monluc à Rainha Catarina de Médicis, datada de 5 de junho de 1566, transcrita em RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 5, p. 54.

o Turco do que ficar inativo no reino. No dia 8 de junho, Blaise envia uma carta à Rainha onde fala e expõe longamente os planos do filho⁴⁷.

O almirante Gaspard de Coligny também estava ao par das intenções do jovem Montluc e haveria de pressionar a corte para lhe dar uma autorização formal para a expedição. A verdade é que praticamente todos os grandes historiadores franceses estão de acordo que o Capitão Peyrot estaria muito menos interessado em estabelecer entrepostos comerciais fosse onde fosse, mas tão só conquistar e afrontar os portugueses que controlavam o comércio da costa africana. Estes últimos tinham absoluto controlo sobre a rota para sul e não pensavam duas vezes antes de afundar ou apresar navios não autorizados, muito particularmente os franceses. Não era, portanto, difícil ao Capitão Peyrot arranjar tripulações de rufias e desregrados para montar a sua expedição a África⁴⁸. Entusiastas para acompanhar Monluc na expedição não devem ter faltado entre as famílias nobres que, terminada a guerra, estavam agora inativos: a começar pelo seu irmão Fabião, um entusiasta parecido consigo, bem como os viscondes de Pompadour e de Uza, que na empresa apostaram a vida e as posses entre 300 outros gentis-homens⁴⁹. Blaise de Monluc teve uma atitude inicial de reprovação à iniciativa de Peyrot, a julgar pelas suas memórias: era arriscada e os resultados podiam ser nulos sobretudo porque, não sendo oficialmente uma esquadra real ou sancionada pelo rei, seria sempre vista como um acto de mera pirataria. À última da hora acabou por dar o seu apoio ao filho, apesar de saber que a coroa francesa jamais poderia se envolver numa tal ação. Ao todo Peyrot conseguiu reunir mais de vinte mil libras, dinheiro necessário para equipar alguns navios. Sabemos que os bispos de Condom e de Valence⁵⁰ contribuíram profusamente, bem como os principais comerciantes da Guiana, que guardavam um rancor profundo aos ibéricos por causa dos entraves que estes sempre lhes punham às atividades comerciais marítimas.

Os agentes de Portugal e Espanha souberam dos preparativos da expedição e informaram as respectivas coroas. O embaixador português em França protestou junto da coroa contra a prisão de um patrício em Bordéus (como amiúde faziam os

⁴⁷ Esta carta está publicada por Alphonse Ruble, mas pela sua importância transcrevemo-la na totalidade, no Anexo 3.

⁴⁸ Aubigné diz mesmo que o objectivo de Monluc era fazer fortuna pela costa africana e para tal constituiu uma frota com os piores indivíduos da sua Guiana natal: «résolus d'aller faire fortune dans les isles ou autres endroits qui se présenteroyent à propos, sans s'amuser au partage fait par le Pape & aux prétentions des Espagnols et Portugais. Pour cest effect il appresta un équipage de tous les plus mauvais garçons de la Guyenne» (D'AUBIGNE, 1626, *Histoire Universelle*, Seconde Edition, Livre Quatriesme, Chapitre XX, p. 350).

⁴⁹ RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 3, p. 76, ver Anexo 2.

⁵⁰ O bispo de Valência era Jean Monluc, tio de Peyrot. Foi um entusiasta da empresa que o sobrinho preparava, tendo juntado 120 000 libras para pagar navios e equipamento para a expedição.

embaixadores franceses em Lisboa quase sempre pelos mesmos motivos). Diz Pereira Dantas:

«Mês gens m'ont desja par trois ou quatre fois escript qu'on prépare une armée de XX ou XXV navires, partie en Normendie, partie en Guyene et Bretagne, lesquelz navires aulcuns des mesmes cappitaines de la marine disent estre armez et esquippez pour aller à la Mine, à la Maniguette ou au Brésil et aultres terres du Roy mon seigneur. Quelques autres affirment qu'ilz se préparent pour aller à la Florida; et non obstant que je cognois que les proufficts des pais susnommez appartenans à la couronne de Portugal ne sont capables ny suffisans a recompenser les frais d'une si grosse armée»⁵¹.

Nesta altura, os portugueses receiam que a expedição de Monluc seja uma nova investida para retomar o projeto da França Antártica que havia sucumbido pela perda de Villegaignon no Brasil⁵². A posição dos portugueses era inamovível: os franceses querem acesso livre à costa da Guiné e ao Brasil e Portugal nega-o completamente. Tinha sido assim desde D. Manuel I e não iria mudar agora. Os espanhóis também protestam contra os preparativos da expedição. D. Francés de Alava, o embaixador espanhol em França, faz-se eco dessas preocupações. A Espanha tem uma poderosa armada e a França não tem as mínimas condições para lhe fazer frente. Alava deixa claro que se Peyrot se intrometesse nas possessões de Filipe II, haveria uma guerra declarada. E é por estas razões que Catarina de Médicis não vai sancionar formalmente a empresa, apesar do apoio de Coligny. Por esta altura tinha ocorrido um massacre horrendo de colonos franceses na Florida por tropas espanholas e é bem possível que a Rainha-mãe entendesse a aventura projetada de Monluc mais como um acto de represália do que uma verdadeira ação de estabelecimento de entrepostos franceses na costa africana. Ainda assim, Catarina pede a Blaise Monluc extrema prudência nas ações a tomar e um plano detalhado dos planos do filho, o que o ele faz de imediato numa carta datada de 8 de julho e que é deveras esclarecedora não só dos intentos do capitão Monluc, como da participação de portugueses na expedição:

«Le dict sieur de Monluc respond à sa Majesté que le dict cappitaine Monluc, se voyant inutile en ce royaume et désirant trouver quelque bonne fortune, a entrepris de faire

⁵¹ LOIRETTE, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, p. 46 (nota).

⁵² CERQUEIRA E SILVA, 1835, *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*, Tomo I, pp. 68 e seguintes. No início de 1560 Mendo de Sá, que era 3.º governador da Baía, auxiliado por uma pequena frota comandada pelo capitão Bartholomeo de Vasconcellos, vinda de Lisboa por ordem de D. Catarina, conseguiu expulsar uma comunidade de franceses que havia quatro anos se tinha ali estabelecido. Os franceses eram capitaneados por Nicolao Durand de Villegaignon e durante mais algum tempo continuaram a infestar a costa do Rio de Janeiro. Em 1564 foi necessário voltar a investir contra eles, com o auxílio de dois caravelões vindos do reino. Depois de uma luta cerrada, os franceses acabaram desalojados.

ung voyage sur mer, ayant quatre ou cinq vaisseaulx comme navires, roberges et chaluppes équipés et trois ou quatre cents hommes et autant de mariniers pour se garder d'estre mys à fond par les pyrattes, dans lesquelles vaisseaux il a trouvé moyen de mettre plusieurs et diverses marchandises pour les porter vers la coste de... [a carta omite o nome da costa] et les y trocquer et eschanger avec les Mores, qui sont libres et aultres, en or ou argent monnoyé ou à monnoyer et aultres richesses qu'il prétend amener en ce dict royaulme [...] et se réserve deux roberges, avec lesquelles il a délibéré aller découvrir quelques isles que certains Portugais expérimentés, qui sont avec luy, luy ont déclaré estre inhabitées et incongneuses. [...] ledict sieur de Monluc luy faict entendre que le dict cappitaine Monluc n'a délibéré aulcunement de transgresser les dictes ordonnances ny endommager les pays et subjects des dicts amys, allyés et confédérés de sa Magesté»⁵³.

Em resumo, Peyrot desejava ir à procura de fortuna pela costa africana com quatro ou cinco navios, 300 ou 400 homens e igual número em tripulação. Monluc diz que Peyrot pretende descobrir umas ilhas que alguns portugueses experimentados lhe tinham dito que estavam desabitadas e eram ainda desconhecidas. Se para Catarina o sentido da empresa era interessante, também tinha consciência de que os comerciantes que iriam a bordo para fazer negócio não seriam mais que soldados disfarçados e que a empresa depressa se tornaria num mero acto de pirataria, pelo que o nome da França não poderia estar envolvido⁵⁴. Era vital manter a paz com Castela e Portugal, sobretudo numa altura em que a situação interna francesa era tão frágil devido às guerras religiosas. A 9 de agosto, o rei Carlos IX envia uma carta a Blaise de Monluc, no mesmo sentido da carta enviada por Catarina dias antes. Nessa carta fica patente que qualquer expedição não estaria autorizada a importunar as possessões de castelhanos e portugueses. Os seus termos são muito claros:

⁵³ Blaise de Monluc refere-se aqui a castelhanos e portugueses, sobretudo aos primeiros com os quais as relações diplomáticas eram tensas. Ver RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 5, carta 155 a Catarina de Médicis, datada de 8 de julho de 1566, p. 61.

⁵⁴ Gaffarel (GAFFAREL, 1879, «Le Capitaine Peyrot Monluc», p. 310) publica na íntegra a carta de Catarina de Médicis para Blaise de Monluc, datada provavelmente de 28 de julho, em resposta ao seu pedido de endossamento da empresa do seu filho, a qual transcrevemos igualmente aqui: «Monsieur de Monluc, tout ainsy que j'avois trouvé bien mauvais que le cappitaine votre filz eust, comme j'avois esté adverty, donné parole de seccours à ung estrangeur sans ma permission, aussi ai-je esté fort bien aize d'avoir entendu comme le tout s'estoit passé, et qu'en cela il n'ait rien fait qu'escouter ce qu'on lui a dict sans s'obliger ny de parole ni de promesse aulcune, et, puisque cela est, il ne fault point qu'il aille de ce costé là, mais qu'il continue le voyage que me mandez, que je trouve très bien, pourvu qu'il ne s'adresse en lieu dont le roy catholique mon bon frere, ny mes aultres amis et alliez soient offenséz ny dont ilz me puissent faire plainte, et en quelque lieu qu'il aille, qu'il regarde bien l'exemple de ceulx qui de tout temps ont esté devant luy en tel pays, et combien leur fin ou retour a esté malheureux ou peu fructueux, affin que, cela bien pesé, il regarde de ne s'adresser en lieu dont il puisse avoir tant de peine, d'incommodité et si peu de fruit, que je ne veulx pas qu'il se perde, ni ceulx qui sont avec luy, puisque j'espere m'en servir un jour en quelque meilleure occasion, comme je sçais qu'il en est digne et qu'il saura et voudra tres bien faire.»

«Monsieur de Monluc, vous sçavez que dernièrement quand vous me feistes demander congé pour le cappitaine Monluc vostre fils, de s'en aller avecques les navires qu'il a fait faire en son voiage, je le luy baillay avecques cette condition, qu'il n'allast en lieu là où il pense offencer aucun de mes amis et alliéz. Et pour ce que je voy nque cela mect beaucoup de mes voisins en doubte, je vous ay bien voulu encore reiterer ceste mesme deffence, vous priant luy commander tres expressement de ma part de ne se jouer aucunement d'aller ès terres ny du roy d'Espagne ny du roy de Portugal; d'autant que le faisant et s'en ensuivant de cela quelque altercation entre nous, je ne pourray que le trouver tres mauvais et user en son droict de tel ressentiment que je doibs pour l'entretenement de l'alliance et amytié avecques mes voisins, amys et alliéz. Pareille deffence veulx-je que vous faciez faire à tous les capitaines de navires qui sont en ma coste de Guyenne, ad ce qu'ils n'aillent ès dicts pays, mesme dudict roy de Portugal, à ce que nul n'ignore ma volonté»⁵⁵.

Peyrot consegue enfim reunir em Bordéus uma pequena frota composta por quatro pequenos barcos de guerra, dois dos quais fretados em São-João-de-Luz, e três outros navios, juntamente com 700 a 800 homens, uns 300 de boas famílias, e quase todos oriundos da Gasconha⁵⁶. O número de navios que compunha a frota varia consoante as fontes. O número adiantado pelo embaixador Pereira Dantas (20 ou 25) é irrealista e totalmente inverosímil. O mesmo faz o embaixador francês Fourquevaux: 23. Blaise de Monluc, nos seus *Commentaires*, deve ter razão porque é geralmente tido como um autor historicamente muito preciso: dois navios grandes, quatro roberges e um patacho⁵⁷. É esta a conta que faz numa carta ao rei de França datada de 23 de agosto de 1566⁵⁸. Entre os homens estavam portugueses dispostos a servir de pilotos e guias à expedição mesmo correndo evidentes riscos de serem considerados traidores à coroa portuguesa. De entre os nomes conhecidos contam-se os de Gaspar Caldeira, Belchior Contreiras, Francisco Dias Mimoso, Luís de Castro e Francisco Dias, entre outros.

⁵⁵ Carta de Carlos IX para Blaise de Monluc datada de 14 de novembro de 1566 transcrita por DOUAIS, 1897, *Lettres de Charles IX à M. de Fourquevaux, Ambassadeur en Espagne*, carta 35, p. 61.

⁵⁶ O número de navios e de homens varia consoante os autores. Falgairolle fala de três barcos grandes e algumas barcas, 300 gentis-homens e cerca de 900 soldados, mas não cita fontes. FALGAIROLLE, 1894, *Une expédition française à l'île de Madère en 1566*.

⁵⁷ Roberge ou ramberge, é um antigo barco de guerra inglês, muito estreito e pouco profundo, e também por isso utilizável nos rios. É movido por remos e possui em regra um só mastro. O patacho é um barco com dois mastros, com vela de proa redonda e a da ré, de tipo latino, mas quadrangular. É um barco rápido comum em finais do século XVI e muito usado para reconhecimento da costa, mas também por piratas.

⁵⁸ Carta de Blaise de Monluc ao Rei Carlos IX, datada de 23 de agosto de 1566, transcrita por RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 5, Paris, pp. 69-72.

Finalmente, no dia 30 de agosto de 1566⁵⁹, a frota abandona Bordéus, não sem antes ter feito uma autêntica rapinagem ao longo da Gironda de modo a apetrechar os navios de víveres, facto que irritou fortemente Carlos IX ao ponto de este transmitir o sucedido a Fourquevaux, embaixador francês na corte de Filipe II. Os habitantes desapossados dos seus bens chegaram mesmo a fazer uma exposição ao parlamento de Bordéus onde se descreve a selvajaria com que trataram e espoliaram os seus próprios conterrâneos⁶⁰. À saída de Bordéus estava uma quantidade muito maior de navios ingleses que se juntariam a Peyrot na aventura. Não teremos mais notícias desta participação inglesa na expedição, a qual teria certamente de ser do conhecimento e aprovação de Isabel I, que não nutria quaisquer simpatias para com os espanhóis. No saque ao Funchal, nunca apareceram referências a ingleses.

3. Gaspar Caldeira, o Traidor

A empresa de Peyrot de Monluc foi grandemente ajudada pelo contributo de Gaspar Caldeira, um homem nascido em Arronches⁶¹ e que havia sido moço de câmara do Cardeal-infante D. Henrique. Caldeira tentou fazer fortuna por conta própria, numa altura em que traficar na costa africana era perigoso porque os éditos da coroa penalizavam fortemente quem fosse apanhado. Sabemos por uma carta do embaixador francês em Madrid, Fourquevaux, que havia uma animosidade da parte dos portugueses contra o Cardeal-infante por causa deste controle que não lhes permitia ter acesso ao negócio:

⁵⁹ A data de 23 de agosto para a partida da frota tem sido geralmente aceite por todos os investigadores, mas é preciso dizer que Loirette (LOIRETTE, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, p. 45) levantou sérias dúvidas sobre ela e propôs que a partida deveria ser a 30 de agosto ou ligeiramente antes. Com efeito, existe um ato notarial entre financiadores da empresa que data de 26 de agosto e no qual se lê que Peyroy estava quase a partir («on note que le S^r de Monluc estoit prest à partir» p. 46); ver igualmente o anexo III do seu opúsculo, o qual representa um contrato entre mercadores que financiaram a viagem de Monluc, datado de 23 de agosto e que diz o seguinte: «[São mencionados os presentes] aussi à ce présent et acceptant, leur procureur général et négociateur principal au voyage que mons^r le cappitaine Monluc prétend faire presentement avec ses gens et navires au Benyn, coste de Myne, et ailleurs où il cognoistra estre plus nécessaire pour le service du Roy, utilité et profit de luy et de sa compaignye, pour illec traficquer et negotier toutes et chascunes les chosesqui ont esté ou seront cy après par eulx fournyes et baillées aud. s^r de Monluc, pour icelles conduire, mener et traficquer esd. pays loingtains». Quanto à data de partida da frota, e pelas razões mencionadas, seguimos Loirette (LOIRETTE, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, pp. 38-60), uma vez que possui argumentos suficientemente fortes para se poder deduzir que a partida não poderia ter sido anterior a essa data.

⁶⁰ Por ser muito interessante esta descrição, e apesar de ter sido publicada por Loirette, transcrevemo-la na íntegra no Anexo 4.

⁶¹ Esta é a naturalidade atribuída por Cristóvão de Morais na sua *Pedatura Lusitana* (1942, Tomo 5, Vol. I, p. 326); Gaspar Frutuoso diz que ele era natural de Tanger e assim o repetiram todos os cronistas subsequentes.

«que les Portugois en donnoient le plus grand tort au Cardinal, pour avoir mis au desespoir certains Portugois après qu'ils avoient longuement et bien servy leur roy, les ayant là mal recompensez. A occasion de quoy, ils s'estoient renduz instigateurs, chefs et guides des François au dommaige des autres Portugois»⁶².

Vemos, portanto, que para os portugueses que almejavam fazer algum dinheiro com as carreiras de África, o serviço à coroa não era a solução, e os que eram surpreendidos a contrabandear eram duramente castigados. Caldeira foi apanhado a traficar ouro nas costas da Mina, caiu em desgraça e acabou por ser deportado com os seus bens confiscados, tendo então procurado refúgio em França⁶³.

Não são conhecidas as circunstâncias em que Caldeira conheceu Peyrot, nem sequer se partiu deste português a ideia de aportar à Madeira na expedição que aquele capitão programava fazer rumo às costas de África. Para o autor do *Memorial*⁶⁴, o principal culpado da tragédia é mesmo Gaspar Caldeira que terá contactado com franceses de La Rochelle e em 3 de outubro os trouxe à Ilha da Madeira em sete naus. Em todo o caso, para Peyrot, ter a bordo alguém que conhecia tão bem a costa de África e os seus locais de tráfico, era verdadeiramente uma sorte. A participação de Gaspar Caldeira como “piloto” de Monluc foi desde o início da empresa bem conhecida. Uma carta de Manuel d'Araújo, agente da coroa em França e Inglaterra, destinada ao Cardeal-regente e datada de 23 de novembro de 66, já o mencionava (embora não pelo nome) porque o signatário pede autorização para o enforcar se o conseguir prender⁶⁵. É provável que, ou deliberadamente ou por necessidade, com a Ilha da Madeira à vista no seu percurso, se tenha apresentado uma oportunidade para a pilhar e depredar, actos que seguramente estavam na mente de Caldeira, desejoso de se vingar do degredo a que tinha sido votado pela corte portuguesa. Caldeira conhecia muito bem os mares do arquipélago e as ilhas pelo que seria impossível encontrar melhor guia para a pilhagem⁶⁶. O mais completo estudo sobre este personagem devemos-lo a Léon Bourdon⁶⁷. Este pesquisador tem, no entanto, um objetivo muito claro que é

⁶² Carta de Fourquevaux ao Rei Carlos IX, datada de 4 de janeiro de 1567 e transcrita em DOUAIS, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, carta 65, pp. 157 e seguintes.

⁶³ Pereira Baião tem uma versão diferente para Caldeira. Segundo o cronista, ele teria sido mestre marinho da Carreira da Mina. Avisou os Franceses das riquezas aí existentes e decidiram ir saqueá-la. Ao passar perto da Madeira mudaram de parecer e, «deixando o duvidoso pelo certo», atacaram o Funchal. BAIÃO, 1737, *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do senhor Rey Dom Sebastião [...]*, p. 84.

⁶⁴ SOARES, 1953, *Memorial*.

⁶⁵ Torre do Tombo, documento com código Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 10. Nesta carta Manuel de Araújo diz ao Cardeal que a intenção do capitão Montluc era ir ao Benim.

⁶⁶ MACHADO, 1737, *Memórias para a História de Portugal [...]*, Tomo II, Cap. XXIV, pp. 640 e seguintes.

⁶⁷ BOURDON, 1955, «Deux aventuriers Portugais Gaspar Caldeira et Antão Luis (1564-1568)».

reabilitar Monluc à custa de Caldeira. Logo no início do trabalho ele insurge-se contra Queiróz Velloso «l'interprétation que donne cet auteur de l'entreprise de Peyrot (et non pas Blaise) de Monluc mérite d'être révisée: Peyrot n'était nullement, pour l'honneur de sa mémoire, «um dos muitos capitães corsários que... então partiam a infestar o Atlântico»»⁶⁸. Pois não, Peyrot não era um corsário, no significado técnico do termo. Faltaram-lhe as cartas patentes para lhe garantir o endossamento inequívoco da coroa e, por outro lado, a empresa marítima que projectava era mesmo a primeira que fazia. Mas isso não significa que não tivesse atuado como um simples bandido.

Caldeira conhecia bem a costa da Mina porque, depois de ter estado ao serviço do Cardeal-infante D. Henrique, passou às rotas de África na esperança de aí fazer dinheiro. Caiu em desgraça, como vimos, quando contrabandeou ouro da Mina contra as disposições régias (que datavam já do tempo de D. Manuel I) que proibiam expressamente que particulares transacionassem ouro na costa. Tão a sério era levada a proibição que efetivamente pouco gente se aventurava neste negócio⁶⁹. Era muito mais proveitoso assaltar os barcos contratados pela coroa para o transporte de ouro.

Segundo Bourdon, quer Gaspar Caldeira quer Antão Luiz ofereceram os seus serviços a Filipe II no final de 1564 pelo que lhes foi dada uma cédula real⁷⁰ (que tem data de 25 de dezembro de 1564) que os autorizava a ficar em território espanhol seis meses. A estadia poderia, talvez, ser útil para servirem de guias a uma eventual incursão na costa da Guiné. Bourdon justifica este interesse dos espanhóis pelo facto de nesta altura Filipe II começar a reivindicar território nas Molucas e, por isso, a pressão na Guiné poder servir de moeda de troca com os territórios asiáticos. Findos os meses da praxe, ambos passaram a França, onde efetivamente se encontravam em meados

⁶⁸ VELLOSO, 1945, *D. Sebastião 1554-1578*.

⁶⁹ Dizia Diogo Gomes a Rui Lopes numa carta datada de 21 de julho de 1567: «este ano nõ van à mina mais que hũa caravela, q he já partida, e isto sem gente, por quã to nom ai quẽ queira la ir, por amor do cardeal que lhes toma a todos as fazendas». Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 67.

⁷⁰ Trata-se de um salvo-conduto de que há uma cópia nos arquivos britânicos: in *Calendar of State Papers Foreign, Elizabeth*, 1870, Vol. 7, 1564-1565, pp. 530-543. O documento está assinado por Filipe II e por Francisco de Arasso e vem transcrito na íntegra por Bourdon (BOURDON, 1955, «Deux aventuriers Portugais Gaspar Caldeira et Antão Luis (1564-1568)», doc. 1, pp. 34-35). Os trechos mais significativos: «El Rey. Por quanto vos, Gaspar Caldeira e Antonyo Luys, portugueses, nos haveis certificado e echo relacion particular que en cierta parte de Africa nos podreis haser y hareis un servicio muy señalado e provechoso de manera que en cada un año podamos haver e rescivir una gruesa cantidad de dinero, ayudandonos y socorrendoos com lo que para ello fuere menester... viniendo en efecto lo sobredicho, haremos por ello y sobre el mismo fruto que dello se haviere y sacare a vos, los dichos Gaspar Caldeyra y Anton Luys o a qualquier de vos, la gratificación y merced que meresciere el servicio... y les da licençã para que pueden estar en estos reynos seis meses libremente».

de 1565, sendo mencionados na correspondência do embaixador espanhol Francés de Alava com Filipe II⁷¹. Caldeira ainda foi visto em Inglaterra antes de retornar a França. Alava segue-lhe os movimentos e volta a enviar uma carta a Filipe II em que dava conta que os portugueses se haviam juntado a Montluc em Bordéus⁷². João Pereira Dantas também o confirmou ao Cardeal-regente⁷³. Dos outros portugueses que se teriam juntado à expedição de Peyrot, juntamente com Caldeira, sabemos alguma coisa: Antão Luís seria um deles, juntamente com Francisco Dias Mimoso, mais conhecido pela alcunha do português *Zarolho*, «le pilote portugais borgne»⁷⁴, e provavelmente um Luís Castro de Lião. Mimoso estava em França desde 1561, uma vez que em março desse ano já atacava barcos castelhanos ao comando de embarcações francesas. A presença de pilotos ou conhecedores das artes de navegar era bastante apreciada e requerida até em França, o mesmo tendo acontecido depois com o padre Fernando Oliveira, autor da primeira gramática portuguesa e de livros de estratégia e de construção navais e até da primeira obra que ostenta o título de *História de Portugal*. Sabemos que o Almirante Gaspar Coligny, condestável de França, lhes dava proteção e os procurava, pois necessitava dos seus serviços e conhecimentos para os projectos que tinha para estabelecer colónias além-mar, sobretudo na América.

4. A Investida à Ilha da Madeira por Pierre-Bertrand de Monluc

A descrição pormenorizada do ataque e subsequente saque da ilha, devemos-la a Gaspar Frutuoso⁷⁵, que, minuciosamente, nos relata os acontecimentos tal como os

⁷¹ Carta de Francés de Alava para Filipe II datada de 13 de junho de 1565, transcrita no *Archivo Documental Español*, 1953, Tomo VII, p. 401. «Han venido dos Portugueses grandes platicos de la India de Portugal, los quales han tenido muy larga audiencia del Condestable [Anne de Montmorency], y después desta Reina y todo este Consejo. Los dichos Portugueses son agudos y muy cerrados en lo que tractan, tanto que con los mismos que han posado y conversado no se han descubierto nada, y anse ausentado. Ha resultado de la venida de los dichos Portugueses dar al hijo de Monluc el vizalmirantazgo [erro de Alava, o vice-almirantado foi dado a Blaise de Monluc] y comisión para que arme, con el galeón que tiene, que no ha podido salir este año».

⁷² Carta de Francés de Alava para Filipe II datada de 5 de agosto de 1565, transcrita no *Archivo Documental Español*, 1954, Tomo VIII, p. 35.

⁷³ Carta de João Pereira Dantas ao Cardeal-infante D. Henrique datada de 7 de fevereiro de 1566, Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 105, n.º 104.

⁷⁴ BOURDON, 1956, *Francisco Dias Mimoso, le "pilote portugais borgne" (1559-1569)*.

⁷⁵ Gaspar Frutuoso (1522-1591) foi um sacerdote, homem de letras e historiador nascido em Ponta Delgada, nos Açores. Frequentou a Universidade de Salamanca onde se formou em teologia. Em 1555 era já presbítero. Foi pároco na Vila de Lagoa (Ilha de São Miguel) de 1558 a 1560, ano em que se mudou para Bragança onde permaneceu até 1563. Dois anos mais tarde está na Ribeira Grande (São Miguel) na condição de pároco, onde permanecerá até morrer.

escutou dos naturais da Ilha, pelo menos dois diferentes, que assistiram aos eventos⁷⁶. Existe igualmente um relato dos acontecimentos, muito menos conhecido que o de Frutuoso, feito pelo Provedor da Real Fazenda da Madeira e que tem data de 22 de outubro de 1566, quatro dias apenas após a partida dos franceses. Trata-se de uma memória coeva, sem assinatura, transcrita por Falgairolle⁷⁷. Esta memória foi entregue ao embaixador de Portugal, seguramente João Pereira Dantas, que pede ao rei de França para poder ler a relação do oficial das finanças ao seu conselho para que todos tomassem conhecimento minucioso do que se passou. O embaixador demanda reparações e que sejam pedidas contas aos chefes da armada, particularmente ao Visconde de Jas, que substituiu Monluc ao comando do grupo⁷⁸. Diz ele:

«Tous les susd. articles et advertissements (Sire) ont esté envoyez comme dict est au Roi mon seigneur et sa Mag^{te} les a envoyé a moy comme veritables et je vous les pn^{te} comme telles sypliant tres humblement Vre Mag^{te} de considerer si les Turcs ou Sarrazins ennemys de Nre religion foy et loy chrestienne y fussent entrez eussent sceu faire la centieme partye des maulx et dommages que vos subjectz y ont faict lesquelz cas (Sire) vous devez trouver enormes et dignes d'une tres griefve et tres rigoureuse punition, laquelle Vre Ma^{te} doit faire tant pour le debvoir et obligation de justice que pour la continuation de l'ancienne amytié de ces deux couronnes de France et de Portugal et des Roys et Princes d'icelles».

Monluc começou por aportar à Ilha do Porto Santo na véspera do dia 2 de outubro, tendo investido contra a Vila. Ao que parece, uns pescadores, tendo visto chamas na vila, rumaram para Machico na Ilha da Madeira onde deram conta do sucedido. O alarme soou, pois, em Machico e na vizinha Vila de Santa Cruz. Sob as ordens de Tomé Álvares, capitão-mor das vilas de Machico e Santa Cruz, organizou-se a defesa da povoação tanto quanto era possível com os parques, para não dizer quase nulos, recursos bélicos existentes. Nesta altura governava a Ilha da Madeira Francisco Gonçalves da Câmara, que exercia essas funções por delegação do Governador e seu sobrinho, o 5.º capitão donatário do Funchal, Simão Gonçalves da Câmara, que se encontrava, como quase sempre, ausente em Lisboa. Francisco Gonçalves haveria de cometer uma série de

⁷⁶ FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*. Frutuoso é sobretudo conhecido por ter escrito uma extensa história dos arquipélagos dos Açores, Madeira, Cabo Verde e Canárias. *As Saudades da Terra* é uma fonte imprescindível para a história da Macaronésia nesta segunda metade do século XVI. Escrita entre 1586 e 1590, é composta por seis volumes distribuídos pelos diferentes arquipélagos. Frutuoso descreve não só a história das populações, mas abrange igualmente a geografia, toponímia, usos e costumes das gentes, incluso a fauna e flora dos locais, informação ainda hoje de referência. A obra de Frutuoso só começaria a ser publicada pela primeira vez em 1873.

⁷⁷ FALGAIROLLE, 1894, *Une expédition française a l'île de Madère en 1566*.

⁷⁸ De acordo com FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 249, teria sido Fabião, o irmão mais novo de Peyrot, que o teria substituído nos comandos da armada, mas não existe qualquer evidência a provar uma ou outra hipótese.

imprudências, revelando uma completa incompetência para lidar com este assunto. Recebeu as notícias da chegada da armada pelas 10 horas da noite desse dia 2, mas não deu importância ao caso achando que o perigo não seria assim iminente. Barbosa Machado atribui-lhe todas as culpas pela inércia com que respondeu a esta investida⁷⁹, e de facto este homem mostrou-se em tudo incompetente e desadequado⁸⁰.

No dia 3, três galeões de Monluc apareceram na Ponta de São Lourenço, a extremidade mais oriental da Ilha da Madeira e rumaram direitos ao Funchal, provavelmente porque se tenham apercebido das movidas em Machico e Santa Cruz⁸¹. A primeira impressão que tiveram os naturais destas vilas é que provavelmente eram naus amigas que estavam em trânsito para São Tomé ou para o Brasil. Só quando rumaram em linha, com a proa a direito para o Funchal, é que se terão dado conta que algo não estava bem. Mesmo assim, o governador Francisco Gonçalves da Câmara hesitou bastante sobre as medidas a tomar, facto que haveria de se tornar fatal na defesa da cidade. O condestável do forte, que possuía bocas-de-fogo «das maiores que havia no reino», ainda se propôs fazer fogo por achar serem os navios de «ruim título», mas o governador não o permitiu. Os piratas acabaram por fundear na Praia Formosa, a duas milhas do Funchal, tendo desembarcado pelas 9 horas da manhã. Entretanto, no forte da capital discutia-se o que fazer e foi decidido lançar um tiro de aviso, à laia de salva, a que, em caso de barcos amigos, se deveria responder da mesma maneira. Nada aconteceu, no entanto. Na baía do Funchal estavam ancoradas três naus: uma

⁷⁹ MACHADO, 1737, *Memórias para a História de Portugal* [...], Tomo II, Cap. XXIV.

⁸⁰ De acordo com manuscrito da Biblioteca Nacional, intitulado *Relações das Cousas Principaes q. sucederão em Portugal em tempo del Rei D. Sebastião. Tiradas dos originaes do Reyno por João Bat. Lavanha cronista mor do R.º de Portugal para fazer esta coronica*, e que contem um capítulo especialmente dedicado ao saque da Madeira, o capitão Francisco Gonçalves da Câmara, depois de avisado da vinda das embarcações, optara por se calar «para não fazer alvoroço, erro notável e de homem bisonho e pouco prático como quem nunca saiu da terra». Biblioteca Nacional, ms Códice 887, transcrito no que toca ao saque por NASCIMENTO, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», pp. 15-16. O mesmo documento foi, também, utilizado por PEREIRA, 1975, *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes*, pp. 56-57. Um outro autor, de quem só se conhecem as iniciais A.J.G.A., madeirense e vivo em 1846, decidiu corrigir algumas imprecisões encontradas em Gaspar Frutuoso e no cronista da Companhia de Jesus, padre António Cordeiro, e, no que toca ao episódio do saque, declara que os franceses encontraram pouca oposição, não por causa dos moradores, mas sim «pela inercia e negligencia de Francisco Gonçalves da Câmara que, sendo um soldado valente, não mostrou possuir as qualidades de um bom capitão». A. J. G. A. citado por PEREIRA, 1975, *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes*, p. 58. A afirmação da valentia do capitão não seria, por certo, subscrita por Frutuoso, que descreve a cena em que os franceses, entrando numa sala de S. Lourenço, encontraram «as mulheres honradas [...] pedindo misericórdia, e o capitam Francisco Gonçalves da Câmara entre ellas, ao qual o capitão francez tomou pela mão e lhe quis dar com a espada; mas as mulheres disseram: «Senhor, não o mates, que he o Capitam.»» Cf. FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 259.

⁸¹ O número de navios que chegaram à Madeira varia com os cronistas. Barbosa Machado fala em oito enquanto Gaspar Frutuoso fala apenas em três.

que ia para a Ilha de São Tomé e duas para o Brasil⁸². Havia ainda uma caravela de Setúbal que se aprestava para seguir para o Reino. Os capitães destes navios pediram para desembarcar e auxiliar a defesa da cidade, mas uma vez mais o governador não o permitiu por achar desnecessário. Alguma população correu à Praia Formosa para ver o desenrolar dos acontecimentos e com espanto viram a soldadesca a desembarcar dando disso aviso à cidade. A resistência dos ilhéus ao avanço dos franceses foi praticamente nula. Sabemos que foram usados falcões-pedreiros⁸³ para sustentar o avanço, mas mesmo esses encravaram e as guarnições desertaram⁸⁴. Logo no início da caminhada, junto à Ponte de São Paulo, Bertrand de Monluc foi atingido por lascas de um rochedo soltas por um dos tiros lançados e, ferido num joelho, veio a morrer três dias mais tarde.

O avanço dos franceses foi rápido e mortífero. Divididas as tropas em três grupos, logo se dirigiram à cidade. Uma das colunas, capitaneada pelo próprio Monluc, escolheu o caminho mais rápido em direção ao Funchal, pela Rua da Carreira. Logo no início atiraram a matar sobre uma procissão de franciscanos, encabeçada por Frei Álvaro de Miranda, tendo atingido seis e debandado os restantes. De seguida, marcharam com destino à fortaleza, onde o governador se encontrava sediado com 300 homens e as fidalgas da cidade, mas praticamente sem munições. Escaramuças ocorreram dentro do forte e também deram origem a mais algumas baixas. Logo de seguida iniciaram o saque ao Funchal de que resultaram, segundo Gaspar Frutuoso, cerca de 200 baixas⁸⁵. A liberdade com que atuaram os piratas denota uma total falta de organização defensiva da capital e uma incompetente acção por parte do governador. Muitos habitantes da cidade do Funchal fugiram para as freguesias contíguas, tendo os piratas ido no seu encalço. Fizeram incursões pelas montanhas limítrofes alcançando mesmo Nossa Senhora do Monte, a 585 metros de altitude, o que determinou que ficassem

⁸² Deve-se a De Thou a informação errada sobre o número de barcos na baía (ver nota 36). Ele não refere a sua fonte se é que teve alguma.

⁸³ Peça de artilharia caracterizada por disparar pelouros de pedra a uma distância inferior à alcançada por tiros de canhões.

⁸⁴ *A Relação do Saco que os francezes fizeram na Ilha da Madeira*, da autoria de Simão Nunes Cardoso, que a compôs em 1566, foi aproveitada por Gaspar Frutuoso, depois de Jerónimo Dias Leite a ter usado na sua *História da Madeira*. Esta relação dá conta de que uma parte das tropas francesas, ao pretender entrar na cidade pela rua da Carreira, deparou-se com populares e nobres da terra que vinham «sem outras armas mais q. lanças e espadas». Cf. NASCIMENTO, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», p. 16.

⁸⁵ É muito interessante a longa exposição do ataque dos franceses ao Funchal que Morais Barbosa faz nas suas *Memórias para a história de Portugal*, porque segue muito de perto (nalguns casos quase a decalque) a descrição que faz Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra*. Torna-se evidente que Barbosa se serviu dela para compor a sua própria descrição dos eventos (MACHADO, 1737, *Memórias para a História de Portugal* [...], Tomo II, Cap. XXIV, p. 639).

«os naturais desterrados, e os corsários senhores da cidade», no dizer de Frutuoso⁸⁶. Ainda de acordo com Frutuoso, os piratas ficaram na ilha 11 dias, o que sabemos não corresponder à verdade. O saque durou 15 dias ao fim dos quais o Funchal deveria estar irreconhecível⁸⁷, com a maior parte das igrejas e conventos saqueados, as principais e mais abastadas casas pilhadas. Quer os açúcares quer os vinhos que não puderam ser carregados foram simplesmente despejados por terra com prejuízos calculados pelo oficial de finanças como ascendendo aos 500 000 escudos. Tudo o que não pôde ser carregado para bordo foi lançado ao mar ou destruído. A artilharia pesada do forte foi inutilizada tal como os engenhos para lhes roubarem o cobre e estanho da maquinaria. Para além das suas três naus, que eram de grande porte, tomaram a caravela latina que estava no porto bem como a nau que ia para São Tomé. Carregaram o que puderam: mobílias, pratas, tecidos, os espólios das igrejas e conventos, mas também trigo, vinho, porcos, cavalos, que antes de partir ainda tentaram vender aos próprios roubados. As naus iam tão carregadas com móveis da Flandres que não sobrava espaço para as pipas de vinho. Impedidos de as carregar, os franceses decidiram abrir tudo o que eram pipas e lançá-las fora.

Em 1566 a população escrava na ilha era estimada em cerca de 3000 indivíduos, 300 dos quais foram embarcados pelos piratas. Como em França era extremamente difícil fazer transações de escravos por não ser costume da terra, fica claro que o objetivo seria trocá-los por ouro no primeiro porto a que aportassem. Por sorte salvou-se o tesouro da Sé do Funchal, que havia sido enterrado entre duas sepulturas

⁸⁶ FRUTUOSO, Gaspar, op. cit., p. 251.

⁸⁷ Da duração do saque é apresentada, ainda, uma outra versão na *Relação do Saco da Ilha da Madeira* [...], que aponta para os franceses terem estado no Funchal 16 dias, «nos quais nunca sahirão da cidade mais q. huma vez ate nossa senhora do monte cuja Imagem da sagrada virgem q. era de vulto grande e mt.to fermosa fizeram em m.tos pedaços e com o pouco q. achão se tornarão p.a a cidade». NASCIMENTO, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», p. 18. Outro pormenor interessante que contém esta narrativa é o de a imagem de Nossa Senhora se ter partido, o que contraria a versão apresentada por Gaspar Frutuoso, clérigo, que aproveitou o ensejo do ataque para assumir um milagre. Segundo as *Saudades da Terra*, quando do saque da Igreja do Monte, «hum francez, tomando a imagem de Nossa Senhora, que he de vulto de pão, a despio, dando com ela para a despedaçar, em huns degrãos de pedra forte; mas os próprios degraus se fizeram em pedaços, ficando ella inteira, sem quebar cousa alguma». Cf. FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 250. Esta fama miraculosa de que goza Nossa Senhora do Monte, precedida de um outro milagre que lhe é atribuído e que teria tido lugar por volta de 1470, quando Nossa Senhora teria aparecido a uma pastorinha, nas imediações do Terreiro da Luta, e seguida da instituição, a meados do séc. XVIII, da Confraria dos Escravos de Nossa Senhora do Monte, terão contribuído para, na sequência da grande aluvião de 1803, o bispo decidir colocar toda a ilha e, em particular, a cidade, sob proteção desta invocação da Virgem. Inegável é, ainda hoje, a grande devoção popular que passou a honrar esta Senhora e que se traduz na realização de um dos mais significativos momentos de culto popular materializado na festa e romaria do dia 15 de agosto. Cf. Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, 1984, *Elucidário Madeirense*, vol. II, ed. em fac-símile da edição de 1946, pp. 458-461.

recentes. O restante espólio, como capas, vestimentas, pálios e ornamentos de brocado e sedas, havia sido carregado a tempo em mulas e levado para as montanhas. O mesmo aconteceu com os valores da Alfândega.

Entretanto, as gentes das vilas vizinhas, sobretudo Machico e Santa Cruz, juntaram-se nas montanhas ao redor do Funchal, capitaneadas por Tomé Alvares, que era responsável pelas duas vilas, para poder contra-atacar. E a ocasião era propícia para um contra-ataque pois os franceses andavam totalmente ébrios pela cidade. Mais uma vez o Governador Francisco Gonçalves, que estava preso juntamente com um cento de homens e mulheres no forte, fez saber que se houvesse uma descida, os franceses matariam todos a golpes de cutelo (e, sobretudo, matá-lo-iam a ele!). Desta forma, aqueles homens que poderiam ter sido cruciais no desfecho da situação, permaneceram três dias nas vizinhanças do Funchal sem perceber porque não marchavam sobre os inimigos. Acabariam por retirar deixando o Funchal entregue aos franceses⁸⁸.

Finalmente, a 18 de outubro, uma sexta-feira, os franceses embarcaram de manhã e levantaram âncora ao fim do dia, já perto da noite, aproveitando os ventos de norte/nordeste⁸⁹. Fizeram rumo a Lanzarote nas Ilhas Canárias onde tencionavam vender grande parte do saque. Por fim, embarcaram e

«no fim dos onze dias se fizeram os francezes aa vella, sem fazer muito damno nas pousadas, senão nos templos, onde queimaram e despedaçaram as imagens, desfizeram altares, e profanaram reliquias, fazendo mais males por obras do que se podem por homens imaginar, nem por palavras contar, nem por christãos crer»⁹⁰.

⁸⁸ Damião Faria e Castro, na sua *História Geral de Portugal*, pese embora a poética do seu texto descreve bem esta intervenção: «O grande que causaráo tantos estragos nos ânimos piedosos do Capitaõ Thomé Alvares, de Antonio do Carvalhal, de Francisco Leomelim, e de Antonio de Freitas excitou nelles os generosos desejos de huma pronta, e correspondente vingança. Elles ajuntaraõ com extraordinaria despeza hum grosso respeitavel de gente para acudir a Cidade invadida, tomarem conta aos Francezes do que acabavao de obrar nella, conjurados a destruillos, ou a morrerem na empreza. Quando elles com todas as forças dos povos da Ilha escataõ a meia legoa de distância da Cidade pronto e resolutos a obrar, receberam huo aviso do General Camara, em que lhes fazia saber: como o novo Chefe dos Francezes informado da sua determinação o buscára, e Jhe dissera, que á mais leve resistencia, que os Portuguezes lhe fizessem, mandava tocar a degolla na Cidade; que tudo passaria á espada, e que elle General havia ser o primeiro dos mortos: que nesta consternação lhes pedia suspendessem os seus intentos bizarros, se retirassem, e deixassem ao Author de tudo obrar os seus designios Santos. Perplexos ficáraõ aquelles homens estimulados no que deviaõ obrar á vista de embaixada semelhante. Suspende a resolução era privarse de hum triunfo glorioso, ou de huma gloriosa morte em causa tao justa. Continuar nella tinha por consequencia a perda de tantas vidas dos seus amados Patricios, que já se entendiaõ victimas sacrificadas a hum furor deshumano (CASTRO, 1800, *História Geral de Portugal*, Tomo XV, Cap. IV, pp. 342 e seguintes).

⁸⁹ FALGAIROLLE, 1894, *Une expédition française a l'île de Madère en 1566*, p. 89.

⁹⁰ FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 252.

Para trás ficaria uma cidade saqueada, naquele que foi um dos mais funestos dias vividos naquele arquipélago. É muito eloquente a descrição que Gaspar Frutuoso faz do estado em que ficou o Funchal:

«Fallar nas cousas dos estragos e insultos que nos templos fizeram, he grande dor, e mais para chorar, que contar: as imagens da See quebradas; a de Nossa Senhora não se achou, nem quem dicesse que fora della; a de S. Roque cheya de muitos golpes e feridas; os órgãos queimados e derretidos; os sinos, que eram mui grandes, derribados da torre em baixo, fora hum muito grande, que o não poderam decer, todos também queimados e derretidos; na See tinham camas, e torpezas; e, finalmente, tal a deixaram, que mais parecia, aquelle dia que se foram, estrebaria, que templo de Deos: todos os outros da mesma maneira. Pelas ruas, praças e becos era hum fedor, que não sei como não se corrompeo o ar, e de inficionado, como não gerou peste: todo o género de animaes domesticos havia mortos pelas ruas; quatroze ou quinze corpos de homens jaziam por ellas e pelas casas, mortos de muitos dias, cujo fétido era tanto que se não podia soffrer, e logo os enterraram, e os outros animaes lançaram no mar; a penna das fronthas juncava as ruas, e os monturos eram tantos e tão fedorentos, que se não sabe dizer: tudo se queimou, e se soltaram depois as levadas, que regão assucaraes, e lavaram toda aquella sujidade»⁹¹.

O dia seguinte à partida dos franceses foi de limpeza da cidade, queima dos animais e franceses mortos e enterramento das gentes locais. Foi também o dia de desenviolar os templos.

Estava ou não nos planos de Peyrot atacar a Ilha da Madeira? Nunca saberemos ao certo das intenções de Monluc porque não existem documentos coevos que nos informem quais eram os seus propósitos. Gaspar Frutuoso diz, no entanto, que Gonçalo Pires, escrivão dos Contos, havia referido que durante a estadia dos franceses no Funchal, dois capitães se tinham alojado em sua casa e que lhes tinham dito que nunca tinha estado no seu pensamento aportar à Ilha, mas que, passando por ela, «se podiam haver naquelas quintãs e lugares, onde saíram, algum vinho e gados para sua viagem, e que iam direitos à Mina, e que aquela cidade do Funchal se lhes havia entregado de sua livre vontade»⁹²! Trata-se evidentemente de uma meia-verdade, pois é natural que fossem à Mina, mas nem o Funchal, nem o Porto Santo antes, se haviam entregado de livre vontade. Por isso todas as versões têm aparecido ao longo dos tempos: a América para vingar a afronta espanhola anos antes; o Índico para acabar com o monopólio português ao comércio de especiarias; a costa do Benim, para se apoderar do que começava a ser um muito lucrativo negócio de escravos. Existem evidências de que as

⁹¹ FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 271.

⁹² FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 275.

tripulações desconheciam exatamente para onde iam. Nesta altura era normal, antes de embarcar, os soldados e demais tripulação fazer testamentos e outros documentos, como por exemplo reconhecimento de dívidas. Encontramos hoje em alguns notários de Bordéus muitos destes documentos nos quais é bem patente a diversidade de locais para onde era suposto irem navegar. Enquanto um tal Bernard Guyonnet, no notário Peyron, pedia um empréstimo para comprar roupa para a viagem ao Benim, os irmãos Lafayette deixam todos os seus bens ao seu irmão mais novo, porque vão numa viagem à Florida. Todos estes contratos possuem datas de 24 a 29 de agosto, e por isso a armada não podia ter saído antes de 30 de agosto. E em todos eles se menciona o propósito da viagem como sendo o Benim ou a Florida⁹³. É portanto evidente que o destino não era verdadeiramente conhecido de nenhum deles. A maioria dos historiadores e investigadores franceses, pelo menos até ao início do século XX, sustentavam que a aproximação ao arquipélago foi consequência de um temporal associado à escassez de água potável que se fazia já sentir a bordo dos navios. Neste caso, os propósitos do capitão Monluc eram simplesmente abastecer os navios para prosseguir viagem, ou seja, fazer uma *aguada*. O início das hostilidades é sempre atribuído aos portugueses que, ao desembarque das tropas para irem buscar água, teriam lançado tiros de canhão e mobilizado toda a guarnição⁹⁴. A acrescer às hostilidades dos portugueses ainda se somaria a mobilização de todos os navios que se encontravam fundeados ao largo do Funchal, e que, levantando âncoras, se posicionaram frente aos franceses. Forquevaulx fala em 14 navios fundeados na praia⁹⁵. A descrição dos movimentos das tropas por parte dos autores franceses, sobretudo os que especificamente escreveram sobre esta expedição, é sobretudo baseada em De Thou. É em tudo errada e o historiador não podia ter acesso a fontes suficientes e credíveis para, com precisão, relatar os acontecimentos tal qual aconteceram. O ataque dos portugueses é descrito como «furioso» e sem que tivesse havido qualquer provocação por parte dos franceses. De acordo com De Thou, à chegada Peyrot, que havia descido para buscar água, foi

⁹³ LOIRETTE, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, pp. 47-49.

⁹⁴ Esta é de uma maneira geral a versão mais utilizada pelos historiadores franceses desde o início do século XVII. Por exemplo, Pierre Bergeron fala de uma equipagem de três navios e 700 homens que tinham como destino visitar as costas da «Guinee, Maniconge, Mosambique, Quiloa & Melinde, contracter amitié avec quelqu'un de ces Roys Mores, & obtenir par amour ou par force quelque place pour y bastir une forteresse, que servist de retraite asseuree aux marchans François, trafiquans en Afrique & Orient, à ce qu'ils ne peussent estre molestez par les Portugais, au commerce qui doit estre libre à tous» (BERGERON, 1729, *Recueil de divers voyages, faits en Tartarie, en Perse et ailleurs*, Tome 1, Cap. XVIII, col. 62). Ver ainda FALGAIROLLE, 1894, *Une expédition française à l'île de Madère en 1566*.

⁹⁵ Gaffarel menciona uma carta inédita de Forquevaulx (carta 142) que diz: «Il y avoit quatorze navires portugais à la plage, ca ril n'y a point de port, lesquels voulurent résister, mais leur résistance ne dura point, et furent prins.» (GAFFAREL, 1879, «Le Capitaine Peyrot Monluc», p. 314).

recebido aos tiros. De Thou deixa assim marcada a culpabilidade dos portugueses, a qual vai ser seguida por todos os historiadores franceses até ao século XX:

«Il mit là quelques'uns des siens à terre pour aller prendre de l'eau; mais en mesme temps les habitants tirèrent sur luy du canon, & non contents de cette injure, ils sortirent en armes, & poursuivirent les nostres. Or comme il n'en apprehendoit aucuns acts d'hostilité, parce que les Rois estoient amis, & d'ailleurs ne pouvant souffrir cela, il descendit aussi tost à terre, & ayant reconu le lieu, comme il escarmondroit de front avec l'Enemy, il commanda à son jeune frere d'aller promptement par derriere, mais par un plus long chemin vers la ville. Cela fait les Ennemis, quase virent enfermez entre les deux freres, ne pouvant avoir de secours de la palce, furent tous taillez en pieces. En meme temps, l'on alla droitr à la ville; & comme on en fit approcher le canon, & que ceux qui y estoient demeurez avoient pris l'espouvante de la defaite de leurs gens, elle fut prise et pillé sans peine. La grande Eglise restoit, où quelques soldats s'estoient retranchez; & comme on l'attaquoit Peyrot de Monluc reçeut à la cuisse une blessure, dont il mourut peu de temps après, au grand regret de tous les siens, & sans autre fruit de l'esperance de cette expedition»⁹⁶.

A maioria dos autores franceses faz depois uma descrição galante para branquear a pirataria e o que se passou a seguir⁹⁷. Com o assalto à cidade do Funchal, o que restava dos cidadãos e da tropa refugiou-se numa igreja e aí foram também chacinados. Peyrot teria morrido na refrega, quando já tinha a vitória nas mãos: «Réduits au désespoir, les Portugais se défendirent avec obstination et vendirent chèrement leur vie. Peyrot y périt au milieu même de sa victoire. Emporté par son ardeur aux premiers rangs, il reçut à la cuisse une grave blessure dont il mourut presque aussitôt»⁹⁸. Os franceses, na sequência da morte do seu chefe, acabariam por matar quem se encontrava na igreja e passaram ao saque da cidade. A ideia transmitida por Gaffarel de que em algum momento eles devem ter pensado em abdicar da expedição e ficar na Ilha não encontra sustentação documental, ainda que se apoie no facto de terem enterrado Monluc no Convento dos Franciscanos. Nada poderia estar mais longe dos pensamentos daqueles indivíduos. Na nossa opinião, essa atitude prende-se mais com o problema que representava um cadáver a bordo, do que com outras intenções mais ou menos ocultas, ao que acresce, com certeza, os franceses não ignorarem que os portugueses retaliariam, retomando o controlo da situação.

⁹⁶ DE THOU, 1659, *Histoire de Monsieur de Thou des choses arrivées de son temp*, Tome III, Livre XLIV, p. 183.

⁹⁷ De sublinhar, porém, por diferente, a opinião do embaixador francês em Madrid que, em carta dirigida a Carlos IX, admite que a chegada se fez de noite e apnhou desprevenida uma população que nem se tinha podido preparar nem defender. Cf. Carta de Fourquevaux ao Rei Carlos IX, datada de 2 de novembro de 1566 e transcrita em DOUAIS, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, carta 58, pp. 136-138, mais extensamente citada adiante.

⁹⁸ GAFFAREL, 1879, «Le Capitaine Peyrot Monluc», *Revue Historique*, T. 9, Fasc. 2, pp. 315.

5. As Reações Imediatas aos Acontecimentos ocorridos na Madeira

As novas da Madeira chegaram rapidamente à corte, porque uma caravela havia sido enviada tendo demorado cinco dias a chegar à capital, o que aconteceu uma quinta-feira, 16 de outubro. Imediatamente causou uma explosão de sentimentos anti-franceses. Em Portugal, tal foi a indignação, que o Cardeal-regente não teve quaisquer problemas em montar uma armada para ir vingar a afronta e, no encalço dos piratas, dar-lhes fim. Um dos cronistas portugueses temporalmente mais próximo destes acontecimentos foi o redator do *Memorial*⁹⁹. O assunto do saque à Madeira ocupa-lhe o segundo e terceiro capítulos. Neste último descreve minuciosamente a armada que se juntou para ir em socorro da Madeira, informando que não houve fidalgo que não se tivesse disponibilizado para partir e alguns fizeram-no às suas custas¹⁰⁰. A armada era constituída por 18 velas, a saber: cinco galés; uma nau armada às custas de Jorge Silva; cinco naus das quais uma era de aventureiros; uma nau marchante que estava cheia de soldados que ia para São Tomé; cinco caravelas, uma das quais do Rei; e um patacho¹⁰¹. A armada era comandada por Sebastião de Sá (filho de João Rodrigues de Sá, alcaide-mor do Porto). É provável que a bordo fosse igualmente o fortificador Mateus Fernandes. Dois dias antes da partida desta armada havia seguido para a Madeira João Gonçalves da Câmara, filho do capitão-donatário do Funchal Simão Gonçalves, um sargento-mor, Gaspar Luís, e três capitães bem como três padres da Companhia de Jesus¹⁰². Quando o grosso da armada chegou

⁹⁹ SOARES, 1953, *Memorial*.

¹⁰⁰ SOARES, 1953, *Memorial*, p. 14: «embarcãdosse todos com tão desatinado Impeto q não auia poder ter mão nos muitos que embarcar se qyueriam naõ cabendo nas embarcassõis».

¹⁰¹ A composição da armada pouco difere em Barbosa Machado (MACHADO, 1737, *Memórias para a História de Portugal* [...], Tomo II, Cap. XXIV, p. 341: «oito galeões grossos, e catorze caravelas, e foy nomeado por seu General Sebastião de Sá, filho de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide môr do Porto, a quem acompanharaõ muitos Officiaes, e Soldados da primeira nobreza, que se offereceraõ voluntariamente para sacrificar as vidas em obsequio de Deos, e do seu Principe. Com igual impulso, e semelhante gloria se embarcaraõ à sua custa nesta Armada Joaõ Gonçalves da Camara, filho de Simaõ Gonçalves da Camara, Capitaõ môr do Funchal, Alexandre Moreira, que tinha sido Capitaõ em Tangere, e Mazagaõ; Gaspar Luiz, D. Luiz Coutinho, Commendador da Ilha de Santa Maria, e o insigne Capitaõ da Ilha de S. Miguel Francisco do Rego de Sá».

¹⁰² O capitão-donatário do Funchal residia em permanência na corte, em Lisboa, e por isso se fazia representar pelo tio, Francisco, que tão inepto se mostrou em todo este assunto. Não podendo ou não querendo voltar à Madeira, mandou o seu filho e herdeiro João (1541-1580) tomar pulso à situação. João haveria de se tornar no 6.º capitão do Funchal e 2.º conde da Calheta. A vinda dos padres da Companhia de Jesus para a Madeira nesta expedição, e o agrado com que foram recebidos, acabou por determinar, pouco tempo depois, a instalação do primeiro colégio jesuíta além-mar e levou Gaspar Frutuoso a considerar, sem dúvida com algum exagero, «que não sabia qual destas cousas fora maior para esta ilha, se o que se perdeu com a chegada dos corsairos, se o que se ganhou com a vinda destes religiosos». Cf. FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 294.

à Madeira, a 26 de outubro, havia já seis dias que os franceses tinham partido¹⁰³. Em vez de terem zarpado logo no seu encalço, o Capitão-mor permitiu o desembarque das tropas e

«foi tal a desordem que sem falta fora muito melhor não haver vindo ahi: foi outro saque na terra, em especial nas cousas dos mantimentos e nos canaviaes de assucar, sem ser possível aquelles seis dias embarcarse soldado nenhum; tudo era fazerem arruídos, feitiços, e assuadas, e não darem nada por general nem capitães: e ao cabo de outo se embarcaram mal»¹⁰⁴.

A armada demorou-se demasiado (oito dias) antes de ir no encalço dos franceses que, entretanto, já nas Ilhas Canárias, acabariam por vender grande parte do produto do saque. Quando chegou àquele arquipélago, seguiu para a costa da Guiné, julgando que para lá iam os piratas, mas estes tinham já partido em direção a França. Para eles, a aventura havia terminado. Barbosa Machado é muito crítico de Sebastião de Sá por causa do tempo que se demorou no Funchal:

«[a Armada] nunca se pode encontrar com eles, que certamente seriaõ derrotados, se o nosso General não estivesse tanto tempo surto no porto do Funchal, cuja demora foy causa de que os Franceses voltassem triunfantes para as sua terras, e fosse inútil todo o dispêndio feito em huma Armada taõ poderosa»¹⁰⁵.

Quando o Cardeal-infante ordena à frota que parta no encalço dos agressores, a corte de Filipe II sabe de imediato e o embaixador francês em Madrid, Forquevaux, transmite a notícia à corte francesa. Data de 2 de novembro a sua missiva ao Rei Carlos IX em que lhe dá conta dos acontecimentos:

«Sire, l'occasion principale de ceste depesche est afin d'advertir Votre Magesté que tout Portugal est un alarme pour la descente que les François et Angloys ont faicte à l'isle de Madère vingt trois navires, qu'ils sont soubz le cap^{ne} Monluc, à ce que l'advís est venu dud. Portugal au Roy Catholique, le xxviii du passé. Je feiz lendemain la susd. visite sans qu'il m'en deist rien. Mais la Princesse, sa soeur, en est la plus marrye du monde. Tout ceste court trouve led. faict très mauvais. L'arrivée fut de nuict et l'assault aussitost; de sorte que ceulx de la ville n'eurent loisir de se defendre. Il y avoit quatorze navires Portugois à la plage; car il n'y a point de port; lesquelz volurent resister; mais leur resistance y a tué beaucoup de gens, sans espargner les prebtres, rompu eglises, forcé nonnains, razé molins à sucre et faict tous les plus grandzmaulx qui se peuvent fere en ung sac de ville. Autres disent qu'ilz n'ont faict sinon saccaiger; mais le butin a monté deux millions d'or; et parlent que lesd. François et Angloys fortiffient lad. ville eta utres deux lieux. Le roy de Portugal ou son conseil, en ayant sceu la nouvelle a incontinent mis ordre d'equiper et

¹⁰³ Barbosa Machado refere 10 dias.

¹⁰⁴ FRUTUOSO, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, p. 279.

¹⁰⁵ MACHADO, 1737, *Memórias para a História de Portugal* [...], Tomo II, Cap. XXIV, p. 667.

armer ses nefz et gallères qui estoient en Lisbonne, en intention de les envoyer desfaire et menasse de les massacrer»¹⁰⁶.

No dia 4 de novembro já o embaixador espanhol Francés de Alava tinha notícias de Ruão, de que em Lisboa se apresavam todas as embarcações francesas como represália do roubo à Ilha da Madeira¹⁰⁷. Nesta mesma data, a Rainha Cartarina de Médicis indaga o embaixador espanhol sobre o que terá acontecido e faz o primeiro édito, destinado aos portos da Normandia e Bretanha, para que se não dê ajuda nem a Monluc nem aos seus. Estes éditos nunca foram eficazes porque o rei não era de todo respeitado pelos súbditos. Alava escreve a Filipe II em 20 de novembro dizendo que o piloto português Dias Mimoso, conhecido por *Zarolho*, havia acompanhado Monluc, e que por causa dos recentes acontecimentos ocorridos na Florida, ninguém fazia caso do rei, desobedecendo-o ostensivamente e fazendo-se «arojarse tan inconsideradamente y contra la volutad de su Rey». Ainda durante o mês de novembro, Alava informa o seu rei que a desobediência era geral nos portos. Todos obedecem ao Almirante Coligny e por isso os piratas andam tão livremente e a descoberto «ni obedescen ni osan emprender cosa contra el Almirante... y todos penden dél»¹⁰⁸. O encarregado de negócios Manuel d'Araújo, em substituição temporária de João Pereira Dantas, faz três visitas à Rainha Catarina de Médicis para protestar. Um mês depois do relato do embaixador francês e depois da chegada de João Pereira Dantas, enviado de Portugal expressamente para protestar junto do rei de França, este faz emitir um édito que manda afixar em todo o reino, o qual é bastante severo, condena Monluc e os companheiros e também todos aqueles que os ajudarem quando regressarem a França. O rei considera-os culpados e quer agir em conformidade para não desagradar ao seu «três cher et três ame frere et cousin le roy de Portugal»¹⁰⁹.

Fourquevaulx sabia praticamente tudo apesar das informações ainda se encontrarem, nesta altura, deturpadas. No entanto, foi completamente previdente quando informou o seu rei de que, em Portugal, ser francês significaria ser molestado, *persona non grata*. Efetivamente, na capital portuguesa, a população atirou-se ferozmente a franceses e ingleses, residentes ou de passagem. Os primeiros acabaram

¹⁰⁶ Carta de Fourquevaulx ao Rei Carlos IX, datada de 2 de novembro de 1566 e transcrita em DOUAIS, 1896, *Dépêches de Fourquevaulx, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, carta 58, pp. 136-138.

¹⁰⁷ Carta de Francés de Alava a Filipe II, datada de 10 de novembro de 1566, transcrita no *Archivo Documental Español*, 1954-1955, Tomo IX, p. 20.

¹⁰⁸ Carta de Francés de Alava a Filipe II, datada de 26 de novembro de 1566, transcrita no *Archivo Documental Español*, 1954-1955, Tomo IX, p. 46.

¹⁰⁹ Pelo seu significado, e apesar de publicado nas *Gavetas da Torre do Tombo*, reproduzimo-lo no Anexo 1.

por se salvar graças ao trigo que abastecia a nação e que vinha de França, sem o qual a fome era certa. João Pereira Dantas foi o embaixador que estava em Lisboa quando as novas chegaram e teve certamente um papel na defesa dos cidadãos franceses. Não podendo descarregar as culpas nestes, a população virou-se contra os ingleses:

«Et se loue fort led. gentilhomme de don Juhan Pereres, ambassadeur residente près de Votre Majesté, pour plusieurs bons offices qu'il fait à l'endroit dud. s' roy de Portugal et de son conseil en faveur de voz subectz, qui se trouvoient lors de lad. nouvelle en lad. ville, qui n'estoit sans y avoir grand tumulte et du malcontentement contre la nation françoize. Toutesfois il ne leur fut fait ne dict choze dont ilz se puissent plaindre. Lequel respect ne fut pas gardé aux Anglais; car sur le premier bruit qui c'estoient Anglois qui avoient invadé Madère, ils furent tous emprisonnez en danger de leur vie. Aussi il est vray, Sire, que sans les bledz que voz subjectz portent continuellement aud. Lisbonne, on y mourroit de fain»¹¹⁰.

As relações com os franceses eram péssimas. Estes não perdoavam a derrota sofrida por Villegaignon na baía de Guanabara e o adeus ao seu sonho da França Antártica. Portugueses e espanhóis trabalhavam em conluio para dificultar o máximo que podiam os movimentos marítimos daqueles. A chacina levada a cabo na colónia francesa da Florida, perpetrada pelos espanhóis mas com a participação de portugueses, estava na memória de todos e bastava um motivo para se vingarem. Como veremos, os franceses irão mais tarde desculpar os terríveis acontecimentos na Madeira com idêntica atitude acometida contra os seus súbditos durante os massacres ocorridos na Florida, nas colónias francesas de Santo Agostinho e da Carolina.

Quatro dias apenas depois da carta em que Fourquevaux dava conta a Carlos IX dos acontecimentos na Madeira, o embaixador escreve a Catarina de Médicis com novas: Monluc estava morto e os portugueses haveriam de pedir contas por embaixador extraordinário, Juhan Perreres (João Pereira Dantas)¹¹¹.

Filipe II também não gostou do incidente. Os franceses eram vistos com muitas suspeitas por vários motivos: a política ambígua de Catarina de Médicis em relação à nova religião era sem dúvida um problema sempre presente, sobretudo tendo em conta a situação na sua Flandres que não era das melhores. Mas igualmente preocupante eram as tentativas dos franceses de se lançarem ao mar para conquistar novas praças e fundar colónias desafiando assim a hegemonia com que espanhóis e portugueses tinham dividido as possessões além-mar. O nervosismo do *Prudente* era grande por causa da

¹¹⁰ Carta de Fourquevaux ao Rei Carlos IX, datada de 4 de janeiro de 1567 e transcrita em DOUAIS, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, carta 65, pp. 157 e seguintes.

¹¹¹ Carta de Forquevaux a Catarina de Médicis, datada de Madrid, 6 de novembro de 1566, transcrita por DOUAIS, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, p. 138.

rapinagem que faziam aos barcos que vinham da Flandres. Disso deu ele conta ao seu embaixador em França, D. Fracés de Alava, para que transmitisse à corte de França «que allá deys noticia dello a la christianissima Reina madre, y también al christianissimo Rey haziendo com ellos de nuestra parte toda la instancia que pudiéredes para que manden que sean castigados los que en ello han tenido culpa»¹¹². Filipe II não hesitaria um segundo em ajudar D. Sebastião a expulsar os piratas, se tal fosse necessário, porque estava fora de questão que uma possessão tão bem localizada ficasse em mãos alheias.

Imediatamente após estes incidentes na Madeira, a corte portuguesa enviou a França, logo a 22 de outubro, o embaixador João Pereira Dantas, para apresentar a Carlos IX queixa, e exigir reparações bem como um castigo exemplar para os assassinos¹¹³. Tratava-se de uma questão que França não podia ignorar sob pena de azedar ainda mais as relações entre os dois países e sobretudo com Espanha que neste particular secundava inteiramente as pretensões portuguesas. Carlos IX e a sua mãe jogaram habilmente esta questão. Durante bastante tempo deram razão aos portugueses e condenaram o acontecimento como é perceptível pela correspondência trocada com Fourquevaux:

«quant à ce qui concerne le fait du jeune Montluc, je vous advise, Monsieur de Forquevaux, qu'après luy avoir par plusieurs fois refusé de sortir en mer je me laissay vaincre à la remontrance qu'il me fit faire des grandes despenses qu'il avoit employées en son équipage et que son intention n'estoit que de s'employer au fait de la marchandise dont son père et autres plus proches parents me donnoient toute seureté; qui fut cause que je luy accorday son congé, mais ce fust avec expresse deffence de n'offencer, invahir ny molester les pays et subgetz des roys d'Espagne et de Portugal mes bons frères et autres mes amis et alliez... Depuis, ayant eu information des déprédations qu'il faisoit sur mes propres subgetz et senti quelque vent de l'entrepinse et invasion qu'il a faicte sur l'isle de Madère appartenant au roy de Portugal, j'en ai eu tout l'ennui et desplaisir que peut un prince, qui ne désire que la conservation de la paix et amitié qu'il a avec les aultres princes chrestiens ses amis et alliez, et avant la réception de vostre dépesche, qui m'a plus éclaircy de la dicte invasion, j'avois jà faict expédier un mandement que j'ay envoyé publier par tous les ports de mon royaume,

¹¹² Carta de Filipe II a Don Francés de Alava datada de 20 de janeiro de 1567, transcrita em RODRÍGUEZ, RODRÍGUEZ, 1991, *Don Francés de Alava y Beamonte. Correspondencia inédita de Felipe II com su embajador en Paris (1564-1570)*, p. 167.

¹¹³ Pereira Dantas estava em Portugal nessa época para tratar do casamento de D. Sebastião com Margarida de Valois. Quem o substituiu na corte francesa foi o encarregado de negócios Manuel d'Araújo que, numa longa carta ao Cardeal-infante, datada de 26 de novembro, não poupa críticas a Pereira Dantas acusando-o de nada ter feito quando sabia que se armava uma esquadra em Bordéus. A carta é tão cáustica, mas tão interessante, que a reproduzimos integralmente no Anexo 6. Das vezes que o encarregado se encontrou com o Rei e a Rainha, sempre lhe foi afirmado que nada sabiam das movimentações de Monluc excepto que o tinham expressamente proibido de molestar portugueses e castelhanos (carta do encarregado de negócios Manuel d'Araújo, datada de 26 de novembro de 1566, Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mc. 108, n.º 8).

par lequel je tiens ledit Monluc et tous ceux de sa troupe pour déprédateurs et violateurs de la paix et commande expressément que l'on ne faille de les saisir et prendre prisonniers en quelque lieu qu'ilz puissent aborder. Je suis si esloigné de telles hostilités et m'en sens si offensé que si ledit Monluc peut tomber en mes mains j'en feray faire telle et si exemplaire démonstration et punition que l'on connoistra qu'il n'y a revanche de la Floride, n'y autre considération qui me sceut faire trouver bonnes telles actions, m'estant tousjours monstré trop syncère observateur de ma foy et de mes promesses et jaloux de ma réputation pour venir à telles extrémités qui sont plus que barbares et de gens qui sont sans foy et sans Dieu.»¹¹⁴

Carlos IX estava a ser totalmente sincero. E apesar de ser evidente que em meados de novembro desconhecia o destino de Peyrot, não pode haver dúvidas de que faria exatamente o que nela ameaça. E tanto é verdade, que a tripulação esteve algum tempo interdita de entrar em França. O retorno de alguns piratas a França teve de ser feito em São-João-de-Luz e não em Bordéus que lhes estava interdita e onde seriam facilmente capturados. A baía de São-João-de-Luz pertencia então a uma nação neutra. Carlos enviou uma carta ao Senhor de Meilleraye, vice-almirante e comandante dos portos da Normandia, datada de 7 de novembro, com instruções muito precisas sobre este assunto. Sob pena de morte e confisco dos bens, ficavam todos os sujeitos avisados que estavam interditados de ajudarem Monluc e a sua tripulação, sob que forma fosse¹¹⁵. Os depredadores, infratores e violadores da paz estavam, pois, sujeitos a arresto,

¹¹⁴ Carta de Carlos IX para Fourquevaulx datada de 14 de novembro de 1566. BNF, Fond Français 10751, ff. 518 e seguintes, transcrita por DOUAIS, 1897, *Lettres de Charles IX à M. de Fourquevaulx, Ambassadeur en Espagne*, carta 34, p. 58. Esta carta é bastante interessante porque não revela apenas o estado de espírito de Carlos IX e o que pensava sobre Monluc. Por ela podemos ainda ver que este tipo de piratas saqueava não só bens de estrangeiros como também os próprios compatriotas. Lamenta-se assim Carlos IX: «des déprédations qu'il faisoit sur mès propres subjetz».

¹¹⁵ Carta de Carlos IX a M. de la Meilleraye datada de 7 de novembro de 1566, transcrita por DOUAIS, 1897, *Lettres de Charles IX à M. de Fourquevaulx, Ambassadeur en Espagne*, carta 37, p. 64: «Monsr de la Meilleraye, Je viens d'estre adverty que le jeune Montluc, contre les inhibitions et deffences que je luy ay faict faire, sur peyne de la vye, de n'offenser et endommaiger mes amys, aliez et confederez, au voyage qu'il disoit vouloir fere pour le traficq de marchandise, a dès son parlement pris et enlevé par force grant nombre de bestial estant le long de mes rivières appartenant à plusieurs de mes subjectz, et, dès l'heure qu'il a esté en mer, depredé plusieurs navires franco ys et aultres soubz coulleur d'advitailler ses navires et vaisseaux et, s'augmentant de jour en jour et acompaignant de vaisseaux de divers pays et gens de diverses nations, a finalement faict une dessente en l'isle de Madaire appartenant au Roy de Portugal, mon bon frere, et pris d'assault la ville y exerçant plusieurs actes d'hostilité qui sont toutes entreprises faictes contre mesd. Inhibitions et deffenses et au prejudice de la paix et amytié que j'ay avec tous les princes chrestiens, que j'ay tousjours désiré et desire observer et fere observer inviolablement; et qui me donnent juste occasion, s'il est ainsi, de tenir led. de Montluc et ceux de sa compaignye pour depredatours et infracteurs de paix, et de vouloir que tous mes subjectz cognoissent le deplaisir que je reçoÿ de tels deportemens Et à ceste cause, je veulx et vous ordonne que vous faictes publier et notitfler tant en ma ville de Rouen que en tous les portz et havres de lacoste de mon pays de Normandy, que je inhibe et deffendz à tous mes subjectz, de quelque estat, qualité ou condition qu'ilz soyent, que, sur peyne de la vye et de confiscation de biens, ilz n'ayent à ayder et favoriser, ne faire ayder et favoriser directement ou indirectement led. de Montluc et ceulx de sa

tal como os seus bens, e os oficiais do reino obrigados a agir sob pena de privação dos cargos. Vemos, portanto, que Monluc não fazia só razias às possessões estrangeiras, mas pirateava inclusive os seus próprios compatriotas. A posição de Catarina de Médicis era de extrema prudência e não hesitou em condenar o sucedido porque havia anos que tentava obter uma nova aliança com Filipe II e tratava mesmo de casar a sua filha Margarida de Valois, ora com D. Sebastião, como veremos a seguir, ora com o Príncipe Carlos, filho do *Prudente*. No mesmo dia em que Carlos IX enviava tão duras palavras ao seu embaixador, Catarina também lhe envia uma carta nos mesmos termos:

«je suis si ennuyée et offencée de ceste incursion et invasion que le jeune Monluc a fait en l'isle de Madère pour le tort qu'il fait en cella à nostre réputation et pour lesa utres déprédations qu'il exerce non seulement sur les subjects des princes noz amis et alliez, mais sur les nostres propres, que je me désire que de le voir en lieu où le Roy mondict s' et filz en puisse faire telle punition et démonstration que la chrestienté connoisse combien noz intentions sont ennemies et esloignées de telles hostilité et désirons vivre en amitié avec tous les princes chrestiens, nos amiz, ne pouvant penser qu'il y ait homme vivant qui, considérant les desportements du dict jeune Montluc, sans passion, ne juge qu'ils ne peuvent procéder que de la rage d'un homme désespéré, lequel cherchant sa ruyne veut faire parler de luy au depends indifféremment de tous ceux auxquels il estimera pouvoir porter quelque dommage, comme il a fait depuis son partement»¹¹⁶.

Mesmo depois de ter sabido da morte de Monluc o rei continuou a reprovar a sua atitude porque punha em causa as boas relações que o uniam ao rei de Portugal¹¹⁷.

compaignye,soyt par raffreschissement de vivres, victuailles et monitions (sic), ou de gens et n'ayent à l'aller trouver avec leurs vaisseaux pour se joindre à sa troupe et le renforcer; et si le cas advient que luy ou aultre de sa compaignye se retirent en mes portz et havres, je commande à tous mes officiers, sur peyne de privation de leurs estats et offices, et à mes subjectz, sur peyne de desobeysance, qu'ilz les prenent et arrestent prisonniers, et saisissent et metent en ma main leurs vaisseaux et tout ce qui sera dessus, pour estre procedé à l'encontre des personnes par les peynes indictes contre les déprédateurs, infracteurs et violateurs de paix, et à la confiscation desd. vaisseaulx et de toute la robe qui sera dessus, ainsi qu'il sera de justice et de raison. Et si vous scavez et entendez qu'il y ayt de mes subjectz qui se préparent pour aller trouver led. s' de Monlluc, faites arresler leurs vaisseaux et tout leur equipage et n'en laissez sortir ung seul qui soyt armé en guerre, qui ne vous baille bonne et suffisante caution de ne s'adjoindre à la troupe dud. sr de Montluc, et de n'offenser, invahir et endommaiger mesd. amys, aliez et confederez en quelque sorte que ce soyt, affin que l'on cognoisse avec quelle rectitude et sincerité je veulx qu'il soyt procedé en telles choses tant de ma part que de celle de tous mes subjectz generalmente. Priant Dieu, Monsieur de la Moilleraye, qu'il vous ayt en sa sainte garde. Escript à S' Mor des Fosse, le vij^e jour de novembre 1566».

¹¹⁶ Carta de Catarina de Médicis para Fourquevaux datada de 14 de novembro de 1566. BNF, Fond Français 10751, ff. 523 e seguintes, transcrita por LA FERRIERE-PERCY, 1885, *Lettres de Catherine de Médicis*, Tome 2, p. 400.

¹¹⁷ Diz o rei a M. de Saint-Gildas: «il passa le long de Madère, où ayant mené quelques hommes en terre pour prendre de l'eau les Portugais luy tuèrent cinq ou six hommes; de quoy estant irrité mit pied en terre là, où aveques six ou sept cents hommes, estant assailly de troys ou quatre mil hommes, il les deffit et en tua trois à quatre mil hommes; il les deffit et en tua trois à quatre cens sur la place et entra pèle-mesle avecques eulx dans la ville qui fut saccagée. Ledict Montluc fut tué en recognoissant le chasteau, qui le voyant blesé, fut assailly de furie par ses soldats qui y entrèrent et mirent en pièces

Em finais de novembro Carlos volta a insistir com o seu embaixador que, mesmo no caso de Monluc ter sido provocado em primeira mão, isso não justificava o agravo feito a uma dependência de um rei com o qual tem relações de amizade. E confirma a Fourquevaulx que deu ordens de prisão a toda a tripulação e o arresto dos bens:

«Au demourant, il me desplaist incroyablement d'entendre que le jeune Montluc se soyt si extraordinairement porté en son voyage, oyant comme il a pris l'isle de Madère par force qui ne s'est pas fait sans qu'il y ayt eu du sang espandu. J'entendz qu'il s'excuse sur ce qu'il y a esté provocqué par les habitans, qui ont tiré coups de canon sur luy et sur ses vaisseaulx passans là auprès dont je suis après à scavoir la verite. Maiz comme ce soyt passée la chose, je ne puys que l'avoir à grant desplaisir pour le desir que j'ay toujours eu et auray de maintenir la paix et amyLié entiere et sincere envers les princes mes amys et voisins. EL vous souviendra bien des deffences que je feiz par infnyes foiz aud. de Montluc lorsqu'il partist, de n'endommager aucuns de mes amys ce qui ne s'est pas bien observé. Car j'ay infnyes plainctes de plusieurs navyres qui ont esté depreddées de toutes nations. Je ne scay si c'est luy, car en cella ilz n'ont non plus espargné mes subgettz que les autres et mesmes à leur partcmant feyrent ceulx de son esquippaige ung infny ravage de tout le bestial qu'ilz peurent trouver sur le rivaige de la rivyere d'où ilz partyrent, qu'ilz emportèrent quant et eux. Tout ce que je pourray fere pour les chastier, vous pouvez asseurer partout qu'il sera fait. Et jà, comme il vous a esté escript, ay mandé par tous les portz de mon Royaulme que s'il y arrive ou retourne quelqun dud. esquippaige ou priuse qu'ilz ayent fait, que tout soyt arresté et les hommes bien resserrez, pour faire fere justice de leurs faultes, autant que la raison le requiert, par où je feray bien cognoistre à tout le monde que leurs depportemens me desplaient assez et qu'il n'y a rien en cella de simullé. Je suis actendant la responce qui vous sera faicte sur noz plainctes des frontières, qui sont d'un coste et d'autre assez tirez à la longue, et n'y a pas faulte d'excuses»¹¹⁸.

Ficamos igualmente a saber que o Rei tinha pleno conhecimento de que os piratas exerciam uma rapinagem sobre os próprios compatriotas, tal como fizeram ao longo do rio quando partiram para a expedição. Data de 13 de dezembro o édito formal de Carlos IX proclamando como inimigos todos aqueles que haviam participado no saque¹¹⁹, a maioria dos quais, retornando da expedição, se encontrava em São-João-de-Luz, impossibilitados de pôr pé na França dos Valois. Com o tempo, o sentimento anti-francês começou a atenuar-se, mas não na correspondência oficial de onde os

tout ce qui estoit dedans, dont toutefois le Roy a esté contrarié pour ce qu'il est en paix et amityé avecques le roy de Portugal» (Carta de Carlos IX transcrita em LA FERRIERE-PERCY, 1885, *Lettres de Catherine de Médicis*, Tome 2, p. 400). Nesta carta, o rei já sabe que Monluc foi morto e nota-se já um tom mais conciliador que se irá acentuar com o tempo.

¹¹⁸ Carta de Carlos IX para Fourquevaulx datada de 27 de novembro de 1566. BNF, Fond Français 10751, ff. 570-575, transcrita por DOUAIS, 1897, *Lettres de Charles IX à M. de Fourquevaulx, Ambassadeur en Espagne*, carta 38, p. 65.

¹¹⁹ ANDRIEU, Jules, 1895, *L'expédition maritime de Peyrot de Monluc en 1566*, Revue de l'Agenais et des anciennes provinces du sud-ouest. Société des Sciences, lettres & Ars d'Agen, Tome 22, Agen, pp. 105-113. O édito reproduz-se na íntegra no Anexo 1.

pedidos de reparação pelo assalto nunca estiveram ausentes. Em França, as notícias exatas sobre o que aconteceu só poderiam ser vinculadas pelos piratas entretanto regressados, e é natural que a versão que puseram a circular fosse de condenação dos portugueses que teriam iniciado as hostilidades bombardeando os barcos franceses. Esta história acabou mesmo por reabilitar Monluc que, por ter morrido no assalto, facilmente poderia ser tido como um herói. É também o embaixador Forquevaulx que, mudando de opinião, passa a defender a ideia de que os portugueses são os agressores e não o contrário. Numa carta a Catarina de Médicis, não só toma os portugueses por arrogantes como ainda diz que os franceses chegaram com boas intenções¹²⁰. Evidentemente, estas ideias tinham sido postas a circular com um único objetivo: desculpar Peyrot e reabilitá-lo. Com o passar do tempo, Forquevaulx passa ao ataque e chega ao ponto de acusar os portugueses de querer estabelecer entrepostos no Canadá! Fourquevaulx chega mesmo a justificar as ações de Monluc na Madeira como uma tentativa de vingar o massacre dos franceses ocorrido na Florida e levado a cabo pelo espanhol Pedro Menendez em outubro de 1565. Mas Carlos IX, interessado em manter as melhores relações com os seus vizinhos, ignora totalmente as alegações fantasiosas do seu embaixador e reitera a culpabilidade de Monluc e companheiros nos termos mais duros possíveis, apelidando-o de depredador e violador da paz e ordenando a prisão de todos aqueles que tenham participado na aventura (ver nota 111). Mas o rei não era, aparentemente, secundado pelos seus mais próximos conselheiros. João Pereira Dantas, que havia pedido a Carlos IX cartas-patentes contra Peyrot, viu os termos em que as cartas estavam escritas tão frouxos e iníquos, muito mais próximos dos interesses franceses do que da coroa portuguesa, que escreve uma carta ao secretário de Estado francês Florimond Robertat, Senhor de Fresnes, recusando aceitá-las nos termos mais enérgicos: «je me plains de ce que vous lesa vez fait beaucoup plus favorables aux depredateurs que n'estoient pas les premières que je refuse et ne veulx pas accepter»¹²¹. Não obstante recair sobre os participantes da aventura à Madeira a mão pesada da coroa, no seu regresso a França, continuaram a beliscar as complicadas e periclitantes relações sobretudo com Espanha, sendo responsáveis por ações de pirataria sobre navios da Flandres e da Biscaia, tendo mesmo jogado ao mar as respectivas tripulações e apoderando-se das mercadorias. Desta vez foi João Gomes da Silva, o poderoso Príncipe de Éboli, quem fez chegar a Forquevaulx a ira de Filipe II que

¹²⁰ Fourquevaulx a Catarina de Médicis, carta datada de 29 de novembro, DOUAIS, 1896, *Dépêches de Fourquevaulx, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tomo 1, p. 144.

¹²¹ Carta de João Pereira Dantas ao Senhor de Fresnes, datada de 6 de dezembro de 1566, in MATOS, 1952, *Les Portugais en France au XVIe siècle*, pp. 202-203.

não teve outra opção senão a de transmitir a Carlos IX que ordenou uma intensificação do controlo marítimo de maneira a evitar este tipo de ações. Impedidos de entrar em França, os correligionários de Peyrot são defendidos pelo presidente do parlamento de Bordéus, Jacques-Benoist Lagebaston, numa carta a Catarina de Médicis, para os quais ele pede a clemência real:

«si l'intention du Roy, et vostre, est de conserver plus tost les vostres, que de les perdre, pour ce qui est passé; et si ce seroit chose meilleure de leur permettre leur accès en leurs maisons, et ne leur faire point, par leurs nouvelles entreprises, irriter plus avant les confédérés et amis de Voz Majestés, qu'en leur fermant la porte de leur patrie»¹²².

Lagebaston não estava sozinho na defesa do capitão Monluc. O Almirante Gaspard de Coligny, que sempre havia apoiado a iniciativa do gascão, pressiona o rei para levantar as interdições, o que Carlos IX faz a 12 de maio de 1567. Num Conselho de Estado em que o assunto foi discutido, o Cardeal de Lorraine posicionou-se contra os atacantes mas parece que Coligny foi suficientemente eloquente para fazer pender a decisão para o seu lado: «si (ces hommes euaient) eu tant de courage que d'entreprendre (seuls) ce que toute la France devoit faire (ils méritaient) une recompense et non pas une punition»¹²³ Por outras palavras, os franceses não tinham feito nada de injurioso, sempre foram maltratados pelos portugueses, em suma, foi um ato de legítima defesa. Logo a seguir lembrou a todos que os franceses em Villegaignon também haviam sido recebidos a tiro de canhão quando, ao serviço de Henrique II, aí tencionavam fundar uma colónia. Coligny conseguiu o seu intento, a absolvição de todos eles, tendo Carlos IX cedido e concedido a graça para que todos os piratas pudessem voltar as suas casas¹²⁴. Depois enviou um embaixador a Portugal para explicar ao rei a mudança de atitude.

A troca de correspondência diplomática voltou a azedar-se a meio de 1567, portanto já com o assunto encerrado para o lado francês. Portugal continuava a pedir satisfações pelos danos causados (como nunca deixaria de fazer durante o reinado de D. Sebastião), mas Catarina de Médicis já havia mudado de opinião. Chega agora a dizer ao embaixador Fourquevaux que as faltas cometidas podem ter sido o resultado de uma provocação:

«Vous avez très bien fait d'avoir adverti le s' de Monluc de l'armée que font les Portugois et la délibération qu'ilsont de faire un ravage quelque part en ce royaume, afin d'y prendre garde, comme aussi n'ay-je failli d'en faire partout et donner ordre qu'ils ne puissent rien trouver d'importance à decouvert. Je ne sçay pas comme le roy du Portugal se veult

¹²² Carta de Lagebaston para Catarina de Médicis datada de 24 de dezembro de 1566 e transcrita nos *Archives Historiques du Département de la Gironde*, 1868, T. 2, pp. 326-327.

¹²³ TESSIER, 1872, *L'Amiral Coligny-Étude Historique*, p. 98.

¹²⁴ DE THOU, 1659, *Histoire de Monsieur de Thou des choses arrivées de son temp*, Tome III, Livre XLIV, p. 183.

porter en cest endroit, mais s'il entame la paix que nous avons ensemble par ce moyen, peut-estre qu'il n'y gagnera rien, ne voyant pas que ce jui est advenu à la Madère luy soit cause suffisante, pour estre chose survenue par l'insolence des siens; en quoy les gentils-hommes qui furent au voyage prétendent avoir esté provoquez. Je sçay que là où vous estes ils seront tousjours bien aises que nous ayons peu d'amis et point de ce costé là, mais il y a beaucoup à dire de n'estre pas ennemis, et s'il y avoit moyen que puissiez découvrir en quel endroit seroit pour tumber leur nuée pour nous en advertir, ce seroit un servise fait fort à propos.»¹²⁵

Quanto a Peyrot, depois de ter sido enterrado pelos companheiros no convento dos Franciscanos no Funchal, mal estes abandonaram a ilha, foi desenterrado por uma população furiosa tendo-se perdido o seu rasto. É verdade que Pierre-Bertrand de Monluc foi simplesmente ignorado por todos os historiadores dos séculos XVII e XVIII e foi preciso chegar ao fim do século XIX para que Paul Gaffarel o ressuscitasse numa biografia notoriamente falsa, cheia de imprecisões históricas, fabricada para justificar o injustificável, e deliberadamente anti-portuguesa.

E quanto a Gaspar Caldeira depois de regressado a França? Sabemos que, depois de voltar da expedição, Caldeira esteve em França e contactava com cristãos-novos. Quando os éditos de 1567 limitavam a livre circulação dos cristãos-novos, Caldeira, juntamente com Antão Luís (também ele cristão-novo), voltou a Inglaterra para obter proteção de Isabel I¹²⁶. A meio do ano de 1567, já com as proibições levantadas, Gaspar Caldeira encontra-se alojado em casa do embaixador português que, parece, tinha fama de albergar tudo o que era fora-da-lei¹²⁷. Não é de todo claro o comportamento do nosso embaixador. Bourdon diz que o fazia para melhor os controlar. São conhecidos contactos entre Dantas e o Almirante Gaspar de Coligny que provavelmente necessitaria de bons pilotos e cartógrafos para as suas atividades na Florida e nas Antilhas. Por outro lado, fazendo isto, poupava a Mina e a Guiné. Os espanhóis estavam cientes disto e evidentemente não gostavam da situação¹²⁸. E passavam todas as

¹²⁵ LA FERRIERE-PERCY, 1887, *Lettres de Catherine de Médicis*, Tome 3, 1567-1570, pp. 38-39, carta de Catarina a Fourquevaux datada de 12 de junho de 1567.

¹²⁶ Em Inglaterra fazia-se passar por um tal Pedro Vasques Franco e ainda tentou, sem sucesso, embarcar com o célebre corsário John Hawkins em Plymouth, expedição destinada a percorrer as costas ocidentais africanas (ver MARCOCCI, 2012, *A Consciência de um Império, Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XVII)*, pp. 363-364).

¹²⁷ Carta de Francés de Alava a Filipe II, datada de 20 de junho de 1567, transcrita no *Archivo Documental Español*, 1954-1955, Tomo IX, pp. 347-358.

¹²⁸ Carta de Frances de Alava a Filipe II datada de 20 de junho de 1567, transcrita no *Archivo Documental Español*, 1954-1955, Tomo IX, pp. 347-358. Eis o trecho relevante: «contempla el dicho Embaxador al Almirante extrañamente, y aunque entiendo que una de las causas principales sea (como a Vuestra Majestad lo tengo escrito en mis precedentes) por impedir y estorbar que franceses no vayan a comerciar en la Mina ni en Guinea, puede muy bien ser que trate con él de otras cosas que ni son en servicio de Dios ni de Vuestra Majestad ni que puedan dar contento a su Rey; cuantos piratas

informações importantes ao nosso embaixador Francisco Pereira. É ele quem informa D. Sebastião que em França se aparelhava uma armada e, portanto, as ilhas deviam de estar de sobreaviso, «por que desta nasção francesa segundo seu humor ha pouco que confiar»¹²⁹. E tinha toda a razão, porque em setembro desse ano o embaixador Pereira Dantas envia uma carta ao Cardeal-infante avisando-o de que Gaspar Caldeira se preparava para nova expedição à Mina e por esse motivo os capitães na Madeira e nas Ilhas de Cabo Verde deveriam ser alertados¹³⁰. No mesmo sentido chegou um aviso a Gabriel de Zayas, datado de 11 de junho de 1567, onde se sabe que alguns dos capitães que haviam participado preparavam nova expedição a partir de São-João-de-Luz: «se hazia una armada... para algunas yslas [...] del Rey de Portugal, y son los mis[mos] capitanos que fueran en la armada que robô la ysla de la madera»¹³¹.

Entre 1567 e 1568 os nossos embaixadores estiveram bastante ativos para conseguir a entrega à justiça, não só de Gaspar Caldeira, mas também dos outros cúmplices. O perigo de fuga era muito e astúcia era requerida neste caso particular. Francisco Pereira chega mesmo a escrever a D. Sebastião avisando que «Guaspar Caldera he homem inteligentíssimo e Antão Luis deve ser outro tal»¹³². Este embaixador acaba mesmo por conseguir a prisão de Caldeira com a grande cumplicidade de Castela, quer para a prisão propriamente dita, quer na sua entrega como na de Antão Luís, como se percebe da sua correspondência com a corte portuguesa¹³³. O embaixador castelhano junto da corte francesa, Francés de Alava, ajudou o colega português em todos os trâmites. Não só indicou o nome dos que, em França, davam proteção ao Caldeira (à cabeça dos quais estava De L'Aubespine que, segundo Alava, beneficiava sempre dos saques perpetrados pelos portugueses), como o próprio Almirante. Foi também

portugueses andan en Francia acoge y favorece sin jamás prender ninguno, y enviándole yo a decir cuatro o cinco meses ha que me espantaba que recogiese y oyese tan malos hombres en su casa, que no trataban sino cómo habían de deservir a su rey, me respondió que algunas veces él sabía de hacer del necio, y que yo vería cuán buena salida tendría aquello; los dichos hombres van cada diez días al Almirante, el cual se cartea y platica con ellos muchas veces, y aunque principalmente habla con ellos en las cosas del Perú y de la Nueva España, y aquella navegación siempre entiendo que viene a parar en la Guinea, y uno de los dichos hombres ha dicho a otro mío que el Almirante posee mejor todas las cosas de aquellas partes que ningún portugués».

¹²⁹ Carta de Francisco Pereira a D. Sebastião datada de 17 de junho de 1567, Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 180, n.º 60.

¹³⁰ Carta de João Pereira Dantas ao Cardeal datada de 4 de setembro de 1567, Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 72.

¹³¹ Carta ao secretário de estado Gabriel de Zayas datada de 11 de junho de 1567, Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 247, n.º 69.

¹³² Carta a D. Sebastião, cuja cópia se encontra na Torre do Tombo com a cota Torre do Tombo, Conselho Geral do Santo Ofício, livro 210, ff. 134-134v., mas também 21-22, 35, 122-124.

¹³³ Ver a propósito a correspondência do embaixador com a corte, agrupada num único códice da Torre do Tombo sob a cota TSO, Conselho Geral do Santo Ofício, livro 210.

Alava quem de certa forma minou a hipótese dos portugueses serem julgados em França como era pretensão daqueles¹³⁴. Em outubro de 1567, Filipe II indignava-se pela morosidade com que os pilotos eram levados à justiça:

«El dilatar tanto el castigo de un delincuente tan façineroso como el piloto português es harto claro indício de lo que dezís nque havíades entendido, que no solamente el Almirante, mas a más, la misma Reyna madre deve procurar que se led é la vida y libertad para se servir dél en sus empresas y navegaciones»¹³⁵.

Filipe II, é verdade, ordenou todas as diligências para a prisão dos culpados e a prová-lo está uma sequência de cartas trocadas com o seu embaixador ao longo de 1567. O *Prudente* acredita que Francisco Pereira Dantas se faz tonto para obter dividendos e manda mesmo avisar a corte em Portugal para que se ponham de sobreaviso contra novas ações de pirataria: «y vos assí mismo nos avisaréis de lo que más pudiéredes entender çerca deste particular, porque como tengo al Rey de Portugal en lugar de mi hijo y sus cosas por próprias, querría que estuviessem com el mismo buen recaudo que las mías». Para ele, Pereira Dantas não estava sério na questão da prisão dos pilotos, tendo-se mostrado tão lerdo que «he dado aviso al Rey de Portugal mi sobrino, assi de la prisión del dicho piloto su vassalo como de la floxedad y dissimulación com que esse su Embaxador procede en el negoçio»¹³⁶.

D. Sebastião toma, entretanto, posse efetiva do reino a 20 de janeiro de 1568 e vai inaugurar o seu reinado com a punição do crime da Madeira. No início de 1568, Gaspar Caldeira e Antão Luís são feitos prisioneiros caindo numa armadilha montada por um companheiro seu, Tristão Luís, um cirurgião de Alfama que era espia de Filipe II¹³⁷. Maior prova do envolvimento dos espanhóis na captura de Caldeira não poderia existir. A prisão deu-se em Fonterrabia, conduzida pelo alcaide de Resende, e sendo logo de seguida extraditado primeiro para Castela a partir do porto de La Rochelle, e depois entregue em Lisboa¹³⁸. Um julgamento sumário que durou apenas dois dias ditou-lhe uma sorte horrível. Tão horrível que, como diz Marocci, «até a piedade cristã

¹³⁴ MATOS, 1952, *Les Portugais en France au XVIe siècle*, ver cartas de Alava a Filipe II datadas de 25 de abril e 3, 6, e 11 de maio de 1567, transcritas parcialmente nas páginas 205 e seguintes.

¹³⁵ Carta de Felipe II a Francés de Alava, datada de 2 de outubro de 1567, transcrita por RODRÍGUEZ & RODRÍGUEZ, 1991, *Don Francés de Alava y Beamonte. Correspondencia inédita de Felipe II com su embajador en Paris (1564-1570)*, p. 192.

¹³⁶ Carta de Felipe II a Francés de Alava, datada de 28 de maio de 1567, transcrita por RODRÍGUEZ & RODRÍGUEZ, 1991, *Don Francés de Alava y Beamonte. Correspondencia inédita de Felipe II com su embajador en Paris (1564-1570)*, p. 178.

¹³⁷ MORAIS, 1942, *Pedatura Lusitana*, Tomo 5.º, Vol. 1.º, p. 326.

¹³⁸ *Caldre, portugalois, que le gouverneur de Fonterrabie avoit arrêté prisonnier, est delivré aux officiers du roy de Portugal pour le faire conduire à Lisbonne où lui sera fait son procès*. DOUJAS, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, p. 312, carta de Fourquevaux a Carlos IX datada de 19 de janeiro de 1568.

teve dificuldade em encontrar espaço»¹³⁹. Em 18 de fevereiro de 1568, pelas 7 horas da manhã, saiu do Limoeiro e foi arrastado até ao Cais da Pedreira, onde chegou às 2 da tarde. Cortadas ambas as mãos junto ao Pelourinho, foi enforcado, esquartejado, a cabeça posta na forca e os quartos distribuídos pelas portas da Cruz, do Sol, de Santo Antão e da Mouraria¹⁴⁰. Tal deve ter sido a tortura que a população, por segundos, deve mesmo ter tido piedade do supliciado¹⁴¹. Passados três dias coube à confraria da Misericórdia recuperar os restos pendurados e dar-lhes sepultura. O autor do *Memorial* confirma a informação anterior¹⁴², mas acrescenta que o marinheiro amigo do Caldeira, que ao tempo se alojava em casa do embaixador apesar de igualmente andar a contas com a justiça, foi convencido a armar uma cilada para atrair Gaspar Caldeira a uma fortaleza em Fonte Rabia. Aí foi preso e trazido para Lisboa onde desembarcou no Cais da Ribeira no dia 16 de fevereiro de 1568. Daí foi interrogado na Relação e depois recolheu ao Limoeiro. Dois dias depois foi supliciado como descrito antes. Com Caldeira, supliciaram-se dois pilotos também a contas com a justiça – Antão Luís e Belchior Contreiras¹⁴³, ambos presos em Castela onde andavam. Um terceiro cúmplice, filho do capitão da Ilha do Faial nos Açores, viu a sua pena comutada em degredo para o Brasil, mas 17 anos mais tarde acabaria por ser preso e enforcado na Ilha Terceira daquele Arquipélago, pagando assim o crime da Madeira¹⁴⁴.

¹³⁹ MARCOCCI, 2012, *A Consciência de um Império, Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XVII)*, p. 365.

¹⁴⁰ Luís Lobo da Silveira, *Do que os Francezes fizeram na ilha da Madeira*, Torre do Tombo, Fundo Geral, ms. 887, f. 92, transcrito por BOURDON, 1955, «Deux aventuriers Portugais Gaspar Caldeira et Antão Luis (1564-1568)» (doc. 2, p. 54).

¹⁴¹ «Este homem morreo muy constricto, e arrependido do grande mal, e pecado que tinha feito contra Deos, contra ElRey, e sua Patria, e naturaes, pedindo muitos perdões a Deos, e à gente, fazendo exclamações tão enternecidas, que concorrendo todos a vello com duro coração e animo raivoso, por causa da sua grande tyrannia, e insolência que causou, chorarão ao depois com pena, e lastima delle, pedindo a Deos lhe perdoasse, e rezando-lhe por sua alma» (MENESES, 1730, *Chronica do muy alto e muito esclarecido príncipe D. Sebastião*, cap. 124, p. 364).

¹⁴² SOARES, Pedro Roiz Soares, op. cit.

¹⁴³ Este Belchior Contreiras havia sido preso em Sanlúcar de Barrameda (Cádiz, Espanha) por diligência de Nuno Álvares, provedor dos lugares de Africa em Andaluzia (MACHADO, 1737, *Memórias para a História de Portugal* [...], Tomo II, Cap. XXIV, p. 668).

¹⁴⁴ Francisco Dias Mimoso (o *Zarolho*) teve a mesma sorte mas diferida no tempo. Havia sido preso em março de 1567, e acabaria por fugir da prisão com a cumplicidade do embaixador português (que até dava guarida a três ou quatro portugueses que haviam participado na expedição de Monluc) que neste particular estava de conluio com o Almirante e com o Cardeal de Lorraine. O piloto era precioso demais para as explorações além-mar, dizendo mesmo que os poderia levar até ao Perú. O embaixador Alava não tem dúvidas: «Cierto, bien se ve que hay misterio grande, pues ellos han puesto y ponen tan grande esfuerzo para salvarle, rompendo três o quatro edictos deste Rey para ello». Noutra carta diz ele «Este Embaxador de Portugal burlando ni deveras no quiere ayudar para que se haga justicia deste piloto, y cierto temo que el dicho Embaxador, sin sentir lo que hace, há hecho notable daño a su amo, porque há cargado com el Almirante tanto en que se reservem las cosas de la Guinea com dádivas y promesas, que los há puesto en gran disima codicia de ir a ella, y así dos cosarios de los más familiares del Almirante me afirman que se van a juntar com los navío

Nenhuma crónica portuguesa, evidentemente, menciona que as hostilidades tenham partido da população da Madeira. Essa foi uma ideia que foi vinculada pelos franceses que desejavam diminuir os portugueses, por inveja ou cobiça da sua ação musculada em relação ao tráfico nesta região do Atlântico. Pode ser que piratas sobreviventes tenham pretendido desculpar-se atribuindo as culpas aos naturais da Ilha. A ideia de não saírem mal deste assunto levou a que os cronistas franceses dos séculos XVII a XIX se colassem a uma mentira tão evidente. E mesmo que os portugueses tenham sido os primeiros a atirar tiros de canhão, faziam-no sabendo que os franceses vinham com intenção declarada de pilhar e matar (conforme diz Frutuoso), como tinham feito na véspera em Porto Santo. Os portugueses estavam avisados dos acontecimentos do Porto Santo e por isso ripostaram ao desembarque.

Quanto a Peyrot de Monluc, passou à história nas memórias do pai, Blaise de Monluc, que nos *Commentaires* se lamenta assim:

«Et quand je l'euz perdu, ensemble mou filz, le cappitaine Monluc, qui feust thué à Madère, appartenant au roy de Portugal, il me sembla que l'on m'eust entièrement coppé mes deux bras, pource que l'ung estoict le mien dextre, et l'aultre le gauche»¹⁴⁵.

O saque dos franceses à Madeira, em 1566, não é assunto ignorado pela historiografia portuguesa, uma vez que muitos autores se lhe referem, alguns com descrições bastante minuciosas dos acontecimentos, como sucede com Gaspar Frutuoso, por exemplo.

Menos conhecida, porém, era a perspetiva que sobre o assunto fornecia a documentação francesa, diplomática ou não, e essa é a medida em que este artigo contribui com alguma inovação para ilustrar o tema e melhor o integrar no contexto político, económico e religioso da época. Pensamos, pois, que a pormenorizada transcrição de textos de origem francesa que integram a presente exposição pode vir a complementar o entendimento da problemática, preenchendo, de certo modo, vazios que a abordagem exclusivamente portuguesa mantinha abertos.

ingleses, que parten a fim deste mes a inquietar la Guinea, y llevan consigo un piloto compañero deste tuerto questá preso llamado Caldeira, el qual guió la armada de Monluc a la Madera y es el subjecto de quien más caudales hacen aquí todos los piratas después del tuerto para sus piraterías». Ver correspondência de Alava com Filipe II em RODRÍGUEZ & RODRÍGUEZ, 1991, *Don Francés de Alava y Beamonte. Correspondencia inédita de Felipe II con su embajador en Paris (1564-1570)*, pp. 212, 219, 223 e 287. O Zanolho acabou mesmo por ser supliciado por enforcamento em fevereiro de 1569 (ver BOURDON, 1956, *Francisco Dias Mimoso, le "pilote portugais borgne" (1559-1569)*).

¹⁴⁵ Blaise de Monluc refere-se ao Capitão Charry que morreu na noite de São Bartolomeu, em Paris, e a Peyrot, seu filho. Ver RUBLE, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Tomo 1, p. 387.

Fontes Manuscritas Mais Relevantes

Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 106, n.º 45.
Torre do Tombo Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 8.
Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108.
Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 67.
Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 72.
Torre do Tombo Corpo Cronológico, Parte II, mç. 180, n.º 60.
Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte II, mç. 247, n.º 69.
Torre do Tombo, Conselho Geral do Santo Ofício, livro 210.
Arquivo de Simancas, Guerra y Marina, Leg, 72, 3.

Fontes Impresas e Bibliografia

ANDRADA, Francisco, 1796, *Chronica do muyto alto e muyto poderoso Rey destes Reynos de Portugal, Dom João III deste nome*, Coimbra, Real Officina da Universidade.
Archivo Documental Español, 1953, 1954, 1954-1955, Tomos VII, VIII e IX (Negociaciones com Francia), Madrid, Real Academia de la Historia.
Archives Historiques du Département de la Gironde, 1868, T. 2, Paris & Bordeaux.
BAIÃO, Pereira, 1737, *Portugal cuidadoso, e lastimado com a vida, e perda do senhor Rey Dom Sebastião [...]*, Lisboa Occidental.
BERGERON, Pierre, 1729, *Recueil de divers voyages, faits en Tartarie, en Perse et ailleurs*, Tome 1, Cap. XVIII, col. 62, Leyden, Pierre Vander Aa.
BONTIER, Pierre, 1630, *Histoire de la Premiere Decouverte et Conqueste des Canaries*, Paris, Michel Soly Ed.
BOURDON, L., 1956, *Francisco Dias Mimoso, le "pilote portugais borgne" (1559-1569)*, separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Universidade de Lisboa.
BOURDON, Léon, 1955, «Deux aventuriers Portugais Gaspar Caldeira et Antão Luis (1564-1568)», in *Bulletin des Études Portugaises et de L'Institut Français au Portugal*, Nouvelle Serie, Tome 18, Livraria Bertrand, pp. 5-56.
BRAUDEL, Fernand, 1984, *O Mediterrâneo e o mundo Mediterrânico na época de Filipe II*, vol. II, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
CARITA, Rui, 1998, *A Arquitetura Militar na Madeira nos Séculos XV a XVII*, Funchal/Lisboa, EME/UMa.
CASTRO, Damião Faria e, 1800, *História Geral de Portugal*, Tomo XV, Cap. IV, Lisboa, Tipografia Rollandiana.

- CERQUEIRA E SILVA, Ignacio, 1835, *Memorias históricas e políticas da província da Bahia*, Tomo I, Bahia.
- D'AUBIGNE, Théodore-Agrrippa, 1626, *Histoire Universelle*, Seconde Edition, Livre Quatriesme, Chapitre XX, Amsterdam.
- DE THOU, 1659, *Histoire de Monsieur de Thou des choses arrivées de son temp*, Tome III, Livre XLIV, Paris.
- DOUAIS, L'Abbé, 1896, *Dépêches de Fourquevaux, ambassadeur du Roi Charles IX en Espagne 1565-1572*, Tome 1, Paris.
- DOUAIS, L'Abbé, 1897, *Lettres de Charles IX à M. de Fourquevaux, Ambassadeur en Espagne*, in *Memoires de la Section des Lettres, Montpellier, Académie des Sciences et Lettres de Montpellier*.
- DUARTE, Luís Miguel, 1985, «Crimes do mar e justiças da terra», in *Revista da Faculdade de Letras: História*, Série II, vol. 8, Porto, pp. 43-73.
- Elizabeth*, 1870, Vol. 7, 1564-1565, ed. Joseph Stevenson, London.
- FALGAIROLLE, Edmond, 1894, *Une expédition française a l'île de Madère en 1566*, Mémoires de l'Académie de Nimes, VII Série, T. XVII, Nimes.
- FALGAIROLLE, Edmond, 1897, *Jean Nicot, Ambassadeur de France en Portugal au XVIe siècle*, Paris.
- FRUTUOSO, Gaspar, 1873, *As Saudades da Terra, Historia das Ilhas do Porto Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens*, Funchal, Typ. Funchalense.
- GAFFAREL, Paul, 1879, «Le Capitaine Peyrot Monluc», in *Revue Historique*, T. 9, Fasc. 2, pp. 273-332.
- GOSSE, Philip, 1947, *Los Corsarios Berberiscos. Los Piratas del Norte (Historia de la Pirateria)*, Buenos Aires, ed. Cia. Gral Fabril Financiera.
- LA FERRIERE-PERCY, Hector de, 1885, *Lettres de Catherine de Médicis*, Tome 2, Paris, Imprimerie Nationale.
- LA FERRIERE-PERCY, Hector, 1887, *Lettres de Catherine de Médicis*, Tome 3, 1567-1570, Paris, Imprimerie Nationale.
- LEITE, Jerónimo Dias, 2016, *Descobrimento da Ilha da Madeira*, Funchal, Imprensa Académica.
- LOIRETTE, Gabriel, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, in *Bulletin de la Section de Géographie du Comité des Travaux historiques et scientifiques*, Paris, Imprimerie Nationale.
- LORIN, Henri, 1904, *Note sur les relations coloniales de Bordeaux a l'époque de Charles IX*, Séances et Travaux de l'Académie des Sciences morales et politiques, Tome 62 (CLXII^e de la collection), Paris.
- MACHADO, Barbosa, 1737, *Memórias para a História de Portugal [...]*, Tomo II, Cap. XXIV,

Lisboa Occidental.

- MARCOCCI, Giuseppe, 2012, *A Consciência de um Império, Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XVII)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MATOS, Luís, 1952, *Les Portugais en France au XVI^e siècle*, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra.
- MENESES, Manuel de, 1730, *Chronica do muy alto e muito esclarecido príncipe D. Sebastião*, Lisboa Occidental.
- MORAIS, Cristóvão Alão de, 1942, *Pedatura Lusitana*, fac-simile da edição de 1678 numa edição coordenada por Alexandre Vasconcellos, António Cruz e Eugénio Freitas, Tomo 5.º, Vol. 1.º, Porto.
- NASCIMENTO, João Cabral do, 1949, «A expedição de Bertrand de Montluc», in *Arquivo Histórico do Funchal*, vol. VII, n.º 1, Funchal, pp. 6-22.
- PELÚCIA, Alexandra, 2016, «Curso e Pirataria», in DOMINGUES, Francisco Contente (dir.), *Dicionário da Expansão Portuguesa. 1415-1600*, vol. I, Lisboa, Ed. Círculo de Leitores, pp. 309-314.
- PEREIRA, Eduardo C. N., 1975, *Piratas e corsários nas Ilhas Adjacentes*, 4.ª edição, Funchal.
- REGO, Silva, 1974, *As Gavetas da Torre do Tombo*, X, Lisboa, Centro de Estudos Históricos do Ultramar.
- RIBEIRO, Luciano, 1960, *Colectânea de documentos acerca de D. Sebastião*, Separata da *Studia*, n.º 5, Lisboa.
- RODRÍGUEZ, Pedro & RODRÍGUEZ, Justina, 1991, *Don Francés de Alava y Beamonte. Correspondencia inédita de Felipe II com su embajador en Paris (1564-1570)*, Donostia-San Sebastian.
- RUBLE, Alphonse, 1867, *Commentaire et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Librairie de la Societé de l'Histoire de France, Tomos 1, 2, 3, 4 e 5, Paris.
- SERÉN, Maria do Carmo, s.d., «Corsários e Piratas: um vector da expansão marítima de quatrocentos», disponível em <https://pt.scribd.com/document/132891186/TEXTO-Carmo-Seren-Corsarios-e-piratas2>.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1987, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião*, Lisboa, Academia Portuguesa de História.
- SILVA, Francisco Ribeiro da, 1989, «Portugal e o curso no Atlântico Norte na segunda metade do século XV. Alguns aspetos», in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, vol. III, Porto, pp. 541-549.
- SOARES, Pedro Roiz, 1953, *Memorial*, Acta Universitatis Coninbrigensis, Universidade de Coimbra (leitura e revisão de Lopes de Almeida).
- TAMIZEY DE LARROQUE, Philippe, 1868, *Notes et documents inédits pour servir a la biographie de Jean de Monluc, évêque de Valence*, Paris.

TESSIER, 1872, *L'Amiral Coligny-Étude Historique*, Paris.

TUETÉY, M., 1885, *Journal de Nicolas de Baye*, Tome 1, Paris.

VELLOSO, Queiroz, 1945, *D. Sebastião 1554-1578*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

Anexo 1

Édito do Rei Carlos IX, proibindo a entrada dos participantes do saque à Madeira, datado de 13 de dezembro de 1566.

Transcrição em REGO, Silva, 1974, *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. X, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, pp. 187-189 (doc. 5897 XX, 14-16).

A tous ceulx qui ces presentes lectres verront Anthoine Duprat Chevallier seigneur de Nantoill et de Precy et de Rozay baron de Thiert et de Thouoy conseiller du roy notre sire gentilhomme ordinaire de sa chambre et garde de la prevoste de Paris saluu. Seavoir faisons que l'an de grace mil cinq cens soixante six le samedy quatorzeiesme jour de Decembre par Estienne Brute et Adrian Fourmer notaires du roy notre dit ou chastellet de Paris a este veu tenu et leu de mot apres autre les lettres patentes du roy notre dit sire desquelles la teneur en suit.

Charles par la grace de Dieu roy de France a tous nos lieutenans generaulx seigneurs tenans nos courts de parlemens admiraulx visadmiraulx baillists sergeaulx prevost maitres et gardien des ports havres ponts passages jurisdictions et des troicts et a tous nos autres justiciers officiers ou leurs lieutenans et a chacun d'eulx en droict soy et nomme a luy appartiendra salut. Nous avons este advertis par la plaincte qui nous a este faicte par le seigneur Jehan Pereira Danttas ambassadeur de notre tres cher et tres ame frere et cousin le roy de Portugal resident aupres de nous que le Jermie Montluc soubz [...] de faire ung voiage de mer pour quelque trafficq a contre les juhibilitlons et deffences que luy a nous faict faire et reiterer plusieurs fois tant par lectres que autrement de n'offencer ny endommager nos amis allies et confederes accompagne d'un bon nombre de navires et hommes de diverges nations faict descente en l'isle de Madere ou il auroit pruis la ville d'assault et exerce tous actes d'hostilite contre nos dits deffences et au prejudice de l'amitie et intelligence que nous avons avec notre diet frere et cousin le roy de Portugal par quelle desirans nos seulement d'estroictement entretenir et observer tant a l'endroict de celluy notre diet frere que des autres prives chrestiens mais aussy faire clairement congnoistre a ung chacun combien telles entreprises nous desplaisent et le desir que nous avons

de pourveoir par exemplaire chastement que tous depredateurs et perturbateur de paix n'aient aucun lieu en notre royaume. A ces causes et autres bonnes grandes et raisonnables consideracions a ce nous mouvans nous vous mandons ordonnons enjoignons et commectons par ces presentes et a chacun de vous en droict soy que vous faictes publier a son de trompe et cry publicq par tous les ports havres lieux de vos jurisdictions et des troicts acoustumes a faire semblables proclamations que nous avons deffendu et deffendons tres expressement a tous nos subjects de quelque estat ou condition qu'ils soient sur peine de confiscation de corps et de biens que aucuns d'eulx uait a se joindre avec le diet de Montluc ou la troupe et armes qu'il meyne avec luy ne luy porter directement ou indirectement aucun ayde services ou faveur soient de vivres gens armes ou autres choses quelsconques et si le dit de Montluc ou aucuns de ceulx qui l'auroient suivy et accompaigne au dit voiage retournoient en cestuy notre royaume faictes les sans delay sur peine de privation de vos estats e offices saisir et arrester prisonnier pour estre contre eulx procedde par telle pugnition et reparation tant en leurs personnes que en leurs biens que le cas le requerra et en estre faicte la justice et demonstration qu'il appartiendra et semblablement faictes saisir et mettre en sevre garde par bon et loyal inventaire leurs vesseaulx artillerie munitions denrees et marchandises sans aucunement mettre icelluy de Montluc ou ceulx qui l'auraient comme diet est suivy et accompaigne et qui viendroient est navires avec luy ou sans luy en liberte de leurs personnes que premierement la justice n'en alt este faicte telle quelle y escenirra vous deffendant aussy tres expressement de ne vendre faire vendre ou delivrer les dits vesseaulx artillerie munitions denrees et marchandises a quelque personne ne pour quelque caution et occasion que ce soit si ce n'est en vertu de nos lectres patentes contenant que le dit ambassadeur de notre dit frere et cousin aura preallablement sur ce este oy et a ce faire souffrir et obelr contraignes tous ceulx qu'il appartiendra et pour ce feront a contraindre par les voies dessus dictes et autres en tel cas requises et acoustumees comme pour nos propres affaires non obstant oppositions ou appellations quelconques pour lesquelles ne voullons estre differe et la congnoissance desquelles nous avons retenue et retenons a nous et notre personne et lcelle deffendue a toutes nos courts et juges quelsconques par ces presentes par lesquelles de ce faire vous avons donne et donnons plain pouvoir puissance auctorite commission et mandement especial mandons et commandons a tous nos justiciers officiers et subjects que a vous en ce faisant obeissent prestent et donnent conseil contort ayde et prisons se mestier est et requis en sont car tel est notre plaisir non obstant quelsconques lectres ordonnanon mandement ou deffention ad ce contraires et pour ce que de ces presentes l'on pourra avoir affaire en plusieurs et divers lieux nous voullons que au vidimus d'icelles faict

soubs seel royal ou collationne par l'un de nos ames et feaulx notaires et secretares foy soit adjoustee comme au premier (?) original.

Donne a Paris le troisieme jour de Decembre l'an de grace mil cinq cens soixante six et de notre que le sixiesme et audessous estoit escript par le roy estant en son Conseil signe Robertet et scelle sur double queue de cire jaulne.

En tesmoing de ce nous a la relacion des diets notaires avons fait mectre le seel de la dicte prevoste de Paris a ce premier transcript et vidimus qui faict vidime et collationne a este les jour et ans dessus premiers diets.

Anexo 2

Extrato das memórias de Blaise de Monluc, pai de Peyrot de Monluc, em que fala do seu filho, da expedição e seus motivos e da sua perda.

RUBLE, Alphonse, 1867, *Commentaires et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Librairie de la Societé de l'Histoire de France, Tomo 3, Paris, p. 75.

[...] mon filz, le cappitaine Monluc, ne pouvant non plus vivre en repos que son père, se voyant inutile en France, pour n'estre que courtisan, et ne sçaichant nulle guerre estrangère où s'employer, desseigna une entreprinse sur mer pour tirer en Affrique et conquérir quelque chose. Et pour cest effect, suivy d'une belle noblesse volontaire, car il avoit plus de trois cens gentilhommes, et d'ung nombre des meilleurs soldatz et cappitaines qu'il peust recouvrer, s'embarqua à Bourdeaux avecques six navires aussi bien équipés qu'il estoit possible. Je ne veux m'arrester plus longuement sur le dessein de ceste malheureuse entreprinse, en laquelle il perdit la vie, ayant esté emporté d'une mousquetade en l'isle de Madère, où il fit descendre pour faire aiguade. Et parce que les insulaires ne vouloient permettre de rafraischir ses vaisseaux, il failleust courir aux mains, à leur perte et ruyne, et plus à la mienne, qui perdis là mon bras droit. Que s'il eust pleu à Dieu me le conserver, on ne m'eust presté les charités qu'on a fait. Bref, je l'ay perdu en la fleur de son age, et lorsque je pensois qu'il seroit et mon baston de vieillesse et le soutien de son pais, qui en a eu bon besoin. J'avois perdu le courageux Marc-Antoine, mon filz aîné, au port d'Ostie: mais celuy qui mourut à Madère pesoit tant, qu'il n'y avoit gentilhomme en Guyenne qui ne jugeast qu'il surpasseroit son père. Je laisse à discourir à ceux-là qui l'ont congneu quelle estoit sa valeur et sa prudence. Il ne pouvoit faillir d'estre bon cappitaine, si Dieu l'eust préservé; mais il dispose de nous comme il luy plaist. Je croy que ce petit Monluc qu'il m'a laissé, taschera à l'imiter, soit en valeur ou en loyauté envers son prince,

comme tousjours les Monlucs ont faict. S'il n'est tel, je le désavoue. On sçait bien, et la royne mieulx que tout autre, que je ne feuz jamais l'autheur de ceste infortunée entreprinse: monsieur l'admiral sçait bien combien je taschay à la rompre, non pas pour vouloir retenir mon filz sur les cendres, mais pour la crainte que j'avois qu'il ne feust cause d'ouvrir la guerre entre la France et l'Espagne. Et encor que je l'eusse désiré, si eussé-je voulu que quelqu'autre eust fait l'ouverture pour la tirer de noz maisons. Le dessein de mon filz n'estoit pas de rompre rien avec l'Espagnol, mais je voyois bien qu'il estoit impossible qu'il ne donna st là ou au roy de Portugal; car, à veoir et ouyr ces gens, on diroit que la mer est à eulx. Monsieur l'admiral n'aymoit et estimoit que trop mon filz, ayant tesmoigné au roy qu'il n'y avoit prince ny seigneur en France qui eust peu, de ses seuls moyens, et sans bien faict du roy, dresser en si peu de temps un tel équipaige. Il disoit vray, car il avoit gagné le coeur de tous ceux qui le congnoissoient et qui vouloient suivre les armes; et moy j'estois si mal advisé, qu'il me sembloit que la fortune luy devoit estre aussi favorable qu'à moy. Pour ung vieux guerrier tel que je suis, je confesse que je fis une grande faute de n'avoir avant partir découvert l'entreprinse à quelque autre, veu que les vicomtes d'Uza, de Pompadour et mon jeune filz estoient de la compagnie, qui eussent peu tenter fortune et poursuivi e l'entreprinse projectée; de laquelle je me tairay, parce que peut-estre la royne la renouera quelque jour.

Anexo 3

Carta de Blaise de Monluc, para a Rainha Catarina de Medicis, datada de 8 de junho de 1566, em que descreve as intenções do filho.

RUBLE, Alphonse, 1867, *Commentaires et lettres de Blaise de Monluc Maréchal de France*, Librairie de la Société de l'Histoire de France, Tomo 5, Paris, pp. 61-64.

A La Royne [Agen, 8 juillet 1566]

Sur le commandement que la royne a faict par le cappitaine Tilladet à monsieur de Monluc, chevalier de l'ordre du roy, et son lieutenant général au gouvernement de Guyenne, en l'absence de monsieur le prince de Navarre, de lui mander le voiaige qu'a délibéré faire sur mer le cappitaine Monluc, son fils, les lieux et endroits où il veult aller et à quelles fins; Le dict sieur de Monluc respond à sa Majesté que le dict cappitaine Monluc, se voyant inutile en ce royaulme et désirant trouver quelque bonne fortune, a entrepris de faire ung voyage sur mer, ayant quatre ou cinq vaisseaulx comme navires, roberges et chaluppes équipés, et trois ou quatre cents

hommes et autant de mariniers pour se garder d'estre mys à fond par les pyrattes, dans lesquelles vaisseaux il a trouvé moyen de mettre plusieurs et diverses marchandises pour les porter vers la coste de... et les y trocquer et eschanger avec les Mores, qui sont libres et aultres, en or ou argent monnoyé ou à monnoyer et aultres richesses qu'il prétend amener en ce dict royaulme. Qu'estant à la dicte coste et s'estant deffaict de ses marchandises, il a délibéré de renvoyer tous ses vaisseaux de par deçà avec tout ce qu'il aura peu gagner et acquérir, pour en rendre compte à ceulx qui luy ont fourny les victuailles et marchandises, qui montent à une si grande somme qu'elle excède cent ou six vingts mille livres; et se réserve deux roberges, avec lesquelles il a délibéré aller descouvrir quelques isles que certains Portugais expérimentés, qui sont avec luy, luy ont déclaré estre inhabitées et incongneues. Et y estant, son intention est d'y planter des bornes et par ceste introduction rendre cest endroit-là utile au service du roy, commode et favorable à tous les subjects de sa Majesté, qui ont à voiajer en' cest endroit. Ce qu'il a dès le commencement faict entendre au rojr et à la royne, qui ne le trouvèrent mauvais. Par quoy il a faict toutes diligences pour se rendre prest à partir en cest équipage: pour y parvenir a obligé et hypothéqué à plusieurs sa personne et tous ses biens. Et parce qu'il a pleu à la royne voulloir encores sçavoir de nouveau la délibération du dict cappitaine Monluc, et qu'il est sur le point de l'exécuter, il semble advis que ce soit pour oppinion qu'elle ayt ou que l'on a donné à entendre à sa Majesté qu'il veuille faire quelque chose contre les ordonnances ou entreprendre contre les amys, alliés et Confédérés du roy; ledict sieur de Monluc luy faict entendre que le dict cappitaine Monluc n'a délibéré aulcunement de transgresser les dictes ordonnances ny endommager les pays et subjects des dictes amys, allyés et confédérés de sa Majesté. Et faisant le dict cappitaine Monluc son dict voyage, les marchands entreprendront plus volontiers de faire de grands trafics sur la mer dont il adviendra de grandes richesses en ce royaume, ce qu'ils n'osent faire, ains laissent leur navires inutilement ès havres de la coste de la mer, pour la crainte des pyrattes et corsaires qui les forcent et pillent, voire mettent à fons, ainsy que depuis dix ou douze ans ils ont faict à plusieurs des subjects du roy, et mesmes depuis peu de temps à ung navire de monsieur de la Mailleraye' avec trente ou quarante hommes. Et jjoyans les dictes marchans le dict convoy estre la seureté de leurs marchandises, ils l'entretiendront d'eulx-mesmes, sans qu'il couste aucune chose au roy, qui néanmoyns en tirera de grands services. Et quant au voiaige de Danemarck, le dict cappitaine Monluc n'y ira point, et ce qu'il avoit arresté avec Fambassadeur du roy du dict pays, c'estoit pour ce qu'il luy monstra une patente du roy, par laquelle il permettoit à ung chascun sortir avec armes par ce royaume, venant du cousté d'oranges et d'Avignon, qui donnoit claire congnoissance au dict cappitaine Monluc

que l'intention du roy estoit qu'on allast secourir le dict roy de Danemarck, ce que aultrement il n'eut jamais entrepris, ny ne fust partysans aller prendre congé de sa Majesté. Et preuve: que avant d'y aller vouloit bien sçavoir la responce du dict ambassadeur, duquel depuis il n'a eu nulles nouvelles.

Fait à Agen, le VIII de juillet 1566.

De Monluc.

Anexo 4

Exposição endereçada ao Parlamento de Bordéus pelos habitantes da província, que se viram sujeitos à rapinagem de bens pelos homens contratados por Monluc para a sua expedição. É curioso que a descrição destes habitantes, em menor escala, é certo, reflete muito o que se passaria depois, durante o saque ao Funchal. É também interessante que estes habitantes tinham a informação de que aqueles homens iriam para Florida e não mencionam a Mina ou o Benim. O saque dos homens de Monluc deu-se numa segunda-feira dia 26 de agosto. A resposta ao requerimento dos habitantes não se fez esperar e tem data de 28 de agosto.

LOIRETTE, Gabriel, 1941, *Expédition Maritime du Capitaine Peyrot de Monluc en 1566*, in *Bulletin de la Section de Géographie du Comité des Travaux historiques et scientifiques*, Paris, Imprimerie Nationale.

A Nosseigneurs de Parlement,

Sur la requeste presenté par les habitans du bourg et parroisse de Lormont, contenant combien que les soldatz qu'on dict aller à la Floride n'aient aucun mandement du Roy pour vivre à discretion comme ilz font sur ses subjectz, toutesfois y ayans passé environ de quatre à cinq cens hommes qui y arrivèrent lundi, y couchèrent et yer matin s'en partirent après avoir achevé de boire et menger ce qui restoit, et emporté tout ce qu'ilz ont peu prendre, et non contens de ce que les pouvres habitans avoient en leurs maisons, les ont contrainctz aller achapter à leurs despens pain, vin et chair, aians baptu et frapé plusieurs desd. habitans tant hommes que femmes; et s'estans retirés yer matin, partie des dessusd. en y demeura une compagnie de cent hommes qui vesquit tout le jour de yer à discretion et y sont encores; et yer au soir, environ diz heures de nuyt, y arrivèrent plus de deux cens sans aucun mandement ne adveu, rompirent les portes des maisons de plusieurs desd. habitans et aussi les fenestres et y sont encores tirans ordinairement de nuyt et de jour coups d'harquebousades pour intimider lesd. habitans, lesquelz contraignent à eulx

nourrir à leur discrétion; et non contens de ce s'en vont par les vignes coupans les vitz au pied pour emporter plus facilement la vendenge; et si sur ce leur est faicte remonstrance, incontinant baptent et frapent celuy qui s'ingère de faire tele remonstrance et procèdent par despit de pis en pis, telement que la pluspart desd. habitans qui sont pouvres laboureurs, seront constraintz aller mendier, et si tele force et violence est continuée, craignent lesd. habitans qu'ilz perdront patience et seront constraintz s'aider des remèdes baillés par les ordonnances [contre] toutes les gens tenans les champs sans mandement du Roy. Et sur ce remonstrarent que si l'ennemy aient conquis ce país sur le Royne feroit et ne pourrait faire plus grandes extorsions, violances et oultrages hors de mettre le tout à feu et à sang; et si cela estoit continué, lesd. pouvres habitans et tous aultres seront constraintz abandonner leurs maisons et biens et laisser le tout en proye chose grandement déplorable et digne de grande commisération, pour à quoy pourveoir, n'aians à qui se pover adresser que à la Cour qui représente le Roy, la supplient très humblement lesd. habitans vouloir sur ce pourveoir pour le service du Roy et conservation de ses subjectz, de tel remède qu'elle scauroit trop mieulx adviser pour obvier à l'inconvenient qui s'en pourroit ensuyvir, et les suplians prioient Dieu pour la prospérité du Roy qui n'entend teles forces et violences estre faictes sur ses subjectz et aussi pour celle de la Cour.

[A resposta.]

La Court ordonne que informations seront faictes des excès mentionnez en la présente requeste et en toute diligence par le lieutenant criminel de la seneschaulcée de Guyenne, ung huissier de lad. court à luy joinct pour lesd. informations rapportées et venues par lad. court, y donner telle provision que de raison; et neanlmoings que cependant et promptement lesd. lieutenant criminel et huissier, ensemble le substitué du procureur général du Roy en lad. Seneschaulcée se transporteront aud. Lieu de Lormont et autres circonvoyins, et illec feront inhibitions et defenses au cappitaine Montluc et a à tous autres ayant charge souz luy, de non laisser vivre leurs gens à discrétion ne autrement que de gré à gré suyvant les edictz et ordonnances du Roy, et qu'ilz feront diligences de mectre entre les mains de la justice tant les coupables desd. pretendus excès que ceulx qui auront contrevenu ausd. edictz, et feron satisfaire les parties intéressées, le tout soubz toutes telles peynes que de droict et raison; et néanlmoings par mesme moyen feront lesd. lieutenant criminel et huissier, inhibitions soubz mesmes peynes aux habitants dud. Lormont et desd. lieulx circonvoyins et d'autres lieulx que requis sera, de

non prendre les armes ny procéder par voye de faict, mesmes pour le recouvrement de leursd. Interestz, et ce pour obvier au grand scandalle et inconvenient qui s'en pourroit ensuyvre.

Faict à Bourdeaulx en parlement le XXVIII^e aoust M V^e LXVI.

Signés: Peccganson, pour lesd. pouvres habitants, Benoist, Belcier.

Anexo 5

Carta do Dr. Hernan Perez de Grado ao Dr. Velasco do Conselho Real e da Câmara de Sua Majestade, datada de 5 de fevereiro de 1567.

Arquivo de Simancas, Guerra y Marina, Leg, 72, 3.

Muy Ill^e Señor

Siempre despues que aqui llegue que ha auido con quien he escrito A Vm^e dandole quenta de las cosas destas yslas y del buen despacho que la audiencia da Econtentamiento grande que dello las yslas tienen, y lo que agora hay que hazer saber A Vm es lo Apaeçido en la ysla de la madera que es del Serenisimo Rey de Portugal muy çercana a esta con buen tiempo tres dias de nauegacion la mejor e mas Rica que el Rey de portugal tiene.

Bispera de Señor san fran^{co} passado llegaron A aquella ysla siete galeones de françia con mill hombres bien armados luteranos los seteçientos Arcabuzeros e trezientos caseletes y entre ellos muchos caualleros e algunos portugueses aun que pocos Tambien luteranos que sabian bien la ysla estos de dia hechar[on] quinientos hombres en tierra en el puerto q llaman del funchal que es la cibdad principal de la ysla e tomaron tierra sin ninguna resistencia porque los portugueses Creyeron no ser enemigos y ansi como Desaperçebidos e descuidados les ganaron la cibdad con sola perdida de dos hombres de su parte el Uno dellos el general A quien un tiro mato e luego les ganaron la fortaleza Adonde mataron mas de trezientos hombres e mugeres y entre ellos honze flaires franciscos captiuaron Algunos prinçipales De cuyo Resgate sacaron mucho dinero e lo que peor es desbarataron todos los templos heczando Por tierra todos los Retablos e ymagine e cruzifixos cortándoles pies y manos. La demas gente de la cibdad se entraron la tierra Adentro ya unque es isla de mucha Vezindad con el miedo que les Cobraron no procuraron de hecharlos de la tierra en diez y seis dias que allí estuuieron y eneste, Tiempo saquearon y Robaron la Riqueza que en la cibdad auia que hera grande y con ella muchas Armas, y ciento y çinquenta pieças di artillería sin dexarles ninguna que fuese de provecho, sino Abollados tomaron

una hurca flamenca y una carauela que ansi mismo cargaron del despojo y ansi con esta Riqueza y orgullo salieron todas nueue naos de aquella isla dela madera dia de sant lucas diez y ocho de otubre con animo E intençon de hazer lo mesmo enesta y ansi lo pusieron por obra y estuuieron Un dia y noche procurando por todas las vias que podian echar la gente En tierra, lo q^{ol} no pudieron hazer por estar como estauamos aVisados e hallar la isla toda en armas en las trincheas que en el poco de tiempo despues que lo supimos se auian hecho eansi se fueron y despues dellos y dos An Venido aqui otros cosarios tambien franceses que hizieron muestra de hazer lo mesmo e se fueron, como los p[??], estas yslas con estar en paso de yndias estan hechas fronteras mayormente por la florida A donde dizen y estamos aVisados que en françia estan treinta y siete galeones para salir e Yr sobre ella e de paso hazer todo el mal que pudieren enesta y esta nueva hemos tenido por Via de lisbona e mercaderes biuirnos conay dado é Recato Aparendonos de todo lo necessario para nuestra Defensa Aloqual el audiencia A dado y da todo calor y fabor y con el de nuestro S^{or} pensamos defendernos de todos ellos y de toda françia, la isla esta muy falta de armas especialmente tiene gran necessidade, Algunas culebrinas y tiros para con ellos y con los que tiene defender las casetas que esta ysla tiene que son muchas que es el mayor mal que esta ysla tiene A su mag se le significa esta necesidad por la audiencia el ysla para que su mag haga merced A esta Ysla demandarlo proueer de algunas culebrinas tiros coseletes, y otras armas porque la ysla esta muy pobre para poderlas comprar. A Vm Sup^{co} haga md A esta, ysla de faboreçerle enello. Como puede e si yo en algo A Vm puedo seruir Aqui me lo mande cuya muy Ill^a persona guarde nso S^{or} y prospere con acreçentamiento de estado de Canaria y de enero v de mdlxvii
Muy ill^e S^{or} besa las manos de v m su cierto svidor
[assina] el doctor hernan perez de grado

Anexo 6

Carta do encarregado de negócios Manuel d'Araújo, datada de 26 de novembro de 1566.

Torre do Tombo, Corpo Cronológico, Parte I, mç. 108, n.º 8.

Sör

nam ha muytos dias que escreui a V al como as cousas deste Reyno nam estauam nada seguras porqe os dias passados foy executado por iustiça e posto sobre a roda hũ soldado por sobrenome du mec ho qual descubrio a el rey e a rainha que ho almirante

lhe tinha dado carrego de hos matar e que faltara sua empresa ja por tres vezes no mando lhe hos lugares onde fora e sam certos soñrs que entraram naquelle comenos que elle essecutaua seu negoço a Rainha dixee e confessou que por duas ou tres vezes ho vira entrar na sua camara estando elrey com ella e que por todas ouuera medo de ver tal homẽ elle todavia foy arrastado porque ate entam ter emcuberto a treyçã e ho almirante absolto todauia elle persistio ate ho derradeyro sospire na mesma opiniam. ho condestabre [??] mays que numqua ainda que esta ao presente mal tratado da sua gota elrey e a rainha ho vam ver muytas vezes creo que se mudara pera paris, todos hos da sua cassa andam na corte muy fauoreçidos hos dous filhos mays velhos sam marichais de frança e sam do conselho, tambem os dous sobrinhos & o cardeal de xatillam e o almirante tambem do conselho, o cardeal anda todauia com hobeto de cardeal ainda que nam ha muytos dias que o nuntio do pappã e elle no conselho presente elrey teueram grandes defferenças sobre que se declarasse tomou tempo pera dar resposta mas creo que tarde ho fara porque come muyta renda da igreiya ho nuntio todavia aperta com elle.

dos da cassa de guissa nam ao presente na corte nemnhũ delles nem homẽ nem molher. teueram nesta corte a rainha descocea por morta e nam sem sospeita de peconha dizendo que fora seu marido causa por ficar gouernado ho reyno ate ho filho for en idade o que se delle pode crer pois consentio que nas fraldas da rainha matassem ho seu secretario que era muyto bom cristam e que aconselhaua a rainha em tudo muyto virtuossamente e principalmente nas cousas da nossa santa fe e pera se ver que foy elle en consentimento da morte do secretario mamdoulhes dar de beber e despois bebeu a elles.

el rey de franca mandou la ho conde de brienna que he sobrinho da molher do condestable a saber como tudo passaua.

estes dias passados chegaram a paris tres embayxadores de certos Soñrs da Alemanha hos quais elrey mandou prender e que lhe tomassem as memorias que traziam e a causa dizem que foy porque foram falar permeiro ao princepe de conde que estava em hũa terra sua e tambem ao almirante antes que viessem a corte e ho que hos foy prender nam no fez e recebeo deles certas escusas por ser da sua irrisam e foy ho meirinho da corte eles dixeram a elrey e a rainha que seos amos e Soñrs lhe deram cariego que fallassem permeio com ho princeppe de conde e com ho almirante porqe era sobre certo pagamento que era diuido aos soldados allemays que vieram ho tempo passado en ainda do princepe de conde ho qual pagamento pollo concerto das pazes foy dito que elrey hos pagaria e parece venssimille que viessem sobre isso.

tambem escreui a V al como chegara a brestes porto da baixa bretanha hũ nauio de obra de sesenta toneis carregado de couros que partira de normandia com hũa nao de trezentos toneis naqual tinham parte certos mercadores de ruam & pero lubin e trata em lisboa guilherme duvel bonauentura de cremont Jo breton e companhia aqual nao como este barchote trouxe por noua se perdeo de fronte das ilhas dos açores rica e que trazia mays de sesenta mil cruzados tanto do uso como de mercadorias dixeram hos do nauio que se quizera dar com hũa nossa nao e que a tormenta a metera no fundo por vir muy carregada hos mercadores tinham em paris segurado sobre a nao e mercadorias que mandaram a guine cincoenta mil francos que sam vinte mil cruzados dizem que ouue [es]ta fazenda toda na costa da guine ho barchote trouxe couros e algodons por doze mil francos que sam quatro mil e outocentos cruzados.

tambem escrevi a V. al. como vieram haqui nouas que ho turco [??] mays de seis semanas morto e sua morte encuberta a todos hus baxas e a todo o campo ate que chegou seu filho que ja vinha coroado emperador de constantinopla porque fora avisado da morte do pay por hũ seu filho que trazia ho auo consiguio no campo ho qual dizem ser hum bravo soldado en chegando ho filho ao campo fez alleuantar a mão a todos hos baxas se queriam guardar a fe que tinham prometida a seu pay que era soceder elle ao pay responderam todos alleuantando a mão que sy entam hos levou todos a tenda do pay e ho descubrio e viram que estaua morto e logo os baxas e hos genisseros ho alleuantaram por emperador.

dizem que se retirou loguo e que ho emperador ho seguio no qual alcance lhe matou bem sesenta mil homens mas com grande perda dos nossos que morrerram mays de quinze mil so auasse que morrera ho duque de ferrara mas já se nam falla. ã

en normandia ha peste portanto mande V al poor cobro porque qua nam he tam perigossa e la e o muyto, e mays morrẽ no inverno que no veram que diguo como esta triste noua da madeira chegou a paris e que mesmo hũ conselheyro de Ruam me ueo uer e me dixe que vinha da corte e que se tinham la as nouas da tomada da madeira por verdadeiras fuime luogo a corte pera ver ho que fazia e dezia muytos me deziã que eram verdadeiras todavia nom quis falar a elrey nem a rainha ate nam ter recado certo ho qual recebi da rochella a 8 deste mês por hũa carta de hũ meu amiguo ao qual pessaua asas porque ja viuera nesse reyno fuime entam a sam domingos falar com ho padre frey antonio de sousa, ho qual por suas virtudes e seu bom estado esta en grande reputaçã com todos e principalmente com todos estes embayxadores e lhe dixe que a triste noua que lhe tinha dito era verdadeira que me dicesse se lhe parecia bem que remostrasse a elrey de franca e a rainha quam feo caso era aquelle que fezera ho cappitam monluc en destruir e tomar a ilha da madeira elrey e a raina

estauam juntos na camara da Rainha e ambos me responderam que lhe pesaua muyto e que nunca elle tal fezera de seu consentimento e que ja tinham mandado por todos hos portos que en elle vindo a algũ dos portos que fosse retiudo a sua armada embargada e elle declarado por reuel a Rainha me perguntou se recebera algũ recado de Portugal e se V. al me mandara ou escrevera que me aqueyasse disso eu lhe dixi que nam mas que muyto bem me conheçia Sua Magestade e que auia muyto tempo que ella sabia que eu tratava hos negoços do Reyno de Portugal e que pois eu era criado del rey e que ao presente nam estaua ho embayxador en França mas enviado por Sua majestade a portugal para fazer e tratar ho cassamento del Rey meu Sõr e de sua filha nam podia eu fazer menos que remostrar a suas majestades a sem rezam que fora feyta a elrey meu Sõr e que entre infieys nam se fazia tam feo casso como tinha feyto ho cappitam monluc quanto mays entre princepes cristaõs e mays entre hos quais numqua ouuera guerra mas antes se esperara toda amizade e concordea, a rainha me dixi que fezera bẽ e que v. al. mo agradeçeria mays me dixi a rainha que fora defesso ao ditto monluc que nam tocasse en cousa nemnhũa doa amigos e aliados del rey de França e principalmete del rey de Portugal nem del rey de castella nam me pude callar que lhe nã dicesse que nam deuia sua majestade de saber do contrato feyto en arochella pello qual prometia de yr ao Benim e fazer ho trato por espaço de seis anos pois ho Benim a elrey meu Sõr he a rainha me respondeo que numqua soubera de tal contrato.

nam me posso callar da rainha que tenho da grande perda e desonrra nossa que aconteeço neste casso, se isto viera quando eu tinha carrego dos portos mamdame V al cortar a cabeça ainda que muytas vezes se nam pode tudo saber e en mỹ nam ouuera culpa mas pois Jo pereira soube e foy auisado quando esta armada se comecou a fazer que esteue mays de hũ ano e meo a se fazer fora muyto bom ao começo estroualla ho que se pode muyto bem fazer no começo porqe nam a despesa feyta ou se a alguã he tam pouca que se pode remedear e despois que a cousa vai a longa e que se os homẽs metam en despesa que estam tam empenhados que se nam podem desempenhar he necessãrio que a cousa va por diante e se ao começo se dixer a se requerira a rainha pois ella tinha vontade que este cassamento se acabasse ella fezera cesar a armada e senam entam, pollomenos quando Jo pereira estaua de caminho pera Portugal podera muyto bem dizer a rainha Soñra nam sera onrra minha yr eu a portugal falar en cassamento deyxando hũa armada prestes pera yr as terras del rey meu sõr, mas a muytos que propoen seu proveito e onrra particular aos negoços pũblicos podermeam dizer que cassar elrey negoçeo he publico (sed omnia cum tempore) mas muyto bem se podia fazer este permeyro que importaua

tanto ao reyno e depois ho outro mas tinha tanto medo que lhe furtasse outrem a bençam que se lhe nam deu nada mas que fosse a portugal cuidando de ser cabeça deste cassamento e que nam mandasse V al qua outrem mas nosso Sõr prove a tudo e bem sabe ho que faz e com rezam pidiram iustiças tam hos mortos que hos vivos de todos aquelles que foram causa de seu mal, e pois tantos desejos tinha de yr a portugal [??]xare alguém onde se fazia a armada disimulladamente e ja pode ser que podera descobrir a entencam dos da armada com ho tempo ou nesta corte com alguã despesa a custa do dinheyro que recebe pera hos portos do qual senam despende nada nos portos mas deixo la tudo a despeça conta a cada hũ do bem e do mal que fezer mas isto a V al a ley de verdadeyro cristam que nam posso soffrer este casso tam feo e perdoeme se fallo tam solto dizendo em tudo verdade.

e allem disso pois qua veo hũ correo com cartas pera elrey de franca escrever ao cappitam monluc que nam fosse porque nam escreveo Jo pereira a quem mandou as cartas que ouesse de elrey de franca pera o cappitam monluc lettras patentes da chancellaria que nam fosse nem partisse sopenna de casso ma[ior] e nam hũa lettra do [??] a qual sabem muyto bem que se nam garda e quando dam tais cartas he mays por comprimento que com vontade, confessam ambos que nam souberam negoçar, e se V. al. se allembra do tempo que elrey de castella cassou com a rainha dingraterra estando lyo loppes de sousa por embaxador na quella corte se fez huã armada a qual a rainha mandou desfazer e hos mercadores numqua allegaram outra cousa se nam que lho avrerem de defender mays cedo antes que tevessem comprado suas mercadorias e que se agora lho defendessem que ficariam destruidos por tanto ouue elrey por bem tomar as mercadorias por hũ iusto preço e asy ficaram hos mercadores contentes.

elrey de frança inviara muy cedo hũ gentilhomẽ seu a elrey e a Vossa al a se escusar e a lhe dizer que nam he en consentimento de tal cousa mas que lhe pessa muyto e creo certo que ho dara por reuel e ho dara por forasido de seu reyno mas de tudo isto creo en dẽs creo que já [??] que esperam ainda alguãs nouas as quais me parece que sam que se nã querem dar por sabedores ate elrey nam ja mandar a q eyxar ho que eu nam faria e perdoeme V. al. senam depois de ter mandado meter no fundo ho dito monluc com todos hos cosayros e depois de posto por obra para que hos outros que tem feyto tanto mal a esses reynos tomassem exemplo entam mandaria alguẽ a queixarme.

eu pedi a elrey e a rainha que ouessem por bem acordarme lettras patentes com ho grande sello nas quais lhe fosse mandado que nam tocasse cousa nemnhuã pertencente a elrey de portugal nem a seos vasallos e se alguã cousa [h]ouesse

tomada que a restituísse e nam querendo obedecer que sua magestade o declaraua por reuel e nam aueria por mal mandallo castiguar elrey de portugal estas patentes mas nam pedi senam a cautella porque se V al o mandasse castiguar que nam dicesse depois elrey de frança que lhe mandaua elrey meter no fundo seos vasallos V. al me mande escrever se quer que retire estas lettras porque a rainha me dixee que nam podia senam iustiça e que falaria no conselho nisso eu lhe dey huã memoria que continha esta sostança, a armada he forte e vam cada dia mays naos e gente portanto V. al. nam mande senam armada demays de cincoenta vellas para cima e muyta gente e boa porque estes soldados sam costumados a guerra.

Dou por auisso a V. al. que se tenha tento nas ilhas terceiras porque dizem que querem hauer hũ lugar onde possam esperar as armadas que vem tanto da noua espanha que das indias.

tambem se de auisso aos de samtome nam nos sobretome outra armada.

ho Sõr damillarca vis almirante de normandia traz nesta corte hũ requerete sobre duas naos que lhe meteram no fundo na costa de guine pede letra de marca nam creo que a auera e eu enquanto andar nesta corte terey auisso sobre isso.

elrey deu madeira ao cappitam monforte pera fazer quatro naos em bordeos por todos os portos de franca se arma onde tres onde quatro onde dous ate o cappitam estroci faz hũ galeone en baonna.

Po paullo esta iunto da rochella com quatro nauios muyto bem armados e espera ainda tres pera yr dar com ho capitam monluc. Sayo ao mar e tomou dous framengos que vinham despanha dizem que ho que lhe tomou vallia perto a trinta mil cruzados elrey o mandou a prender pollo capitam montao porque faltara ao capitam monluc a yr com elle como lhe tinha prometido e foy a requerimento do bispo de vallenga no delfinado que he seu tyo e he do conselho e tem credito nam pode prender ho Po paullo porque estaua forte no mar creo que ja sera partido.

far me a V. al merce em mandar pagar huã letra de cambio que tomey haqui pera seguir a corte e mandar saber pollos portos onde arma a qual he com ho cambeo de cento e dez cruzados e nisto receberey merce por não perder ho credito – a maor merce que peço a V al he que me queira mandar pagar certo ordenado que me he deuido pera me poder yr desta terra onde estou empenhado e allembresse de vinte a quatro ou cinco anos de serviço que a que sirvo elrey de tudo e passey todo ho bon tempo e ao presente nam tenho com que sostentar huã molher onrrada que tenho en me mandar dar resposta disto receberey grande merce porque sabendo a vontade de V al nam esperarey mays e buscarey minha vida e catarey alguẽ que me desampanhe por agora nam direy mays senam que nam deyxarey esta corte ate nam vir outrem pera de tudo

auissar V. al porque se diz ordenariamente que o princepe que nam tem nouas de todas as partes esta meo traido.

leue V al em conta esta carta porque [he] escrita sobre hũ enxerguam e de dous en que eu durmo en hũ e en ho outro dous mocos que tenho paguo cada noute tres tostons e de hũ cauallo que tenho daluguer hũ tostam porque outro tenho meu fico rogando por vida e estado a nosso Sor de V al e que dês livre a elrey e ho reyno de tantos cosayros de Sam mor onde ao presente está esta corte de frança duas leguas de paris a xvi de novembro de 1566.

J. manonel daraujo